

Luciano de Oliveira

**ESTUDO DOS CLÍTICOS E DAS CONSTRUÇÕES COM  
*CLITIC DISLOCATION* EM LÍNGUAS NEOLATINAS**

Dissertação apresentada ao Programa  
de Pós-Graduação em Linguística da  
Universidade Federal de Santa  
Catarina como requisito parcial para a  
obtenção do grau de Mestre em  
Linguística

Área de concentração: Teoria e Análise  
Linguística

Linha de pesquisa: Gramática e suas  
interfaces: descrição, análise e teoria  
(Sintaxe)

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sandra Quarezemin

FLORIANÓPOLIS  
2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Oliveira, Luciano de

Estudo dos clíticos e das construções com clitic  
dislocation en línguas neolatinas / Luciano de Oliveira ;  
orientadora, Sandra Quarezemin - Florianópolis, SC, 2016.  
169 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós  
Graduação em Linguística.

Inclui referências

1. Linguística. 2. Sintaxe Gerativa. 3. Línguas  
Neolatinas. 4. Clíticos. 5. Clitic Dislocation. I.  
Quarezemin, Sandra. II. Universidade Federal de Santa  
Catarina. Programa de Pós-Graduação em Linguística. III.  
Título.

Luciano de Oliveira

**ESTUDO DOS CLÍTICOS E DAS CONSTRUÇÕES COM *CLITIC*  
*DISLOCATION* EM LÍNGUAS NEOLATINAS**

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de “Mestre em Linguística” e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística.

Florianópolis, 07 de março de 2016.

---

Prof. Heronides Maurílio de Melo Moura, Dr.  
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Linguística

**Banca Examinadora:**

---

Prof<sup>ª</sup>. Sandra Quarezemin, Dr<sup>a</sup>. – Orientadora  
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Prof<sup>ª</sup>. Simone Lúcia Guesser, Dr<sup>a</sup>. – por videoconferência  
Universidade Federal de Roraima (UFRR)

Prof. Aquiles Tescari Neto, Dr. – por videoconferência  
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

---

Prof<sup>ª</sup>. Núbia Saraiva Ferreira, Dr<sup>a</sup>.  
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

---

Prof. Marco Antonio Martins, Dr. – Suplente  
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)



## AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar e acima de tudo, a Deus, por ter me permitido chegar a este ponto da minha trajetória (sem Ele e o gosto pelos estudos que me deu, as condições socio-culturais nas quais nasci não me teriam levado para além da antiga quarta série do 1º grau).

Naturalmente, agradeço também aos meus pais, que me acolheram e me deram condições para prosseguir nos estudos, na medida em que lhes foi possível. Tenho certeza de que continuam olhando por mim na outra dimensão.

Agradeço também a todos os professores que tive, que me auxiliaram no meu caminho, compartilhando comigo um pouco do seu saber, e em especial:

- à querida Rita de Cássia Cúrcio Fedrizzi, amiga, mãe espiritual e minha primeira professora, grande responsável por me incentivar na aventura de frequentar uma escola de 2º grau distante da minha casa e, com isso, me abrir os horizontes e me fazer querer ir cada vez mais além;
- ao meu professor de Física do 2º grau, Eurides de Souza Nunes, que sempre confiou na minha capacidade, a ponto de me presentear com uma bolsa integral no seu curso preparatório para o vestibular da UFSC;
- à minha orientadora, Professora Sandra Quarezemin, por ter me aceitado como seu orientando e me auxiliado a chegar até aqui;
- aos professores Simone Lúcia Guessier, Aquiles Tescari Neto e Núbia Saraiva Ferreira, por terem composto a comissão examinadora deste trabalho e pelas valiosíssimas sugestões dadas para o seu enriquecimento.

Agradecimentos são devidos também à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), pela bolsa de graduação sanduíche concedida a mim em 1999, enquanto cursava o curso de Engenharia Elétrica da UFSC, que concluí em 2003. Sem a estada na França, talvez eu não teria descoberto de maneira tão forte a paixão por línguas estrangeiras, o que me levou a me aventurar pelos caminhos da Linguística.

Não esqueço também de agradecer a todos os amigos que sempre me apoiaram durante toda a minha caminhada, em especial neste momento a Elisa Carosi, Nestor Ricardo Tejada e Monique Odile Therèse Abès Allain, que gentilmente se dispuseram a me ajudar na

avaliação das sentenças em italiano, espanhol e francês, respectivamente, as quais compõem uma parte dos dados usados neste trabalho.

## RESUMO

Os clíticos (ou pronomes pessoais átonos) são elementos que podem indicar, dentre outros constituintes, argumentos internos do verbo. No entanto, eles não apresentam o mesmo comportamento que os DPs (ou PPs) que recebem o papel temático atribuído pelo verbo, o que se deve principalmente ao fato de os clíticos não ocuparem a mesma posição sintática que aqueles constituintes. Também não apresentam estritamente o mesmo comportamento nas várias línguas, havendo por exemplo aquelas que privilegiam a próclise em situações em que outras os colocam em ênclise ao verbo, ou ainda línguas que possuem clíticos locativos e genitivos/partitivos, ao contrário de outras. Neste trabalho, além dos pontos já mencionados, são apresentados os sistemas de pronomes pessoais em línguas neolatinas, dentre elas o português brasileiro, o italiano, o espanhol e o francês. São apresentados também os conceitos básicos de focalização e de topicalização, assim como propriedades do fenômeno da reestruturação sentencial, necessários para a caracterização da categoria dos clíticos através dos testes aqui realizados nas línguas citadas. Finalmente, são descritos o fenômeno de *Clitic Dislocation* (ou Redobro do Clítico) nestas línguas e as diferenças existentes entre elas com relação a este ponto.

Palavras-chave: Sintaxe. Clíticos. *Clitic Dislocation*. Línguas Neolatinas.





## **ABSTRACT**

Clitics (or unstressed personal pronouns) are elements that can indicate, among other constituents, internal verbal arguments. However, they do not exhibit the same behavior as the DPs (or PPs) that receive the thematic role assigned by the verb, which is mainly due to the fact that clitics do not occupy the same syntactic position that those constituents do. Also they do not have strictly the same behavior in different languages: for example, there are those that put clitics on proclisis in situations where others put them at enclisis to the verb, or languages that have locative and genitive / partitive clitics, unlike others. In this work, in addition to the points already mentioned, the systems of personal pronouns are presented in Romance languages, among them Brazilian Portuguese, Italian, Spanish and French. The basics of focus and topicalization, as well as some properties of the sentential restructuring phenomenon, which are required to define the category of clitics through the tests carried out here in the aforementioned languages, are also presented. Finally, the Clitic Dislocation phenomenon is described in these languages and the differences between them with respect to this point.

Keywords: Syntax. Clitics. Clitic Dislocation. Romance languages.



## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1 –</b>	Esquema Representativo do Foco.....	43
<b>Figura 2 –</b>	Esquema Representativo do Tópico.....	44
<b>Figura 3 –</b>	Esquema Representativo de Dois Focos Consecutivos.....	49
<b>Figura 4 –</b>	Arquitetura do CP considerando o Foco e os Tópicos Possíveis na Sentença.....	50
<b>Figura 5 –</b>	Representação da Projeção CliticP.....	92
<b>Figura 6 –</b>	Representação das Projeções NomP, AccP e DatP...	92
<b>Figura 7 –</b>	Derivação da Sentença em (144).....	93
<b>Figura 8 –</b>	Derivação Parcial de (146).....	95
<b>Figura 9 –</b>	Movimento do DP não Realizado Foneticamente, Correferencial ao Clítico.....	96
<b>Figura 10 –</b>	Estrutura da Sentença e Movimentos do Clítico propostos por Rizzi (1993) e Belletti (1995).....	97
<b>Figura 11 –</b>	Derivação da Sentença em (148).....	99
<b>Figura 12 –</b>	Derivação Parcial da Sentença (149).....	100
<b>Figura 13 –</b>	Derivação da Sentença (150).....	102
<b>Figura 14 –</b>	Derivação Parcial da Sentença (160).....	112
<b>Figura 15 –</b>	Movimento de DP no CLLD.....	127
<b>Figura 16 –</b>	Derivação de (184).....	129



## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1 –</b>	Pronomes Pessoais no PB – Fala e Escrita.....	14
<b>Tabela 2 –</b>	Combinações e Contrações de Clíticos em Português.....	20
<b>Tabela 3 –</b>	Pronomes Pessoais no Italiano.....	21
<b>Tabela 4 –</b>	Pronomes Nominativos e Clíticos Acusativos e Dativos em P3 e P6 no Italiano.....	23
<b>Tabela 5 –</b>	Combinações e Contrações de Clíticos em Italiano (I).....	25
<b>Tabela 6 –</b>	Combinações e Contrações de Clíticos em Italiano (II).....	26
<b>Tabela 7 –</b>	Pronomes Pessoais no Espanhol.....	28
<b>Tabela 8 –</b>	Pronomes Nominativos e Clíticos Acusativos de P2 a P6 no Espanhol.....	31
<b>Tabela 9 –</b>	Combinações e Contrações de Clíticos em Espanhol.....	31
<b>Tabela 10 –</b>	Pronomes Pessoais no Francês.....	33
<b>Tabela 11 –</b>	Pronomes Nominativos e Tônicos e Clíticos Acusativos em P3 e P6 no Francês.....	36
<b>Tabela 12 –</b>	Combinações de Clíticos em Francês.....	36
<b>Tabela 13 –</b>	Posição do Clítico em Relação ao(s) Verbo(s) em PB, Italiano, Espanhol e Francês.....	83



## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

art.	artigo
CD	<i>Clitic Doubling</i>
cl.acc.	clítico acusativo
cl.dat.	clítico dativo
cl.gen.	clítico genitivo
cl.indef.	clítico indefinido (em construções impessoais)
cl.loc.	clítico locativo
cl.part.	clítico partitivo
cl.refl.	clítico reflexivo
CLLD	<i>Clitic Left Dislocation</i> (“deslocamento à esquerda com clítico”)
CLRD	<i>Clitic Right Dislocation</i> (“deslocamento à direita com clítico”)
conj.	conjunção
E	espanhol
ec	categoria vazia ( <i>empty category</i> )
F	francês
Foc	foco
fem.	feminino
G	grego moderno
GN	gramática nuclear
GT	gramática tradicional
GU	gramática universal
I	italiano
inv.	invariável
L1	língua mãe de um falante, primeira língua adquirida na infância
L2	língua aprendida após a aquisição da L1
LD	<i>Left Dislocated</i>
LE	língua estrangeira
LF	forma lógica ( <i>Logical Form</i> )
LIL	língua individual do letrado
masc.	masculino
NCLD	<i>Null Constant Left Dislocated</i>
nom.	nominativo
P1-P6	peçoas gramaticais (da 1 <sup>a</sup> à 6 <sup>a</sup> , correspondendo da 1 <sup>a</sup> do singular à 3 <sup>a</sup> do plural)
part.	partitivo

PB	português brasileiro
PE	português europeu
prep.	preposição
pron.nom.	pronome nominativo
pron.obl.	pronome oblíquo
pron.tôn.	pronome tônico
sing.	singular
subst.	substantivo
Top	tópico
v.	verbo



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>
<b>1 OS SISTEMAS DE PRONOMES PESSOAIS DAS LÍNGUAS EM QUESTÃO.....</b>	<b>11</b>
1.1 DEFINIÇÕES DE PRONOMES E DE CLÍTICOS PRONOMINAIS.....	11
1.2 O SISTEMA PRONOMINAL DO PORTUGUÊS BRASILEIRO.....	13
1.3 O SISTEMA PRONOMINAL DO ITALIANO.....	20
1.4 O SISTEMA PRONOMINAL DO ESPANHOL.....	27
1.5 O SISTEMA PRONOMINAL DO FRANCÊS.....	32
1.6 SÍNTESE DO CAPÍTULO 1.....	38
<b>2 ALGUNS PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....</b>	<b>41</b>
2.1 FOCO E TÓPICO NAS LÍNGUAS.....	41
2.1.1 Focalização.....	41
2.1.2 Topicalização.....	44
2.1.3 Algumas Diferenças Importantes entre Foco e Tópico.....	45
2.1.4 Proposta de Arquitetura do CP considerando Foco e Tópico.....	48
2.2 REESTRUTURAÇÃO.....	53
2.3 SÍNTESE DO CAPÍTULO 2.....	55
<b>3 A CATEGORIA DOS CLÍTICOS.....</b>	<b>57</b>
3.1 OS TESTES PARA A ANÁLISE DA CATEGORIA DOS CLÍTICOS.....	57
3.1.1 Os clíticos não se comportam como DPs lexicais ou pronomes não-clíticos.....	58
3.1.1.1 Um clítico não ocorre em posição argumental.....	58
3.1.1.2 Um clítico não ocorre em posição não-argumental.....	61
3.1.1.3 Um clítico não pode ocorrer como item isolado.....	62
3.1.1.4 Um clítico não pode ser coordenado.....	63
3.1.1.5 Um clítico não pode receber acento contrastivo.....	64
3.1.1.6 Um clítico não pode ser modificado.....	66
3.1.2 Os DPs lexicais e os pronomes não-clíticos não se comportam como os clíticos.....	67
3.1.2.1 A posição antes do verbo finito de um clítico objeto é imprópria para um DP lexical (ou PP) ou para um pronome.....	68

3.1.2.2	<i>A posição intermediária de um grupo verbal ocupada pelo clítico também é imprópria para um DP lexical ou um pronome.....</i>	69
3.1.2.3	<i>A posição pós-verbal de um clítico é diferente da posição de um DP lexical ou um pronome.....</i>	74
<b>3.1.3</b>	<b>O clítico é um núcleo.....</b>	<b>81</b>
3.1.3.1	<i>O clítico necessita de uma base verbal para se incorporar.....</i>	81
3.1.3.2	<i>Um advérbio não pode ocorrer entre o clítico e o verbo.....</i>	86
3.1.3.3	<i>O clítico não pode ser linearizado à esquerda de uma negação sentencial.....</i>	88
<b>3.1.4</b>	<b>Representações para a categoria CliticP.....</b>	<b>91</b>
3.2	O MOVIMENTO DOS CLÍTICOS.....	96
3.3	SÍNTESE DO CAPÍTULO 3.....	104
<b>4</b>	<b>CONSTRUÇÕES COM CLITIC DISLOCATION.....</b>	<b>107</b>
4.1	CARACTERÍSTICAS DAS CONSTRUÇÕES COM CLITIC DISLOCATION.....	107
4.1.1	<i>Deslocamento à Esquerda com Clítico (Clitic Left Dislocation – CLLD).....</i>	<b>109</b>
4.1.2	<i>Deslocamento à Direita com Clítico (Clitic Right Dislocation – CLRD).....</i>	<b>110</b>
4.1.3	<i>Diferenças entre o CLLD e o CLRD.....</i>	<b>111</b>
4.2	CLITIC DISLOCATION EM PB.....	113
4.3	CLITIC DISLOCATION EM ITALIANO.....	116
4.3.1	<i>Clitic Left Dislocation (CLLD) em Italiano.....</i>	<b>116</b>
4.3.2	<i>Clitic Right Dislocation (CLRD) em Italiano.....</i>	<b>119</b>
4.4	CLITIC DISLOCATION EM ESPANHOL.....	121
4.5	CLITIC DISLOCATION EM FRANCÊS.....	123
4.6	CLITIC DISLOCATION EM GREGO MODERNO.....	126
4.7	SÍNTESE DO CAPÍTULO 4.....	129
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>133</b>
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>147</b>

## INTRODUÇÃO

### JUSTIFICATIVA PARA A REALIZAÇÃO DESTE TRABALHO E DEFINIÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA

A Sintaxe Gerativa, na sua busca pela descrição das línguas naturais, procura sempre conhecer as regras computacionais envolvidas na geração da quantidade infinita de sentenças obtidas a partir de um número limitado de itens lexicais e funcionais de que as línguas dispõem. Este trabalho tem por intenção fornecer contribuições no que diz respeito ao comportamento dos clíticos em línguas neolatinas (português brasileiro – doravante PB –, italiano, espanhol e francês) e das construções com redobro do clítico nas mesmas línguas, construções estas conhecidas na literatura da área como *Clitic Dislocation*<sup>1</sup>.

Os clíticos correspondem ao que a Gramática Tradicional (doravante GT) chama de pronomes pessoais átonos (podendo apresentar formas diferentes de acordo com o caso que lhes é atribuído: acusativo, dativo, locativo, etc.). O *Clitic Dislocation* é verificado nas sentenças em que são realizados foneticamente os clíticos e os DPs (ou PPs) correferenciais. Exemplos destas construções são dados nos grupos de sentenças (1-4) a seguir, para as diferentes línguas citadas:

---

<sup>1</sup> Será dada prioridade, neste trabalho, às estruturas com *Clitic Dislocation* envolvendo objetos diretos ou indiretos.

Italiano:

- (1)<sub>I</sub><sup>2</sup> a. [Il parmigiano]<sub>i</sub> come [lo]<sub>i</sub> vuole?  
o(art.) parmesão como o(cl.acc.) quer(P3)  
“O queijo parmesão, como o(a) senhor(a) o quer?”
- b. [La mortadella]<sub>i</sub> [la]<sub>i</sub> vorrei affettata sottile.  
a(art.) mortadela a(cl.acc.) quereria(P1) fatiada fina  
“A mortadela, eu gostaria que ela fosse fatiada fina.”
- c. [Gli yogurt]<sub>i</sub> [li]<sub>i</sub> vorrei magri.  
os(art.) iogurtes os(cl.acc.) quereria(P1) magros  
“Os iogurtes, eu gostaria que eles fossem desnatados.”
- d. [Le olive]<sub>i</sub> [le]<sub>i</sub> vuole verdi o nere?  
as(art.) azeitonas as(cl.acc.) quer(P3) verdes ou pretas  
“As azeitonas, (a) senhor(a) as quer verdes ou pretas?”

(adaptado de ZIGLIO, RIZZO, 2014, p. 113)

Espanhol:

- (2)<sub>E</sub> a. [A las personas mayores]<sub>i</sub> [les]<sub>i</sub> sienta fatal este clima húmedo.  
a(prepos.) as(art.) pessoas maiores lhes(cl.dat.) sinta(P3)  
horrível este clima úmido  
“Para as pessoas mais velhas este clima úmido é horrível.”

---

<sup>2</sup> Já que haverá exemplos de várias línguas neste trabalho, na indicação de número desses exemplos será usado um índice para identificar a língua em questão, sendo:

- I – para o italiano;
- E – para o espanhol;
- F – para o francês;
- PE – para o português europeu;
- G – para o grego moderno.

Quando não houver índice, a língua será o PB.

Para a glosa das sentenças em línguas que não o português, serão indicadas entre parênteses as classes gramaticais de algumas palavras (para clíticos e pronomes não-clíticos, também o caso), o gênero (quando não coincidir com o gênero em PB) e, para os verbos finitos, a pessoa gramatical (de P1 a P6, ver Nota 11). No caso dos nomes próprios (excetuando-se nomes de lugares), para evitar traduções, serão usadas somente suas iniciais nas glosas e nas sentenças equivalentes em português.

A tradução destas sentenças será apresentada tendo como base o PB padrão.

- b. [A ella]<sub>i</sub> no [le]<sub>i</sub> caen nada bien esos chicos.  
a(prep.) ela não lhe(cl.dat.) caem(P6) nada bem esses rapazes  
“Esses rapazes não combinam nada com ela.”
- c. Yo creo que [a la presentadora]<sub>i</sub> no [le]<sub>i</sub> queda bien ese peinado.  
eu creio(P1) que a(prep.) a(art.) apresentadora não lhe(cl.dat.) fica(P3) bem esse penteado  
“Para a apresentadora, acho que esse penteado não fica bem nela.”
- d. [Esta película]<sub>i</sub> ya [la]<sub>i</sub> he visto dos veces.  
esta filme(fem.) já a(cl.acc.) tenho(P1) visto duas vezes  
“Este filme, eu já o vi duas vezes.”
- e. [A tus padres]<sub>i</sub> [los]<sub>i</sub> conocía, pero a ti no.<sup>3</sup>  
a(prep.) teus pais os(cl.acc.) conhecia(P1) mas a(prep.) ti não  
“Os teus pais eu conhecia, mas a ti, não.”
- f. [A mis padres]<sub>i</sub> no [les]<sub>i</sub> gustan mis amigos.  
a(prep.) meus pais não lhes(cl.dat.) agradam(P6) meus amigos  
“Meus pais não gostam dos meus amigos.”
- g. [A mi hermano]<sub>i</sub> [le]<sub>i</sub> duele mucho la cabeza.  
a(prep.) meu irmão lhe(cl.dat.) dói(P3) muito a(art.) cabeça  
“O meu irmão está com muita dor de cabeça.”
- h. [A ti]<sub>i</sub> [te]<sub>i</sub> pasa algo.  
a(prep.) ti te(cl.dat.) acontece(P3) algo  
“Está acontecendo alguma coisa contigo.”
- i. ¿[A vosotros]<sub>i</sub> [os]<sub>i</sub> gusta el queso?  
a(prep.) vós vos(cl.dat.) agrada(P3) o(art.) queijo  
“Vocês gostam de queijo?”

---

<sup>3</sup> Em espanhol se usa a preposição *a* diante de um objeto direto quando se trata de uma pessoa ou de um objeto (ou ser) personificado, como em (i):

(i)<sub>E</sub> ¿Ya has alimentado **a** los gatitos? Creo que están hambrientos.  
já tens(P2) alimentado a(prep.) os gatinhos / acho(P1) que estão(P6) famintos  
“Já alimentaste os gatinhos? Acho que eles estão com fome.”  
(FANJUL, 2005, p. 152)

- j. [A mí]<sub>i</sub> [**me**]<sub>i</sub> quedan mal los sombreros.  
 a(prep.) mim me(cl.dat.) ficam(P6) mal os(art.) chapéus  
 “Eu fico mal de chapéu.”
- k. [A ella]<sub>i</sub> no [**le**]<sub>i</sub> gustan los niños, pero a mí, sí.  
 a(prep.) ela não lhe(cl.dat.) agradam(P6) os(art.) crianças(masc.) mas a(prep.) mim sim  
 “Ela não gosta de crianças, mas eu, sim.”
- l. [A nosotros]<sub>i</sub> [**nos**]<sub>i</sub> gusta mucho salir por la noche.  
 a(prep.) nós nos(cl.dat.) agrada(P3) muito sair por a(art.) noite  
 “Nós gostamos muito de sair à noite.”
- m. ¿[A ustedes]<sub>i</sub> [**les**]<sub>i</sub> gusta el flamenco?  
 a(prep.) os(as)-senhores(as) lhes(cl.dat.) agrada(P3) o(art.) flamenco  
 “Os(as) senhores(as) gostam de flamenco?”
- n. ¿[A usted]<sub>i</sub> qué [**le**]<sub>i</sub> parecen las corridas de toros?  
 a(prep.) o(a)-senhor(a) o-que lhe(cl.dat.) parecem(P6) as(art.) corridas de touros  
 “O que o(a) senhor(a) acha das touradas?”  
 (adaptado de CASTRO, 1997a, p. 95 e 53)

### Francês:

- (3)<sub>F</sub> Qu'est-ce que t' [**en**]<sub>i</sub> dis [d'aller au cinéma demain]<sub>i</sub>?  
 o-que que tu-Ø(cl.gen.) dizes(P2) de-ir a(prep.)-o(art.) cinema amanhã  
 “O que achas de ir ao cinema amanhã?”

### Português Brasileiro:

- (4) [A Maria]<sub>i</sub>, eu [**a**]<sub>i</sub> encontrei no cinema ontem.

Como será mencionado à frente, os clíticos de 3ª pessoa (P3 e P6) têm apresentado um uso bastante restrito no PB, de modo que não são mais empregados na língua falada coloquial (a qual será privilegiada neste trabalho); assim, uma sentença como (4) só ocorre na língua escrita ou na falada não-coloquial.

É possível considerar que a presença ou a ausência do clítico em sentenças como as apresentadas acima pode refletir estruturas sintáticas distintas nas diversas línguas, ou gerar sentenças agramaticais, como acontece no italiano e no espanhol: no primeiro, é possível considerar



Para o desenvolvimento deste trabalho, como será verificado à frente, é admitido que o clítico nasce na sua projeção CliticP, seguindo a proposta de Sportiche (1998), e não como argumento do verbo (neste último caso, o clítico deveria se mover para CliticP posteriormente). Isso porque, dessa maneira, a projeção na qual se encontra o complemento verbal fica livre para abrigar o DP (ou o PP) correferencial ao clítico nas sentenças em que se tem *Clitic Dislocation*. Além disso, sendo CliticP uma projeção localizada dentro de IP, o clítico pode ser tratado da mesma forma que um afixo verbal.

A intenção de desenvolver esta pesquisa nasceu do interesse em conhecer, nas diversas línguas consideradas, as situações em que as construções a serem estudadas (sentenças com *Clitic Dislocation*) são empregadas, assim como as estruturas sintáticas geradas a partir de tal emprego. Dessa forma, o estudo a ser realizado poderá contribuir à análise sintática comparativa entre as línguas, na medida em que será possível estudar tais construções em cada uma dessas línguas e identificar em que pontos suas estruturas se aproximam ou se distanciam. A partir disso, intenciona-se também auxiliar os leitores que se interessam por línguas neolatinas a enriquecerem seus conhecimentos sobre o assunto.

## OBJETIVOS DO TRABALHO

Como descrito acima, o objetivo final deste trabalho é realizar a análise contrastiva entre línguas neolatinas com relação ao comportamento de estruturas com redobro do clítico (*Clitic Dislocation*) em cada uma delas, a partir da descrição da ocorrência dessas estruturas no PB, no italiano, no espanhol e no francês.

Para que este objetivo final seja atingido, outros se impõem. Dessa forma, são apresentados ao leitor panoramas dos sistemas de pronomes pessoais nas línguas envolvidas neste trabalho, bem como conceitos básicos que possibilitem a compreensão com relação à categoria dos clíticos e seu emprego nas estruturas com *Clitic Dislocation*.

Entretanto, este trabalho não tem a pretensão de ser exaustivo nesta análise. A intenção aqui é de descrever a categoria dos clíticos, assim como os fenômenos de *Clitic Dislocation* em línguas neolatinas, apresentando alguns pontos teóricos sobre o assunto, sem no entanto se comprometer profundamente com eles. Em um momento posterior (em



estudos de doutorado, no caso), poderá ser realizada uma análise mais teórica/explicativa sobre o tema abordado aqui.

Outro objetivo desta pesquisa é a verificação de uma hipótese: é suposto que, dentre as línguas consideradas, as construções com *Clitic Dislocation* sejam mais frequentes em espanhol, dada a grande utilização de clíticos resumptivos nesta língua. Em segundo lugar estaria o italiano em frequência de ocorrência dessas construções, seguido pelo PB e o francês (neste último, as estratégias com *Clitic Dislocation* são de rara constatação).

## METODOLOGIA EMPREGADA

Para a realização deste trabalho, inicialmente, foram pesquisadas fontes que tratassem do tema *Clitic Dislocation* nas línguas neolatinas mencionadas<sup>7</sup>, à luz da Sintaxe Gerativa. É justo mencionar, neste ponto, que a literatura fornece muito mais material sobre tais construções no italiano do que nas demais línguas.

Tendo por objetivo buscar bases para uma melhor compreensão do fenômeno e da categoria dos clíticos, foram consultados também livros e artigos sobre as propriedades da focalização, da topicalização e da reestruturação sentencial. Naturalmente, um breve estudo sobre os sistemas de clíticos nas línguas envolvidas foi igualmente realizado.

Durante toda a execução do trabalho, procurou-se ter como central os dados nas línguas para, a partir deles, buscar as teorias que os descrevessem. Procurou-se, em princípio, utilizar dados obtidos a partir de obras publicadas (livros e artigos) para as quatro línguas mencionadas. Quando isso foi possível, as fontes foram referenciadas (o mesmo acontecendo para as tabelas e figuras apresentadas). Para os dados em que foi necessário realizar alguma alteração (como destaques ou inclusão de índices que não havia no original), incluiu-se “adaptado de” à esquerda da especificação da fonte (como já verificado nas sentenças em (1-2)).

No entanto, nem sempre os dados necessários puderam ser localizados nas fontes mencionadas acima. Neste caso, o autor deste

---

<sup>7</sup> Lamenta-se, naturalmente, a não-consideração do romeno, também neolatino, e de outras línguas (ou “dialetos”) não consideradas como “padrão” – como o galego, o catalão, o napolitano, somente para citar algumas. Obviamente, sua inclusão na pesquisa não seria possível por limitações de tempo.

A menção ao português europeu (doravante PE) será realizada quando for julgado interessante sua comparação com as estruturas do PB.

trabalho os criou, a partir do seu conhecimento sobre as línguas estudadas. Dessa forma, as sentenças que não têm a fonte indicada, assim como as tabelas e as figuras, são de inteira responsabilidade do autor. No caso das sentenças em PB, uma vez que o autor é brasileiro, sua intuição foi considerada suficiente para o julgamento de (a)gramaticalidade das mesmas; em se tratando do italiano, do espanhol e do francês, uma vez que o autor não tem essas línguas como L1, submeteu as sentenças à avaliação de informantes nativos, sendo:

- Elisa Carosi a informante para a língua italiana, natural de Imperia, cidade da região da Liguria, ao norte da Itália;
- Nestor Ricardo Tejada o informante para a língua espanhola, natural da cidade (na verdade, *departamento*) de Rawson, província de San Juan, ao noroeste da Argentina;
- Monique Odile Thérèse Abès Allain a informante para a língua francesa, natural de Meknès, no Marrocos, mas de pais franceses e criada desde bebê em Marselha, cidade da região Provence-Alpes-Côte d'Azur, ao sudeste da França.

A orientação dada aos informantes, entretanto, foi de sempre avaliar as sentenças com base na variedade padrão de cada língua. Sempre que julgado interessante, ao longo do texto foram incluídos, sob forma de notas, comentários dos informantes acerca das sentenças por eles avaliadas.

Pensando em tornar a leitura deste trabalho acessível a um maior número de leitores, nas sentenças em línguas que não o português foram incluídas glosas e traduções feitas pelo próprio autor deste trabalho.

Ao longo do texto, sempre que foi necessário fazer destaques, foram empregadas aspas quando os termos se encontravam em português (PB ou PE) e usado itálico quando os mesmos se encontravam nas outras línguas.

Para a menção ao fenômeno de *Clitic Dislocation*, embora haja a tradução “redobro do clítico” em trabalhos em português (DINIZ (2007), PEREIRA (2006), dentre outros), escolheu-se manter o termo em inglês ao longo deste trabalho (em algumas passagens, entretanto, a tradução foi mantida juntamente com o termo em inglês). O mesmo foi feito com os termos *Clitic Left Dislocation* (CLLD), *Clitic Right Dislocation* (CLRD) e *Clitic Doubling* (CD) (os dois primeiros equivaleriam a “deslocamento à esquerda com clítico” e “deslocamento à direita com clítico”, respectivamente; o CD é um tipo particular de CLRD, como poderá ser visto no Capítulo 4 deste trabalho).

## ESTRUTURA DO TRABALHO

O texto se apresenta dividido em quatro capítulos.

No Capítulo 1 são apresentadas as definições de pronomes e de clíticos pronominais. Em seguida, os sistemas de pronomes pessoais nas quatro línguas envolvidas são considerados. Para o PB, tal sistema engloba os pronomes pessoais empregados na língua falada (coloquial e formal) e na escrita; para as demais línguas, o sistema empregado na língua escrita é o privilegiado (por limitações de espaço e de tempo, não foi possível fazer para essas línguas considerações acerca da variedade falada coloquial). Fazem-se, para cada sistema, considerações sobre pronomes que servem à formalidade ou à informalidade, suas formas com relação aos casos gramaticais em que são empregados, marcas de gênero existentes, formas duplas possíveis e especificidades para cada língua.

No Capítulo 2 são dadas noções de pressupostos teóricos importantes para o desenvolvimento dos capítulos subsequentes. Assim, são definidas as estratégias de focalização e topicalização empregadas nas línguas consideradas e as principais diferenças entre foco e tópico. É mencionada também a proposta de arquitetura da periferia esquerda da sentença, defendida por Rizzi (1997), considerando foco e tópico. Em seguida, é mencionado sucintamente o fenômeno de reestruturação sentencial, o qual tem por efeito mais importante para este trabalho o alçamento do clítico (conhecido como *Clitic Climbing* na literatura), importante para os testes apresentados no capítulo seguinte.

No Capítulo 3 são realizados testes para a caracterização da categoria dos clíticos, tendo por base o trabalho de Kanthack (2002). Para isso, é fornecida uma grande quantidade de dados nas quatro línguas, com o objetivo de demonstrar que os clíticos e os DPs (ou PPs) que exercem a função de complementos verbais são categorias que apresentam propriedades diferentes entre si, não podendo, principalmente, um clítico ocupar na sentença a mesma posição que um DP (ou PP) ocupa e vice-versa. Mostra-se, com isso, que os clíticos devem ser alojados, na arquitetura na sentença, em um núcleo próprio, dentro de IP (pois podem ser comparados a afixos verbais). Segue-se então, para essa categoria, a representação proposta por Sportiche (1998), segundo a qual o clítico nasce como núcleo da sua projeção, e não como argumento verbal. Dessa forma, torna-se possível na sentença a coocorrência do complemento verbal e do clítico correspondente,

condição essencial para a formação das construções com *Clitic Dislocation*. Ao final do capítulo são mencionados movimentos possíveis dos clíticos, propostos por Rizzi (1993) e Belletti (1995) (apesar de estes autores, ao contrário de Sportiche (1998), admitirem que o clítico nasce como complemento verbal na arquitetura da sentença).

No Capítulo 4 são apresentadas as construções com *Clitic Dislocation*, nas quais são realizados foneticamente na mesma sentença o clítico e o complemento verbal (DP ou PP) correferentes. Primeiramente são apresentadas as propriedades gerais do *Clitic Left Dislocation* (CLLD) ou deslocamento à esquerda com clítico e do *Clitic Right Dislocation* (CLRD) ou deslocamento à direita com clítico, nas quais o DP (ou PP) correferente ao clítico se posiciona à esquerda ou à direita do verbo, respectivamente. São descritas em seguida as propriedades dessas construções em cada língua, encontradas na GT (principalmente) e nas publicações relacionadas ao assunto, dentro da Sintaxe Gerativa. Ao final do capítulo, como curiosidade e buscando indicar que essas construções não são exclusividade das línguas neolatinas, são apresentadas informações sucintas sobre o assunto na língua grega moderna.

Ao final do trabalho, são apresentadas as Considerações Finais e as Referências Bibliográficas mencionadas ao longo do texto.

O trabalho se inicia, então, com a descrição dos sistemas de pronomes pessoais nas quatro línguas envolvidas, assunto do Capítulo 1.

# 1 OS SISTEMAS DE PRONOMES PESSOAIS DAS LÍNGUAS EM QUESTÃO

Sendo o objetivo deste trabalho discorrer sobre clíticos e as construções com *Clitic Dislocation* em línguas neolatinas, torna-se indispensável apresentar, neste capítulo, os sistemas de pronomes pessoais existentes nestas línguas. Antes disso, no entanto, são dadas definições de pronomes e de clíticos.

## 1.1 DEFINIÇÕES DE PRONOMES E DE CLÍTICOS PRONOMINAIS

De acordo com Dubois et al (2006 [1978], p. 489), **pronomes** são “palavras que se empregam para reenviar a ou substituir uma outra já utilizada no discurso (emprego anafórico), ou para representar um participante na comunicação, um ser ou um objeto presentes no momento do enunciado (emprego dêitico)”. No seu uso anafórico, os pronomes costumam servir à substituição de nomes (ou de DPs), mas também à de adjetivos e à de sentenças, como nos exemplos dados abaixo:

- (7) Tu és [corajoso]<sub>i</sub>? – Sim, eu [o]<sub>i</sub> sou.  
(8) Vais [escrever à tua mãe]<sub>i</sub>? – Pretendo fazê-[lo]<sub>i</sub>.  
(adaptado de DUBOIS et al, 2006 [1978], p. 489)

Para a GT, distinguem-se:

- os pronomes pessoais, que se diferenciam conforme se refiram àquele(s) que fala(m), àquele(s) a quem se fala e àquele(s) de quem se fala;
- os pronomes possessivos;
- os pronomes demonstrativos;
- os pronomes relativos;
- os pronomes indefinidos;
- os pronomes interrogativos.

É interessante verificar que na classificação de “pronome” na GT do português (tanto na do PB quanto na do PE) entram palavras que acompanham ou não um nome:

- (9) **Minha** filha costuma ficar calma quando a **tua** não chora.

- (10) **Aquele** homem você conhece; **este**, não.

Nesse sentido, em português as quatro palavras em negrito nas sentenças (9, 10) são classificadas como pronomes (possessivos ou demonstrativos); nas demais línguas consideradas neste trabalho (italiano, espanhol e francês), a GT classifica estes vocábulos diferentemente como pronomes ou como adjetivos (DARDANO e TRIFONE, 1997; ZATARAIN, ZATARAIN e ROMERO, 1998; GRÉGOIRE e THIÉVENAZ, 2005). Assim, nestas línguas, das palavras destacadas nas duas sentenças anteriores, são adjetivos aquelas que acompanham nomes: “minha” (adjetivo possessivo) e “aquele” (adjetivo demonstrativo). As demais, por não acompanharem nomes (e também por já subentenderem a presença de um nome) são classificadas como pronomes<sup>8</sup>.

Neste trabalho, serão considerados somente os pronomes pessoais, os quais em geral não admitem serem antecidos por determinantes. No plural, entretanto, as formas nominativas (ou tônicas) desses pronomes licenciam numerais e quantificadores antepostos (com ou sem preposição) como determinantes:

- (11) a. **Todos nós** sabemos que isso não se faz.  
 b. **Alguns de vocês** não são qualificados para esse serviço.  
 c. **Vários deles** foram selecionados.  
 d. **Quatro deles** estão desaparecidos.  
 e. **Nenhuma delas** ficou para contar a estória.

Estas formas dos pronomes pessoais podem apresentar também um determinante posposto, à condição que sejam adjetivos (“mesmo”, “próprio”) ou numerais (estes somente com pronomes no plural):

- (12) a. **Eu mesma** fiz isso.  
 b. **Nós mesmos** fizemos tal coisa.  
 c. **Nós três** fomos ao cinema.

(LOPES, 2013, p. 107, ênfase adicionada)

---

<sup>8</sup> Entretanto, Cunha e Cintra (2011, p. 333-334) já classificam de modo diferenciado os pronomes possessivos (mas não os demonstrativos): como “pronomes adjetivos” (quando acompanham um substantivo) ou como “pronomes substantivos” (quando são empregados sem estarem adjacentes a um substantivo).

Como se pode concluir pela explanação acima, com as formas no singular só é possível a modificação através do uso dos adjetivos “mesmo(a)” e “próprio(a)”<sup>9</sup>.

Os **clíticos** (ou clíticos pronominais) constituem uma (sub)classe de palavras dentro do que a GT chama de pronomes pessoais átonos (DUBOIS et al, 2006 [1978], p. 112-113). Dessa forma, respeitando-se a Gramática Gerativa, clíticos podem ser os pronomes (ou clíticos pronominais) ou as anáforas (que correspondem, na GT, aos pronomes reflexivos).

De acordo com Kanthack (2002, p. IX), clíticos “são elementos que, na maioria das vezes, correspondem a um argumento interno do verbo; porém, nas sentenças, eles não ocupam a posição de um verdadeiro argumento. Eles ocorrem, normalmente, adjacentes a um verbo, o que os caracteriza como elemento nuclear”. Exemplos de clíticos em PB podem ser verificados nas sentenças (13, 14):

(13) Sempre **me** atrapalho quando saio apressado e acabo esquecendo algo importante.

(14) Você viu a Sônia ontem? – Não, já faz um mês que não **a** vejo.<sup>10</sup>

De posse das definições de pronomes e de clíticos, são apresentados nas seções seguintes os sistemas de clíticos nas quatro línguas envolvidas neste trabalho, começando pelo PB.

## 1.2 O SISTEMA PRONOMINAL DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Em PB, os pronomes pessoais são os apresentados na Tabela 1 a seguir<sup>11</sup>:

---

<sup>9</sup> Naturalmente, o emprego de determinantes com pronomes se limita aos pronomes não-clíticos (a definição de clítico se encontra logo a seguir).

<sup>10</sup> Como será mencionado em seguida, o uso do clítico de terceira pessoa é restrito em PB.

<sup>11</sup> A decisão de se referir às pessoas do discurso como de P1 a P6 (e não como 1ª pessoa do singular, 1ª do plural, etc.) nas tabelas e nas glosas das sentenças se deve à interpretação de que, por exemplo, a 1ª pessoa do plural (P4) não se refere a “eu+eu” (não é o plural de “eu”), mas sim a “eu+tu/você” ou “eu+uma (ou várias) pessoas” (LOPES, 2013, p. 117).

**Tabela 1** – Pronomes Pessoais no PB – Fala e Escrita.

		FORMAS TÔNICAS	FORMAS ÁTONAS NA FALA E NA ESCRITA (CLÍTICOS)				FORMAS TÔNICAS OBLÍQUAS NA FALA E NA ESCRITA
		Nominativo	Acusativo (acc.)	Dativo (dat.)	Reflexivo (refl.) <sup>12</sup>	Indefinido	Formas nominativas em função acusativa e oblíqua <sup>o 13</sup>
SINGULAR	P1	eu	me	me	me		mim, comigo
	P2	tu, você <sup>14</sup>	te, <u>lhe</u> , <u>o</u> , <u>a</u>	te, lhe	te, se		ti, contigo, <u>você</u> <sup>o</sup> , <u>si</u> , <u>consigo</u> , <u>você</u> <u>mesmo</u>
	P3	ele, ela	<u>o</u> , <u>a</u>	<u>lhe</u>	se	<u>se</u> , <u>tu</u> , <u>você</u> , <u>a</u> <u>gente</u> <sup>15</sup>	<u>si</u> , <u>consigo</u> , <u>ele</u> <sup>o</sup> , <u>ela</u> <sup>o</sup> , <u>ele(a)</u> <u>mesmo(a)</u>
PLURAL	P4	<u>nós</u> , <u>a</u> <u>gente</u>	<u>nos</u>	<u>nos</u>	<u>nos</u> , <u>se</u>		<u>nós</u> , <u>conosco</u> , <u>a</u> <u>gente</u> <sup>o</sup>
	P5	vós, vocês	vós, <u>os</u> , <u>as</u>	vós, <u>lhes</u>	vós, se		vós, <del>convosco</del> , <u>vocês</u> <sup>o</sup> , <u>vocês</u> <u>mesmos</u>
	P6	eles, elas	<u>os</u> , <u>as</u>	<u>lhes</u>	se		<u>si</u> , <u>consigo</u> , <u>eles</u> <sup>o</sup> , <u>elas</u> <sup>o</sup> , <u>eles(as)</u> <u>mesmos(as)</u>

**Fonte:** adaptado de DUARTE, 2013, p. 120.

A Tabela 1 não se limita a apresentar somente os pronomes pessoais admitidos pela GT; também não se limita aos pronomes utilizados no PB escrito, trazendo também aqueles utilizados na língua falada (sendo

<sup>12</sup> Conforme especifica Sportiche (1983, p. 221) para o francês, os pronomes reflexivos nas quatro línguas podem ainda ser subclassificados como acusativos (como em “Nós **nos** visitamos”, podendo significar “Eu a visito” e “Ela me visita”) ou como dativos (como em “Nós **nos** telefonamos”: “Eu lhe telefono” e “Ela me telefona”).

<sup>13</sup> Na última coluna da Tabela 1, as formas que coincidem com as nominativas e são acompanhadas do sobrescrito <sup>o</sup> podem ser utilizadas com função acusativa ou oblíqua:

- (i) a. Eu vi **ele** na feira ontem.  
b. Eu fui **com ele** na feira ontem.

<sup>14</sup> Em P2 e P5 poderiam ainda ser incluídos os nominativos “o(s) senhor(es)” e “a(s) senhora(s)” (dentre outros, como “a(s) senhorita(s)”, “Vossa Excelência”), correspondentes a uma forma de tratamento respeitosa, cada vez menos frequente entre os mais jovens (DUARTE, 2013, p. 122) (nominativos estes que podem também ser usados com funções acusativa e oblíqua).

<sup>15</sup> Na coluna dos indefinidos, “tu”, “você” e “a gente” não constituem clíticos.



esta última menos conservadora que a escrita, não somente em PB mas, de modo geral, em todas as línguas naturais). Seguindo a simbologia de Duarte (2013, p. 119-120), nesta tabela são apresentados:

- tachados os pronomes extintos da fala e da escrita (o que acontece com o paradigma de “vós” – embora esses pronomes ainda estejam presentes em textos bíblicos e em outros contextos religiosos);
- sublinhados os pronomes de uso mais restrito a certos grupos sociais (em geral de maior prestígio) e até mesmo em extinção na fala espontânea;
- em itálico e negrito as formas inovadoras, que já começam a ser implementadas na escrita;
- sem grifos e em fonte normal os pronomes que fazem parte da língua oral e da escrita.

Como a autora menciona, no PB falado todos os pronomes nominativos podem exercer as funções acusativa, dativa e oblíqua (estas últimas com o uso de preposições) (DUARTE, 2013, p. 122). Haveria entretanto uma maior estigmatização para o uso dos pronomes “eu” e “tu” nestas funções, sem serem seguidos de infinitivo ou compondo uma *small clause* (tanto que estes pronomes não foram incluídos na última coluna da Tabela 1, pois estes usos não são admitidos na escrita):

- (15)
- a. Eu já disse pra **tu**: não te mete em briga de cachorro grande!
  - b. Tentei me esconder, mas ela viu **eu**.
  - c. Eu trouxe esse livrinho pra **tu** colorir.
  - d. Por que você está me olhando? Está achando **eu** bonito?

Nas sentenças em (15), (a, b) ilustram os empregos estigmatizados dos pronomes “eu” e “tu”; em (c), ocorre o pronome “tu” seguido de um infinitivo e, em (d), “eu” compondo uma *small clause* com o adjetivo “bonito”.

A observação da Tabela 1 revela ainda que P1 é a única pessoa que permanece inalterada, apresentando as mesmas formas para as línguas falada e escrita. Na sequência são explicados e exemplificados

(quando julgado necessário) outros pontos importantes que a Tabela 1 apresenta<sup>16</sup>.

O uso acusativo de “lhe” em P2 pode ser visto como uma substituição aos pronomes “o” e “a” (sentença (16) abaixo), enquanto que seu uso dativo vem sendo substituído por um PP, com o uso da preposição “a” na escrita e “pra” na fala (sentença (17)):

- (16) Não se esqueça que estamos preparados para deixar-**lhe** em plena forma a qualquer momento. (Jornal – texto de propaganda)

(DUARTE, 2013, p. 132)

- (17) Eu quis entregar o livro **pra** **você**, mas quando cheguei você já tinha ido embora.

“Tu” e “você” são pronomes que também vêm sendo usados em contextos de referência indeterminada, em construções existenciais, como em (18a) que tem sua equivalência em (18b):

- (18) a. **Você/Tu** tem uma loja lá na rua que só vive em liquidação.<sup>17</sup>  
b. Existe/Há uma loja lá na rua que só vive em liquidação.

(adaptado de LOPES, 2013, p. 104)

Segundo Lopes (2013, p. 104), o uso de “a gente” substituindo “nós” apresenta um caráter indeterminador, de modo que o falante pode evitar um maior comprometimento com o discurso, tornando-o mais vago e genérico (em oposição a uma nuance mais específica de “nós”). Isso porque “a gente” pode ser interpretado como “eu+você(s)+ele(s)+todo mundo ou qualquer um” (ainda que se combine com verbos em P3<sup>18</sup>). Um fato que pode corroborar essa

---

<sup>16</sup> Para uma explanação mais detalhada acerca dos pronomes apresentados na Tabela 1 (inclusive a variação diatópica dos mesmos, tendo como referência pesquisas de outros autores), consulte-se Duarte (2013, p. 120ss.).

<sup>17</sup> A combinação de “tu” com verbos em P3 tem se mostrado cada vez mais frequente no PB falado.

<sup>18</sup> Mas no PB falado não-padrão pode ser constatada a ocorrência de combinação de “a gente” com verbos em P4.

afirmação é o uso deste pronome em contextos de indeterminação, como em (19a) (com seu equivalente em (19b)):

- (19) a. **A gente** não tem mais paz hoje em dia pra criar os filhos.  
b. Não se tem mais paz hoje em dia pra criar os filhos.

Ainda considerando os pronomes nominativos, percebe-se uma propriedade interessante no português (que se repete em todas as línguas aqui consideradas, com exceção do espanhol, como se verá mais adiante): há marcas de gênero somente em P3 e P6, pois aí os pronomes assumem formas diferentes (o que acontece também com os clíticos acusativos<sup>19</sup>); nas demais pessoas (inclusive com “a gente”), o gênero formal dos pronomes é neutro, de modo que a interpretação de gênero do falante ou do ouvinte só pode ser realizada a partir do contexto:

- (20) a. Eu estou velha.  
b. A gente ficou arrasada.  
c. A gente ficou arrasado.

(LOPES, 2013, p. 111-112)

Em (20), só se identifica o gênero do falante a partir do uso dos adjetivos no feminino ou no masculino.

Com relação aos clíticos acusativos “o(s)” e “a(s)”, nota-se que os mesmos encontram-se praticamente extintos da fala no PB<sup>20</sup>, sendo geralmente substituídos pelas formas nominativas em função

Outro caso é o dos pronomes “você” e “vocês” que, embora correspondam semântico-discursivamente a P2 e a P5, combinam-se com verbos em P3 e P6 respectivamente.

É ainda comum a combinação de “a gente” com os pronomes “nos”, “nosso(a)(s)” e de “você” com “te”, “teu(tua)(s)” (LOPES, 2013, p. 115):

- (i) a. **A gente** trabalha muito, mas o **nosso** salário não é grande coisa!  
b. Estou **te** dizendo que **você** não deve correr um risco tão grande.

<sup>19</sup> Como é possível observar na Tabela 1, os clíticos acusativos de P3 e P6 podem ocorrer em P2 e P5 também, seguindo-se um uso mais restrito.

<sup>20</sup> Também praticamente extintos da língua falada se encontram os dativos “lhe” e “lhes” (em P3 e P6).

acusativa<sup>21</sup>. Tal fato é ilustrado por (21-24), nas quais as sentenças (a) poderiam corresponder à língua escrita e as (b), à falada:

- (21) a. [Papai]<sub>i</sub>, sempre [o]<sub>i</sub> vejo saindo cedo de manhã.  
b. [Papai]<sub>i</sub>, sempre vejo [você]<sub>i</sub> saindo cedo de manhã.
- (22) a. [Essa sua irmã]<sub>i</sub>, eu não [a]<sub>i</sub> suporto!  
b. [Essa sua irmã]<sub>i</sub>, eu não suporto [ela]<sub>i</sub>!
- (23) a. [Queridos amigos]<sub>i</sub>, gostaria de convidá-[los]<sub>i</sub><sup>22</sup> para o meu aniversário.  
b. [Queridos amigos]<sub>i</sub>, gostaria de convidar [vocês]<sub>i</sub> para o meu aniversário.
- (24) a. Quando você quiser [os livros]<sub>i</sub>, basta ir buscá-[los]<sub>i</sub> na biblioteca.

---

<sup>21</sup> Kanthack (2002, p. 114) classifica os clíticos do PB em dois grupos: o primeiro compreendendo “me”, “te”, “se”, “lhe”, “nos”, e o segundo, “o” (e, consequentemente, também “a”, “os”, “as”). Tal classificação se justifica por uma série de propriedades que a autora apresenta em seu trabalho, como o diferente posicionamento na sentença dos clíticos de cada grupo em presença de um ou mais verbos em adjacência (KANTHACK, 2002, p. 119-127). A seguir são apresentados exemplos de sentenças com dois verbos, onde o advérbio “sempre” serve a tornar claro sobre qual elemento verbal o clítico se apoia:

- (i) a. ?A Joana **me** quer sempre encontrar na escola.  
b. \*A Joana quer **me** sempre encontrar na escola.  
c. A Joana quer sempre **me** encontrar na escola.  
d. ?A Joana quer sempre encontrar **me** na escola.
- (ii) a. ??A Joana **o** quer sempre encontrar na escola.  
b. \*A Joana quer **o** sempre encontrar na escola.  
c. \*A Joana quer sempre **o** encontrar na escola.  
d. A Joana quer sempre encontrá **lo** na escola.

Como é possível verificar a partir das sentenças acima, o clítico “me” (pertencente ao primeiro grupo, sentenças (i)) possui uma liberdade maior de posicionamentos que o clítico “o” (do segundo grupo, sentenças (ii)).

<sup>22</sup> É importante lembrar que em português os clíticos “o(s)” e “a(s)” assumem as formas:

- “lo(s)” e “la(s)” após formas verbais terminadas em -r, -s ou -z (como em (23a) e (24a));
- “no(s)” e “na(s)” após formas verbais terminadas em ditongos nasais: “Põe-na”, “Trouxeram-nos”, “Tem-nos” (CUNHA; CINTRA, 2011, p. 291-292).

- b. Quando você quiser [os livros]<sub>i</sub>, basta ir buscar [eles]<sub>i</sub> na biblioteca.
- c. Quando você quiser [os livros]<sub>i</sub>, basta ir buscar [Ø]<sub>i</sub> na biblioteca.

Como exemplificado por (24c), no PB falado existe uma preferência pelo objeto nulo (DUARTE, 2013, p. 123), ou seja, não realizado foneticamente<sup>23</sup>.

Ainda sobre os clíticos de terceira pessoa (P3 e P6), sejam dativos ou acusativos, a autora menciona que estes, não pertencendo à Gramática Nuclear (GN) do indivíduo (aquela que se forma na criança durante o processo de aquisição da linguagem, resultando da seleção dos valores dos parâmetros da Gramática Universal – GU), são incorporados por este através do letramento ou de um contato maior com a escrita, pois fazem parte de uma gramática periférica à L1 ouvida durante a infância (DUARTE, 2013, p. 129)<sup>24</sup>. Esse seria um dos pontos que forma a Língua-I (Individual) do Letrado (LIL), a qual seria então a união entre a GN e o conjunto de regras aprendidas pelo adulto letrado (conjunto este visto como uma segunda língua – L2) (KATO, 2013, p. 150).

Nesse sentido, Kato (2013, p. 149) menciona que “em todas as línguas se observam diferenças entre a fala e a escrita, mas no Português do Brasil (PB) existe um fosso de tal ordem que para a criança aprender a ler e a escrever, ela enfrenta a tarefa da aprendizagem de uma língua estrangeira”.

Finalmente, em português é possível a combinação de dois clíticos, sendo um correspondente ao objeto indireto e o outro, ao objeto direto em uma mesma sentença. Em PB, essas construções encontram-se banidas, mas para que se possa fazer uma comparação com as demais línguas consideradas neste trabalho (as quais ainda apresentam um uso bastante produtivo dessas combinações, mesmo nas suas variedades orais), a Tabela 2 traz essas formas possíveis para a língua portuguesa:

---

<sup>23</sup> Assim como tem se revelado uma tendência ao uso do sujeito foneticamente realizado em vez do sujeito nulo no PB falado, o que tem tido reflexos inclusive na escrita (DUARTE, 2013, p. 123 e 125). Nesse sentido, a autora menciona ainda que o uso do sujeito nulo na escrita se deve à aprendizagem, ao longo do processo de escolarização.

<sup>24</sup> Os clíticos acusativos e dativos em P3 e P6, no entanto, não se encontram ausentes nas falas de crianças em fase pré-escolar que têm o italiano, o espanhol ou o francês como L1 (GALVES, 2001, p. 13).

**Tabela 2** – Combinações e Contrações de Clíticos em Português.

		CLÍTICOS ACUSATIVOS			
		o	a	os	as
CLÍTICOS DATIVOS	me	mo	ma	mos	mas
	te	to	ta	tos	tas
	lhe	lho	lha	lhos	lhas
	nos	no-lo	no-la	no-los	no-las
	vos	vo-lo	vo-la	vo-los	vo-las
	lhes	lho	lha	lhos	lhas

**Fonte:** adaptado de CUNHA; CINTRA, 2011, p. 322).

Após ter fornecido um panorama sobre os pronomes pessoais no PB, na sequência são apresentados os sistemas de pronomes pessoais para as demais línguas consideradas neste trabalho. A próxima seção trata do italiano.

### 1.3 O SISTEMA PRONOMINAL DO ITALIANO

Seguindo o exemplo do que foi realizado na seção anterior para o PB, na Tabela 3 são apresentados os pronomes pessoais existentes na língua italiana<sup>25</sup>:

---

<sup>25</sup> Por não serem o italiano, o espanhol e o francês línguas maternas do autor deste trabalho e na impossibilidade de se realizar uma pesquisa detalhada sobre a modalidade falada dessas línguas, serão considerados para as mesmas os sistemas pronominais da GT (como mencionado na Introdução deste trabalho).

**Tabela 3** – Pronomes Pessoais no Italiano.

		FORMAS TÔNICAS	FORMAS ÁTONAS (CLÍTICOS)						FORMAS TÔNICAS E OBLÍQUAS
		Nominativo	Acusativo (acc.)	Dativo (dat.)	Reflexivo (refl.)	Indefinido	Locativo (loc.)	Partitivo (part.)	
SINGULAR	P1	io	mi	mi	mi				me
	P2	tu, Lei <sup>26</sup>	ti, La (L')	ti, Le	ti, Si				te, Lei
	P3	lui, lei, egli, ella, esso, essa	lo (l'), la (l')	gli, le	si	si	ci (vi)	ne	lui, lei, esso, essa, sé
PLURAL	P4	noi	ci	ci	ci				noi
	P5	voi, Voi, Loro	vi, Vi, Le	vi, Vi, Gli	vi, Vi, Si				voi, Voi, Loro
	P6	loro, essi, esse	li, le	gli, loro	si		ci (vi)	ne	loro, essi, esse, sé

A seguir serão comentadas algumas propriedades deste sistema de pronomes pessoais.

No italiano há formas pronominais que são usadas para marcar a formalidade:

- em P2 ocorrem *Lei*, *La(L')*, *Le*, *Si* (nominativo, acusativo, dativo e reflexivo, respectivamente), usados

<sup>26</sup> A maiúscula nos pronomes indica, em italiano, o uso da forma de cortesia, o que equivale ao uso de “o(s) senhor(es)”, “a(s) senhora(s)” em PB.

No italiano é possível grafar com inicial maiúscula todas as formas dos pronomes pessoais de cortesia, assim como os adjetivos possessivos e os pronomes possessivos (SILVESTRINI et al, 1996, p. 84-85). Para as formas *voi*, *vi*, o uso de minúsculas também é verificado neste caso.

indistintamente para homens e mulheres, sendo que o nominativo se combina com o verbo em P3<sup>27</sup>;

- em P5 existem as formas *Loro, Le, Gli, Si*, (na mesma ordem de casos que acima), sendo o nominativo combinado com o verbo em P6; no entanto, cada vez mais têm sido usadas as formas *Voi, Vi* (nominativo com verbo em P5) que servem tanto para a formalidade quando para a informalidade (mas, neste último caso, com iniciais minúsculas).

Exemplos destas formas são dados em (25), sendo as sentenças (a) no singular e (b, c) no plural:

- (25)<sub>I</sub> a. **Lei**, signore, potrebbe dirmi che ore sono?  
o-senhor senhor poderia(P3) dizer-me(cl.dat.) que horas são(P6)  
“O senhor poderia me dizer que horas são?”
- b. **Voi**, signori, potreste dirmi che ore sono?  
vós senhores poderíeis(P5) dizer-me(cl.dat.) que horas são(P6)  
“Os senhores poderiam me dizer que horas são?”
- c. **Loro**, signori, potrebbero dirmi che ore sono?  
os-senhores senhores poderiam(P6) dizer-me(cl.dat.) que horas são(P6)  
“Os senhores poderiam me dizer que horas são?”

Algumas formas do acusativo singular (tanto em P2 como em P3) podem ser elididas diante de verbos começando com som vocálico, como indicado na Tabela 3 (formas entre parênteses). Entretanto, a elisão não é obrigatória nesses casos (e evitá-la pode desfazer ambiguidades, como em (26) abaixo):

- (26)<sub>I</sub> a. Sempre che posso, l'aiuto.  
sempre que posso(P1) o(a)(cl.acc.) ajudo(P1)  
“Sempre que posso, eu o(a) ajudo.”

---

<sup>27</sup> Em algumas regiões da Itália Meridional se usa a forma nominativa *Voi* (e *Vi* para os demais casos), combinada com verbo em P5, em lugar de *Lei* para a forma de cortesia singular (NADDEO, 1999, p. 21).



- b. Sempre che posso, **lo** aiuto.  
sempre que posso(P1) o(cl.acc.) ajudo(P1)  
“Sempre que posso, eu o ajudo.”

Similarmente ao que acontece no PB, no italiano há marcas de gênero somente nos pronomes em P3 e P6. Isso acontece no singular e no plural das formas nominativas e acusativas, e no singular das formas dativas. A Tabela 4 fornece a especificação de gênero para estes pronomes:

**Tabela 4** – Pronomes Nominativos e Clíticos Acusativos e Dativos em P3 e P6 no Italiano.

	NOMINATIVOS		ACUSATIVOS		DATIVOS	
	MASC.	FEM.	MASC.	FEM.	MASC.	FEM.
SINGULAR (P3)	lui, egli, esso	lei, ella, essa	lo (l')	la (l')	gli	le
PLURAL (P6)	loro, essi	loro, esse	li	le	gli, loro	

As formas mais frequentes de pronomes nominativos em P3 e P6 são *lui*, *lei* e *loro*, que podem ser usadas indistintamente para pessoas, coisas ou animais, sobretudo na língua falada (e com uma predominância cada vez maior na língua escrita). Para as outras formas, tem-se:

- *egli* e *ella* usados somente para pessoas (sendo *ella* de uso literário ou solene);
- *esso*, *essa*, *essi*, *esse* usados para coisas e animais (*essi*, *esse* e *essa* servindo também para pessoas, mas este último com um caráter literário ou regional; no entanto, na forma tônica oblíqua, nenhum desses quatro pronomes é usado para pessoas)<sup>28</sup>.

Sendo o italiano uma língua que apresenta valor positivo para o parâmetro do sujeito nulo, os pronomes nominativos não necessitam ser foneticamente realizados (a não ser em casos de ênfase ou quando há formas verbais idênticas para várias pessoas, para evitar ambiguidade).

No dativo, sendo *gli* uma forma tanto de singular como de plural, em alguns casos pode ser preferível o uso de *loro* (porém, a posição

<sup>28</sup> Para mais detalhes sobre o uso dos pronomes nominativos, ver Dardano e Trifone (1997, p. 237).

ocupada na sentença não é a mesma), apesar de o emprego de *gli* ser cada vez mais frequente que o de *loro*<sup>29</sup>:

- (27)<sub>I</sub> a. **Gli** dico di venire da me.  
 lhe/lhes(cl.dat.) digo(P1) de vir a/em mim  
 “Eu digo a ele(eles/elas) que venha(m) à minha casa.”  
 b. Dico **loro** di venire da me.  
 digo(P1) lhes(cl.dat.) de vir a/em mim  
 “Eu digo a eles(elas) que venham à minha casa.”

Uma diferença que o italiano (assim como o francês) possui em relação ao português (tanto PB como PE) e ao espanhol é a presença de clíticos com função locativa e partitiva (ou genitiva): *ci* (*vi*) e *ne*, respectivamente.

A partícula *ci* (mais raramente assumindo a forma *vi*, na língua formal ou escrita) pode assumir várias funções e significados, mas, na função locativa (como o nome sugere), serve para substituir um local<sup>30</sup>:

- (28)<sub>I</sub> Mi piace così tanto [Roma]<sub>i</sub> che [**ci**]<sub>i</sub> resto due mese all'anno.  
 me(cl.dat.) agrada(P3) tão muito Roma que Ø(cl.loc.) permaneço(P1) dois meses a(preposition)-o(art.)-ano  
 “Eu gosto tanto de Roma que passo dois meses por ano lá.”

*Ne* também possui várias funções, mas na de partitivo (ou genitivo) é em geral usada quando se fala de quantidades:

- (29)<sub>I</sub> a. Quante [paste]<sub>i</sub> vuoi? – [**Ne**]<sub>i</sub> voglio due.  
 quantas salgadinhos(fem.) queres(P2) – Ø(cl.part.) quero(P1) duas  
 “Quantos salgadinhos você quer? – Quero dois.”

<sup>29</sup> Na língua falada, o dativo singular *gli* pode substituir o dativo feminino *le*.

<sup>30</sup> Para informações sobre os outros usos de *ci* e *ne*, é possível consultar Naddeo (1999, p. 58-59).

- b. Ho comprato [questo libro]<sub>i</sub>, ma [**ne**]<sub>i</sub> ho lette poche pagine.  
tenho(P1) comprado este livro ma Ø(cl.gen.)  
tenho(P1) lidas poucas páginas  
“Comprei este livro, mas li poucas páginas dele.”

Em italiano são possíveis ainda combinações de clíticos, geralmente ocorrendo a forma dativa (ou reflexiva, ou locativa) anteposta à acusativa (ou partitiva/genitiva). A Tabela 5 apresenta este fenômeno:

**Tabela 5** – Combinações e Contrações de Clíticos em Italiano (I).

		CLÍTICOS ACUSATIVOS				CLÍTICO PARTITIVO
		lo	la / La	li	le / Le	ne
CLÍTICOS DATIVOS OU REFLEXIVOS	mi	me lo	me la	me li	me le	me ne
	ti	te lo	te la	te li	te le	te ne
	gli	glielo	gliela	glieli	gliele	gliene
	le	glielo	gliela	glieli	gliele	gliene
	Le	Glielo	Gliela	Glieli	Gliele	Gliene
	sì	se lo	se la	se li	se le	se ne
	Si	Se lo	Se la	Se li	Se le	Se ne
	ci	ce lo	ce la	ce li	ce le	ce ne
CLÍTICO LOCATIVO	vi	ve lo	ve la	ve li	ve le	ve ne
	Vi	Ve lo	Ve la	Ve li	Ve le	Ve ne
	gli	glielo	gliela	glieli	gliele	gliene
	Gli	Glielo	Gliela	Glieli	Gliele	Gliene
	ci	ce lo	ce la	ce li	ce le	ce ne

As combinações de pronomes compostas de duas palavras aglutinam-se ao verbo quando podem ocorrer em ênclise (assim como todos os clíticos simples e as combinações compostas de uma só palavra, como *glielo*), como indicado em (30c):

- (30)<sub>I</sub> a. Puoi consegnare questo libro a me?  
podes(P2) entregar este livro a(prep.) mim(pron.obl.)  
“Podes me entregar este livro?”

- b. No, non **te lo** posso consegnare.  
 não não te(cl.dat.) o(cl.acc.) posso(P1) entregar  
 “Não, não posso entregá-lo a ti.”
- c. No, non posso consegn**artelo**.

Nas combinações com os acusativos *lo* e *la/La*, a elisão é facultativa diante de verbos começando com vogal (ou com som vocálico):

- (31)<sub>I</sub> a. Chi ti ha comprato questa borsa?  
 quem te(cl.dat.) tem(P3) comprado esta bolsa  
 “Quem comprou esta bolsa para você?”
- b. **Me l'**ha comprata mio marito.  
 me(cl.dat.) a(cl.acc.)-tem(P3) comprada meu marido  
 “O meu marido comprou-a para mim.”
- c. **Me la** ha comprata mio marito.

Foram vistas até agora os casos em que, nas combinações e contrações, os clíticos acusativos (ou partitivos) se localizam à direita. No entanto, quando o locativo *ci* se combina com pronomes diretos *mi*, *ti*, *ci* e *vi*, o que se verifica é que os acusativos permanecem antepostos (porém, *ci+ci = ci*). Isto é visível na Tabela 6:

**Tabela 6** – Combinações e Contrações de Clíticos em Italiano (II)<sup>31</sup>.

		CLÍTICOS ACUSATIVOS			
		mi	ti	ci	vi
CLÍTICO LOCATIVO	ci	mi ci	ti ci	ci	vi ci

Um exemplo destas construções é dado na sentença em (32b):

- (32)<sub>I</sub> a. Mi porti in discoteca stasera?  
 me(cl.acc.) levas(P2) em discoteca esta-noite  
 “Me levas à discoteca hoje à noite?”

<sup>31</sup> Estas formas são sempre escritas em duas palavras e usadas em próclise (ao menos, durante a execução deste trabalho, não foram localizados dados ou informações que indicassem seu uso em ênclise).

- b. Sicuro che **ti ci** porto.  
 claro que te(cl.acc.) Ø(cl.loc.) levo(P1)  
 “Claro que te levo.”

Finalmente, quando ocorre um clítico reflexivo (ou um indefinido) em conjunto com um dativo (ou com um acusativo), este último ocorre à esquerda (mas este tipo de construção pode ser considerado raro):

- (33)<sub>I</sub> Quando il bambino ha visto [la mamma]<sub>i</sub>, [**le**]<sub>i</sub> **si** è gettato tra le braccia.  
 quando o(art.) menino tem(P3) visto a(art.) mamãe lhe(cl.dat.) se(cl.refl.) é(P3) jogado entre as(art.) braços(fem.)  
 “Quando o menino viu a mãe, jogou-se nos braços dela.”  
 (adaptado de NADDEO, 1999, p. 79)

- (34)<sub>I</sub> [Italia]<sub>i</sub>: [**la**]<sub>i</sub> **si** ama o [**la**]<sub>i</sub> **si** odia.  
 Itália a(cl.acc.) se(cl.indef.) ama(P3) ou a(cl.acc.) se(cl.indef.) odeia(P3)  
 “Itália: ou se ama ou se odeia.”

Com o sistema pronominal do italiano caracterizado, na seção seguinte são apresentados os pronomes pessoais existentes no espanhol.

#### 1.4 O SISTEMA PRONOMINAL DO ESPANHOL

Para o espanhol, o sistema de pronomes pessoais é apresentado na Tabela 7:

**Tabela 7** – Pronomes Pessoais no Espanhol.

		FORMAS TÔNICAS	FORMAS ÁTONAS NA FALA E NA ESCRITA (CLÍTICOS)				FORMAS TÔNICAS OBLÍQUAS NA FALA E NA ESCRITA
		Nominativo	Acusativo (acc.)	Dativo (dat.)	Reflexivo (refl.)	Indefinido	
SINGULAR	P1	yo	me	me	me		mí, conmigo
	P2	tú, vos, usted (Ud.)	te, lo (le), la	te, le	te, se		ti, contigo, vos, usted (Ud.)
	P3	él, ella, ello	lo (le), la	le	se	se	sí, consigo, él, ella, ello
PLURAL	P4	nosotros, nosotras	nos	nos	nos		nosotros, nosotras
	P5	vosotros, vosotras, ustedes (Uds.)	os, los, las	os, les	os, se		vosotros, vosotras, ustedes (Uds.)
	P6	ellos, ellas	los (les), las	les	se		sí, consigo, ellos, ellas

Também em espanhol há pronomes específicos para o tratamento formal:

- *usted* (abreviado *Ud.*), *lo(le)/la*, *le*, *se* (nominativo, acusativo, dativo e reflexivo, respectivamente) em P2 (mas nominativo combinado com verbos em P3) são usados indistintamente para homens e mulheres (havendo concordância de gênero somente no acusativo), em todas as regiões de fala hispânica;
- *ustedes* (abreviado *Uds.*), *los(les)/las*, *les*, *se* (mesma sequência de casos que acima), em P5 (mas nominativo com verbos em P6), possuem as mesmas propriedades que as formas acima, porém sendo usados no plural.

Entretanto, há diferenças de uso de pronomes para a informalidade em P2 e P5. Assim, os nominativos:

- *vos* (com o correspondente *te* para os demais casos) é usado no lugar de *tú* em P2 “em várias regiões de fala hispânica, fundamentalmente na Argentina e na maior parte do Uruguai” (FANJUL, 2005, p. 176, tradução minha);
- *vosotros/vosotras* (*os* para os demais casos) em P5 só é usado na Espanha, sendo substituído na América Latina por *ustedes* (*los/las, les, se*). Dessa maneira, nas regiões de fala hispânica excetuando-se a Espanha, *ustedes* (e seus demais casos) é usado para expressar tanto a formalidade como a informalidade.

Assim como o PE e o italiano, o espanhol é uma língua de sujeito nulo, ou seja, as formas pronominais nominativas não necessitam ser realizadas foneticamente<sup>32</sup>.

Também não existem em espanhol clíticos locativos ou partitivos que se possam realizar foneticamente, semelhantemente ao PB (e ao PE).

Uma particularidade é notada no espanhol com relação às demais línguas envolvidas nesse trabalho: o nominativo *vos* possui a propriedade de mudar o paradigma de conjugação verbal no presente do indicativo e no imperativo afirmativo em P2<sup>33</sup>:

- (35)<sub>E</sub> a. ¿**Querés** un té con limón?  
           queres(P2-*vos*) um chá com limão  
           “Você quer um chá com limão?”
- b. ¿**Quieres** un té con limón?  
           queres(P2-*tú*) um chá com limão  
           “Você quer um chá com limão?”

---

<sup>32</sup> Como já foi mencionado, o PB está perdendo a característica de língua de sujeito nulo; atualmente, pode ser considerada língua de sujeito nulo parcial, pois esta característica ainda se verifica sobretudo na língua escrita (no passado, entretanto, o PB já foi uma língua de sujeito nulo prototípica, assim como o italiano e o espanhol são hoje). Ver Nota 107 para a menção a autores que tratam da mudança pela qual passa o PB neste sentido.

<sup>33</sup> Para detalhes sobre as regras de conjugação destes tempos verbais com *vos*, consulte-se Fanjul (2005, p. 176).

- (36)<sub>E</sub> a. **Decime** qué necesítas.  
 diz(P2-*vos*)-me(cl.dat.) o-que necessitas(P2-*vos*)  
 “Diz-me do que precisas.”
- b. **Dime** qué necesitas.  
 diz(P2-*tú*)-me(cl.dat.) o-que necessitas(P2-*tú*)  
 “Diz-me do que precisas.”

Além disso, é possível dizer que o paradigma verbal está perdendo P5 na América Latina, uma vez que *vosotros/vosotras* (e *os*) não tem sido mais usado (como acontece com “vós” no PB).

Outra particularidade é o *leísmo*, fenômeno frequente na Espanha que consiste em usar a forma *le* (ou *les*) para pessoas no lugar do clítico acusativo *lo* (ou *los*) (indicados entre parênteses na Tabela 7) (CASTRO, 1997b, p. 63):

- (37)<sub>E</sub> [A Pedro]<sub>i</sub>, que es muy amigo mío, [**le**]<sub>i</sub> conocí en la universidad.  
 a(prepos.) P. que é(P3) muito amigo meu o(cl.acc.)  
 conheci(P1) em a(art.) universidade  
 “O P., que é muito amigo meu, eu conheci na universidade.”

(adaptado de FANJUL, 2005, p. 62)

Das quatro línguas analisadas, o espanhol é a que apresenta a maior quantidade de marcas de gênero nos pronomes pessoais. No nominativo, isso se verifica de P3 a P6<sup>34</sup>:

---

<sup>34</sup> Em P2 e em P5 é também possível a verificação de marcas de gênero nos clíticos acusativos para o tratamento formal, como mostra a Tabela 8; P4, entretanto, não apresenta marcas de gênero no acusativo.



**Tabela 8** – Pronomes Nominativos e Clíticos Acusativos de P2 a P6 no Espanhol.

		NOMINATIVOS		ACUSATIVOS	
		MASC.	FEM.	MASC.	FEM.
SINGULAR	P2	tú, vos		te	
		usted		lo (le)	la
	P3	él	ella	lo (le)	la
		ello		lo	
PLURAL	P4	nosotros	nosotras	nos	
	P5	vosotros	vosotras	os	
		ustedes		los (les)	las
	P6	ellos	ellas	los (les)	las

O pronome *ello* é indefinido, correspondendo a “isso”:

- (38)<sub>E</sub> Por todo **ello**, no te creo.  
 por(prep.) tudo ele(pron.obl.) não te(cl.acc.) acredito(P1)  
 “Por tudo isso, não acredito em ti.”  
 (ZATARAIN; ZATARAIN; ROMERO, 1998, p. 52, ênfase adicionada)

De maneira similar ao que ocorre no português, as formas combinadas de clíticos em espanhol ocorrem sempre com o dativo à esquerda e o acusativo à direita, como mostrado na Tabela 9:

**Tabela 9** – Combinações e Contrações de Clíticos em Espanhol.

		CLÍTICOS ACUSATIVOS			
		lo	la	los	las
CLÍTICOS DATIVOS	me	me lo	me la	me los	me las
	te	te lo	te la	te los	te las
	le	se lo	se la	se los	se las
	nos	nos lo	nos la	nos los	nos las
	os	os lo	os la	os los	os las
	les	se lo	se la	se los	se las

Estas formas são escritas separadas quando em próclise, mas aglutinam-se ao verbo quando em ênclise:

- (39)<sub>E</sub> a. ¿Julia, [le]<sub>i</sub> has dado ya la merienda [al niño]<sub>i</sub>?  
 J. lhe(cl.dat.) tens(P2) dado já a(art.) merenda  
 a(prep.)-o(art.) menino  
 “J., você já deu o lanche para o menino?”
- b. No, **se lo** voy a dar ahora mismo.  
 não lhe(cl.dat.) o(cl.acc.) vou(P1) a(prep.) dar agora  
 mesmo  
 “Não, vou dar agora mesmo.”
- c. No, voy a dárselo ahora mismo.

(adaptado de CASTRO, 1997b, p. 62)

Tendo sido apresentados os pronomes pessoais em espanhol nesta seção, na próxima são fornecidas informações sobre o sistema do francês.

## 1.5 O SISTEMA PRONOMINAL DO FRANCÊS

Na Tabela 10 são apresentados os pronomes pessoais existentes no francês:

**Tabela 10** – Pronomes Pessoais no Francês.

		FORMAS TÔNICAS	FORMAS ÁTONAS (CLÍTICOS)						FORMAS TÔNICAS E OBLÍQUAS
		Nominativo	Acusativo (acc.)	Dativo (dat.)	Reflexivo (refl.)	Indefinido	Locativo (loc.)	Partitivo (part.)	
SINGULAR	P1	je	me (m')	me (m')	me (m')				moi
	P2	tu, vous	te (t'), vous	te (t'), vous	te (t'), vous				toi, vous
	P3	il, elle, ça (c')	le (l'), la (l')	lui	se (s')	il, se, on	y	en	lui, elle, soi
PLURAL	P4	nous, on	nous	nous	nous				nous
	P5	vous	vous	vous	vous				vous
	P6	ils, elles	les	leur	se (s')		y	en	eux, elles, soi

Como é possível concluir pela comparação com os sistemas das demais línguas, o francês é a língua aqui analisada que tem o sistema pronominal mais econômico.

Para começar, existe uma só forma de cortesia no francês: *vous* (que apresenta a mesma forma em todos os casos), servindo tanto para o singular quanto para o plural (sempre se combinando com verbos em P5) e não apresentando marcas de gênero em nenhum caso. Consequentemente, no plural será o contexto a identificar se se trata de uma situação de formalidade (como em (40a)) ou de informalidade ((40b)):

- (40)<sub>F</sub> a. Monsieur, **vous** pourriez attendre cinq minutes?  
senhor vós poderíeis(P5) esperar cinco minutos  
“Senhor, o senhor poderia esperar cinco minutos?”

- b. Chers amis, **vous** êtes très importants pour moi.  
 caros amigos vós sois(P5) muito importantes para mim  
 “Meus caros amigos, vocês são muito importantes para mim.”

O francês é uma língua de sujeito não-nulo, assim como o inglês: o pronome nominativo sempre deve ser foneticamente realizado. Isso se atribui principalmente ao fato de o paradigma verbal para a maioria dos tempos e modos ser fonologicamente igual para várias pessoas gramaticais. Inclusive, para os verbos ditos impessoais, deve-se usar o pronome expletivo *il*:

- (41)<sub>F</sub> **Il** pleuvra beaucoup en France cette année.  
 ele choverá(P3) muito em França esta ano(fem.)  
 “Vai chover muito na França este ano.”

*Ça(c’)* é um pronome que pode corresponder a *isso*:

- (42)<sub>F</sub> **Ça** ne vaut pas la peine d’être si entêté.  
 isso não vale(P3) não a(art.) pena de-ser tão teimoso  
 “Não vale a pena ser tão teimoso.”

Outro pronome pessoal que serve à indeterminação é *on*, que pode ser equivalente a “alguém” ou a “as pessoas”. No entanto, pode também ser um substituto para “nós” (equivalente a “a gente” em PB). É sempre combinado com verbos em P3, embora possa haver concordância de adjetivos ou participios quando o sentido é de plural (ou de feminino):

- (43)<sub>F</sub> a. **On** a trouvé du pétrole en mer du Nord.  
 a-gente tem(P3) encontrado do(part.) petróleo em mar de-o(art.) Norte  
 “Encontrou-se petróleo no Mar do Norte.”  
 b. Jo et moi, **on** est fatigués.  
 J. e mim a-gente está(P3) cansados  
 “J. e eu, a gente está cansado.”

(GRÉGOIRE; KOSTUCKI, 2012, p. 90 e 200, ênfase adicionada)

Ao contrário do italiano, no francês é obrigatória a elisão diante de verbos (ou de outros clíticos) começando por som vocálico para os pronomes que podem sofrê-la (indicados entre parênteses na Tabela 10)<sup>35</sup>.

Como já mencionado, no francês, assim como no italiano, se verifica a presença de clíticos com função locativa e partitiva/genitiva: *y* e *en*, respectivamente<sup>36</sup>.

- (44)<sub>F</sub> a. Si on allait [à la piscine]<sub>i</sub>, aujourd'hui, on t'[y]<sub>i</sub> emmènerais.  
 se a-gente ia(P3) a(prepos.) a(art.) piscina hoje a-gente te(cl.acc.)-Ø(cl.loc.) levaria(P3)  
 “Se a gente fosse à piscina hoje, a gente te levaria.”
- b. J'adore [la viande]<sub>i</sub>, mais je ne peux pas [en]<sub>i</sub> manger beaucoup.  
 eu-adoro(P1) a(art.) carne mas eu não posso(P1) não Ø(cl.part.) comer muito  
 “Eu adoro carne, mas não posso comer muito.”
- c. Je connais [cette méthode]<sub>i</sub> et je peux [en]<sub>i</sub> garantir l'efficacité.  
 eu conheço(P1) esta método(fem.) e eu posso(P1) Ø(cl.gen.) garantir a(art.)-eficácia  
 “Eu conheço este método e posso garantir a sua eficácia.”

A marcação de gênero nos pronomes do francês ocorre somente em P3 e em P6, como ilustra a Tabela 11:

---

<sup>35</sup> Há ainda em francês o que a GT chama erroneamente de “h aspirado” (pois a letra “h” nunca é pronunciada em francês, compondo no máximo o som [ʃ] no grupo “ch”), diante do qual não pode haver elisão, como em (i) abaixo:

(i) Je **le** hais de m'avoir trompé!  
 eu o(cl.acc.) odeio de me(cl.acc.)-ter enganado  
 “Eu o odeio por ter me enganado.”

Não há regra para a identificação do “h aspiré” (em oposição ao “h mudo”, diante do qual é permitida a elisão); é necessário saber de cor as palavras que o apresentam ou consultar um dicionário.

<sup>36</sup> Os pronomes *y* e *en*, entretanto, não apresentem somente as funções locativa e partitiva/genitiva. Para informações sobre as outras funções desses clíticos, consulte-se Grégoire e Thiévenaz (2005, p. 90 e 104).

**Tabela 11** – Pronomes Nominativos e Tônicos e Clíticos Acusativos em P3 e P6 no Francês.

	NOMINATIVOS		ACUSATIVOS		TÔNICOS	
	MASC.	FEM.	MASC.	FEM.	MASC.	FEM.
SINGULAR (P3)	il	elle	le (l')	la (l')	lui	elle
					soi	
PLURAL (P6)	ils	elles	les		eux	elles
					soi	

Dessa forma, para a identificação de gênero para os demais nominativos, é necessário recorrer ao contexto, como é possível perceber em (43b).

Apesar de apresentar um sistema pronominal mais simples, a combinação de clíticos em francês é um pouco mais complexa do que nas demais línguas tratadas nesse trabalho. Para o uso com verbos que não estejam no imperativo afirmativo, as combinações possíveis são mostradas na Tabela 12:

**Tabela 12** – Combinações de Clíticos em Francês.

		CLÍTICOS ACUSATIVOS			CLÍTICO LOCATIVO	CLÍTICO PARTITIVO
		le	la	les	y	en
CLÍTICOS DATIVOS OU REFLEXIVOS	me	me le	me la	me les	m'y	m'en
	te	te le	te la	te les	t'y	t'en
	lui	<b>le lui</b>	<b>la lui</b>	<b>les lui</b>		lui en
	se	se le	se la	se les	s'y	s'en
	nous	nous le	nous la	nous les	nous y	nous en
	vous	vous le	vous la	vous les	vous y	vous en
	leur	<b>le leur</b>	<b>la leur</b>	<b>les lui</b>		leur en
CLÍTICO LOCATIVO	y	<b>l'y</b>	<b>l'y</b>	<b>les y</b>		y en
CLÍTICO PARTITIVO	en	<b>l'en</b>	<b>l'en</b>	<b>les en</b>	y en	

Na tabela acima, as células sombreadas indicam combinações não possíveis.

Para construções verbais que não envolvam imperativo afirmativo no francês, na combinação de clíticos o acusativo se coloca à direita, exceto quando o outro clítico for *lui*, *leur*, *y* ou *en*. (combinações em

negrito na Tabela 12). Exemplos destes usos são dados nas sentenças em (45-47):

- (45)<sub>F</sub> a. Tu me laisseras ton adresse de vacances?  
tu me(cl.dat.) deixarás(P2) teu endereço(fem.) de férias  
“Vais me deixar teu endereço de férias?”
- b. Oui, je **te la** laisserai.  
sim eu te(cl.dat.) a(cl.acc.) deixarei(P1)  
“Sim, vou deixar.”
- (46)<sub>F</sub> a. Vous avez envoyé la facture au client?  
vós tendes(P5) enviado a(art.) fatura a(prepos.)-o(art.) cliente  
“Vocês enviaram a fatura ao cliente?”
- b. Oui, nous **la lui** avons envoyé.  
sim nós a(cl.acc.) lhe(cl.dat.) temos(P4) enviado  
“Sim, enviamos.”  
(adaptado de BOULARÈS; FRÉROT, 1997, p. 127)
- (47)<sub>F</sub> a. Ton frère t'a donné des bonbons?  
teu irmão te(cl.dat.)-tem(P3) dado uns balas(masc.)  
“Teu irmão te deu balas?”
- b. Non, il n'a pas voulu **m'en** donner.  
não ele não-tem(P3) não querido(v.) me(cl.dat.)-Ø(cl.part.) dar  
“Não, ele não quis me dar.”  
(adaptado de GRÉGOIRE; KOSTUCKI, 2012, p. 105)

Para o imperativo afirmativo, se um dos clíticos for *le*, *la* ou *les*, ele será sempre o primeiro elemento da combinação (CALLAMAND, 1987, p. 46); caso contrário, são admitidas as combinações da Tabela 12:

- (48)<sub>F</sub> a. Dites-nous la vérité. Oui, dites-**la-nous**!  
dizei(P5)-nos(cl.dat.) a(art.) verdade / sim dizei(P5)-a(cl.acc.)-nos(cl.dat.)  
“Diga-nos a verdade. Sim, diga-nos!”

- b. Si tu veux donner du chocolat à tes enfants, donne-  
**leur-en!**

se(conj.) tu queres(P2) dar do(part.) chocolate  
a(prepos.) teus filhos dá(P2)-lhes(cl.dat.)-Ø(cl.part.)

“Se queres dar chocolate para os teus filhos, dá!”

Tendo sido apresentados os sistemas pronominais nas línguas envolvidas neste trabalho, na seção seguinte é realizado um resumo do presente capítulo.

## 1.6 SÍNTESE DO CAPÍTULO 1

No Capítulo 1 foram apresentadas as definições de pronomes e de clíticos pronominais, sendo que estes últimos correspondem ao que a GT nomeia de pronomes pessoais átonos.

Foram apresentados também os sistemas de pronomes pessoais nas quatro línguas envolvidas neste trabalho: o PB, o italiano, o espanhol e o francês. Para o PB foi dada atenção especial, no sentido que o sistema considerado engloba os pronomes pessoais empregados nas variedades escrita e oral (formal e coloquial). Dessa maneira, foi possível verificar que neste sistema há pronomes em desuso (“vós” e suas demais formas), pronomes restritos à língua escrita (o caso de clíticos em P3 e P6, que não pertencem à Gramática Nuclear do indivíduo, sendo incorporados por este através do letramento) e formas inovadoras, usadas na língua oral e que já têm apresentado aceitação na língua escrita. Outras particularidades do sistema no PB em relação aos das demais línguas são o uso frequente na variedade falada das formas nominativas em função acusativa e oblíqua, a presença do objeto nulo (o que reduz o emprego de clíticos) e a não verificação de combinações ou contrações de clíticos (embora estes sejam admitidos pela GT).

Com relação aos sistemas de pronomes pessoais para as demais línguas (italiano, espanhol e francês), foram consideradas as formas admitidas pela GT. Nestes sistemas, o que mais chama a atenção é a presença de clíticos locativos e partitivos/genitivos em italiano e em francês (os quais não são verificados em PB e em espanhol), a não-ocorrência de objeto nulo e o emprego recorrente das formas combinadas e contraídas de clíticos, mesmo na variedade oral. Essas formas duplas de clíticos, entretanto, mudam de ordem de acordo com a língua e o tempo verbal presente na sentença: nem sempre a forma acusativa ocorre à direita da forma dativa ou locativa, por exemplo.



Antes de fazer uma análise sobre a categoria dos clíticos utilizando ferramentas da Sintaxe Gerativa, no próximo capítulo serão fornecidos alguns elementos teóricos que servirão para uma melhor compreensão das estruturas com *Clitic Dislocation*, objetivo final deste trabalho. Tais elementos são a focalização, a topicalização e a reestruturação, a partir de um enfoque sintático.



## 2 ALGUNS PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Anteriormente ao estudo da categoria sintática dos clíticos e à abordagem dos fenômenos de *Clitic Dislocation*, objetivos deste trabalho, convém caracterizar tópico e foco e esclarecer a diferença entre eles. Isso é necessário porque, dependendo da língua em questão e do contexto de comunicação, a presença ou a ausência do clítico nas sentenças pode produzir estruturas com tópico ou com foco.

Em seguida, serão apresentadas informações a respeito da reestruturação, fenômeno cuja principal consequência neste trabalho é o alçamento do clítico nas sentenças. A consideração de tal ponto se justifica para a melhor compreensão dos testes que serão realizados no próximo capítulo.

### 2.1 FOCO E TÓPICO NAS LÍNGUAS

A seguir serão abordados os mecanismos de focalização e topicalização empregados nas línguas naturais. Ao final da seção, será apresentada uma proposta cartográfica para a análise de tais fenômenos, de acordo com Rizzi (1997).

#### 2.1.1 Focalização

Para iniciar a compreensão do que seja a focalização, pode-se partir da definição que Dardano e Trifone (1997, p. 442) fornecem:

O termo *foco* [...] é uma metáfora tomada emprestada da ótica: assim como com movimentos adequados na lente objetiva de uma máquina fotográfica somos capazes de colocar em foco uma parte da imagem, isolando-a do resto, também através de procedimentos fonológicos e sintáticos oportunos podemos assinalar o elemento de maior interesse do enunciado. (tradução minha)

Pode-se considerar que uma parte do enunciado (um sintagma, um constituinte lexical, uma sílaba, um grupo entoacional ou parte dele) se encontra focalizado se a informação que ele fornece não está pressuposta no contexto de comunicação em que tal enunciado se

encontra<sup>37</sup>. Um exemplo de par pergunta-resposta, em que se verifica focalização na resposta, é apresentado a seguir:

- (49) a. Quem a Maria beijou?  
b. A Maria beijou [<sub>Foc</sub> o Alex].

Como se nota em (49), é o contexto que possibilita a identificação do foco em uma sentença (a partir do emprego do operador interrogativo “quem” em (49a)). Em termos de prosódia, o foco será marcado por algum tipo de acentuação<sup>38</sup>.

Outra forma de focalizar informação é o uso de sentenças clivadas, em que a própria sintaxe se encarrega de identificar o foco, não sendo necessário recorrer ao contexto para essa identificação:

- (50) a. Foi [<sub>Foc</sub> o Alex] que a Maria beijou.  
b. Foi [<sub>Foc</sub> a Maria] que beijou o Alex.

Em (50a, b), sentenças clivadas, o foco se encontra entre a cópula “foi” (verbo “ser”) e o complementizador “que”.

É possível ainda distinguir o foco de informação (ou não-contrastivo) e o foco contrastivo. O primeiro pode ser obtido, por exemplo, como resposta a uma sentença interrogativa-Wh, como em (49) acima. No foco contrastivo, faz-se uma correção a uma informação prévia, como em (51) a seguir:

- (51) a. A Maria beijou o José.  
b. A Maria beijou [<sub>Foc</sub> O ALEX]<sup>39</sup> (, não o José).

---

<sup>37</sup> Segundo Zubizarreta (1998 apud QUAREZEMIN, 2012, p. 99), não é conveniente considerar que uma parte do enunciado sob focalização veicule informação nova na sentença, em oposição a informação velha (ou já dada), pois é possível também que uma informação velha seja focalizada, como no exemplo que Quarezemin (2012) fornece:

(i) a. João comeu um hambúrguer ou um cachorro-quente?  
b. João comeu [<sub>Foc</sub> um hambúrguer].

(QUAREZEMIN, 2012, p. 99)

<sup>38</sup> Um estudo considerando a prosódia, entretanto, não vai ao encontro dos objetivos deste trabalho. Sobre esse assunto, pode ser consultado o artigo de Quarezemin (2012), por exemplo.

<sup>39</sup> Neste trabalho, como já mencionado na Nota 5, serão utilizadas maiúsculas quando se fizer referência a foco constrativo.

Em (51b) se verifica que o elemento focalizado funciona como um contraste à informação entre parênteses (e igualmente como correção à informação presente em (51a)).

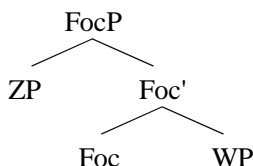
Uma vez que o foco, de modo geral, veicula informação não pressuposta no contexto, atribuindo um valor a uma variável geralmente ligada a um operador interrogativo, a parte do enunciado (ou do contexto) que é dada como pressuposta pelos interlocutores é, justamente, a pressuposição. Esta pode ser tida como “a informação que é considerada o ‘pano de fundo’ da sentença e que se supõe partilhada pelos falantes” (QUAREZEMIN, 2012, p. 101). Considerando as sentenças em (52, 53) a seguir:

- (52) a. De onde a Joana conhece o Francisco?  
 b. A Joana conhece o Francisco [<sub>Foc</sub> da aula de italiano].  
 c. A Joana conhece o Francisco de algum lugar.
- (53) a. Foi [<sub>Foc</sub> o Alex] que a Maria beijou.  
 b. A Maria beijou alguém.

Tomando o par (52a, b), é possível verificar que, excluindo-se a informação focalizada em (52b), o que resta é a pressuposição “A Joana conhece o Francisco”; (52c) é uma outra forma da pressuposição em questão, obtida a partir da substituição do foco indicado em (52b) por uma expressão quantificada. Da mesma forma, a pressuposição de (53a) pode ser tida como a sentença (53b).

Rizzi (1997) propõe uma estrutura para o foco, como apresentado na Figura 1 a seguir:

**Figura 1** – Esquema Representativo do Foco.



**Fonte:** RIZZI, 1997, p. 287.

Na representação da Figura 1, ZP constitui o elemento focalizado, Foc é o núcleo da projeção (ocupado por partículas cuja função é focalizar, porém inexistentes nas línguas empregadas neste trabalho) e WP

representa a pressuposição. Assim, segundo este autor, o foco ocupa o especificador da projeção e a pressuposição, o seu complemento.

### 2.1.2 Topicalização

Ao contrário da focalização, um constituinte topicalizado constitui uma informação claramente compartilhada pelos interlocutores da situação de comunicação. O tópico, em termos prosódicos, é marcado por uma pausa entre uma palavra e outra na enunciação da sentença, o que geralmente é representado graficamente pela vírgula<sup>40</sup>. Dessa forma, o termo topicalizado recebe um destaque na sentença:

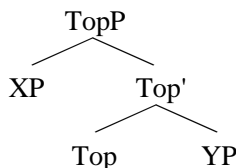
- (54) a. Você tem visto o Alex?  
b. [<sub>Top</sub> O Alex], eu encontrei com ele na festa ontem.

Como é possível constatar no par pergunta-resposta em (54), a informação topicalizada em (54b) já estava presente no contexto de comunicação, representado aqui pela questão em (54a).

Excetuando-se o termo topicalizado na sentença, o que dela resta compõe o comentário a respeito desse tópico. Por exemplo, o comentário em (54b) corresponde a “eu encontrei com ele na festa ontem”. Esse comentário em geral constitui informação não pressuposta no contexto de comunicação (mas pode, também, representar informação já mencionada no discurso).

Similarmente ao exposto para o foco, Rizzi (1997) propõe uma estrutura para o tópico, apresentada na Figura 2:

**Figura 2** – Esquema Representativo do Tópico.



**Fonte:** RIZZI, 1997, p. 286.

---

<sup>40</sup> Como será visto em seguida, essa pausa deve ser realizada entre o elemento topicalizado e o comentário (este último será definido mais à frente no texto).

Na representação da Figura 2, XP constitui o elemento topicalizado, Top é o núcleo da projeção (ocupado por partículas cuja função é topicalizar, porém inexistentes nas línguas empregadas neste trabalho) e YP representa o comentário. Assim, similarmente ao que foi realizado para o foco, o tópico ocupa o especificador da projeção e o comentário, o seu complemento.

### 2.1.3 Algumas Diferenças Importantes entre Foco e Tópico

Rizzi (1997, p. 289-291) aponta cinco diferenças existentes entre foco e tópico. Para efeitos deste trabalho, duas delas são vistas como mais importantes, e serão apresentadas a seguir<sup>41</sup>.

---

<sup>41</sup> As outras três diferenças entre foco e tópico apontadas por Rizzi (1997, p. 289-291) são apresentadas sucintamente abaixo:

- o foco é sensível ao efeito de cruzamento fraco (*Weak Cross-Over Effect*), ao contrário do que ocorre com o tópico. Isso pode ser visualizado nas sentenças em (i):

- (i) a. \*[<sub>Foc</sub> A MARIA]<sub>i</sub> o pai dela<sub>i</sub> conhece t<sub>i</sub> bem (, não o João).  
 b. [<sub>Top</sub> A Maria]<sub>i</sub>, o pai dela<sub>i</sub> conhece ela<sub>i</sub> bem.

(adaptado de QUAREZEMIN, 2012, p. 110)

(ia) é considerada agramatical porque o foco [A MARIA] vincula a variável t<sub>i</sub> por cima do pronome “dela”, o qual não c-comanda esta variável (a variável deve estar diretamente vinculada ao foco para que haja gramaticalidade). Em (ib) tal problema não ocorre, pois o tópico pode vincular o pronome “ela” mesmo existindo “dela” entre eles.

- elementos quantificacionais nus (não acompanhados de determinantes) não podem ser topicalizados em construções de *Clitic Left Dislocation* (sentenças (ii)), mas podem ser focalizados (sentenças (iii)):

- (ii)<sub>I</sub> a. \*[<sub>Top</sub> Nessuno]<sub>i</sub>, [lo]<sub>i</sub> ho visto.  
 ninguém o(cl.acc.) tenho(P1) visto  
 “\*Ninguém eu o vi.”  
 b. \*[<sub>Top</sub> Tutto]<sub>i</sub>, [lo]<sub>i</sub> ho fatto.  
 tudo o(cl.acc.) tenho(P1) feito  
 “\*Tudo eu o fiz.”

- (iii)<sub>I</sub> a. [<sub>Foc</sub> NESSUNO]<sub>i</sub> ho visto t<sub>i</sub>.  
 b. [<sub>Foc</sub> TUTTO]<sub>i</sub> ho fatto t<sub>i</sub>.

(adaptado de RIZZI, 1997, p. 290)

Para informações sobre o *Clitic Left Dislocation*, ver o Capítulo 4 deste trabalho.

- uma expressão-Wh é compatível com um tópico na ordem fixa (Top Wh), mas é incompatível com um foco:

- (iv)<sub>I</sub> a. [<sub>Top</sub> A Gianni]<sub>i</sub>, [che cosa] [gli]<sub>i</sub> hai detto?

A primeira delas é que o tópico pode envolver um clítico resumptivo no comentário (por exemplo, em italiano este clítico é obrigatório se o termo topicalizado exercer a função de objeto direto no comentário); ao contrário, este mesmo clítico não pode ser utilizado nas estruturas com foco. Isto porque, segundo o próprio Rizzi (1997, p. 291-295), sendo o foco de natureza quantificacional, o elemento focalizado é o próprio valor atribuído à variável localizada na pressuposição, o que impede a retomada do constituinte focalizado por um clítico. Já o tópico, por não ser de natureza quantificacional, possibilita essa retomada pelo clítico. Exemplos dessas situações são dados nas sentenças em (55):

- (55)<sub>I</sub> a. [<sub>Top</sub> Tuo padre]<sub>i</sub>, [**lo**]<sub>i</sub> ho visto ieri al supermercato.  
 teu pai o(cl.acc.) tenho(P1) visto ontem a(prepos.)-  
 o(art.) supermercado  
 “O teu pai, eu o vi ontem no supermercado.”  
 b. \*<sub>[Top</sub> A tuo padre]<sub>i</sub>, ho visto t<sub>i</sub> ieri al supermercato.  
 c. [<sub>Top</sub> A tuo padre]<sub>i</sub>, ([**gli**]<sub>i</sub>) ho detto di venire da me per  
 il compleanno di mia madre.  
 a(prepos.) teu pai lhe(cl.dat.) tenho(P1) dito de vir  
 a(prepos.) mim para o(art.) aniversário de minha mãe  
 “O teu pai, eu disse para ele vir na minha casa para o  
 aniversário da minha mãe.”

- 
- a(prepos.) G. que coisa lhe(cl.dat.) tens(P2) dito  
 “Ao G., o que você disse?”  
 b. \*<sub>[Che cosa]</sub>, [<sub>Top</sub> a Gianni]<sub>i</sub>, [**gli**]<sub>i</sub> hai detto?  
 (v)<sub>I</sub> a. \*<sub>[Foc</sub> A GIANNI]<sub>i</sub> [<sub>che cosa</sub>] hai detto (, non a Piero)?  
 a(prepos.) G. que coisa lhe(cl.dat.) tens(P2) dito não a(prepos.)  
 P.  
 “\*Ao G. o que você disse (, não ao P.)?”  
 b. \*<sub>[Che cosa]</sub> [<sub>Foc</sub> A GIANNI]<sub>i</sub> hai detto (, non a Piero)?  
 (adaptado de RIZZI, 1997, p. 291)

Em (iv) se tem o elemento topicalizado [*a Gianni*] coocorrendo com a expressão-Wh [*che cosa*]: a gramaticalidade só é verificada quando o tópico se localiza à esquerda (como em (iva)). Em (v) é possível ver que, independentemente da ordem, a expressão-Wh não pode coocorrer com o foco.



- d. \*<sub>[Foc TUO PADRE]<sub>i</sub></sub> [**lo**]<sub>i</sub> ho visto al supermercato (, non tua madre).  
 teu pai o(cl.acc.) tenho(P1) visto a(pre.p.)-o(art.) supermercado não tua mãe  
 “O TEU PAI, eu o vi no supermercado (, não a tua mãe).”
- e. <sub>[Foc TUO PADRE]<sub>i</sub></sub> ho visto t<sub>i</sub> al supermercato (, non tua madre).<sup>42</sup>
- f. \*<sub>[Foc A TUO PADRE]<sub>i</sub></sub> [**gli**]<sub>i</sub> ho detto di venire da me (, non a tua madre).  
 a(pre.p.) teu pai lhe(cl.dat.) tenho(P1) dito de vir a(pre.p.) mim não a(pre.p.) tua mãe  
 “PARA O TEU PAI, eu disse para ele vir à minha casa (, não para a tua mãe).”
- g. <sub>[Foc A TUO PADRE]<sub>i</sub></sub> ho detto t<sub>i</sub> di venire da me (, non a tua madre).

Em (55a) há o emprego do clítico resumptivo *lo*, o qual é correferente ao termo topicalizado na sentença. Uma vez que o tópico exerce a função de objeto direto no comentário, o uso do clítico correferencial é obrigatório em italiano, o que atesta a agramaticalidade de (55b). Na sentença (55c), uma vez que o termo topicalizado corresponde ao objeto indireto no comentário, o uso do clítico *gli* é facultativo, ou seja, sua presença não é imprescindível para garantir a gramaticalidade da sentença em italiano (por isso se encontra entre parênteses). Em (55d), havendo um elemento em foco (aqui, um foco contrastivo), há incompatibilidade com o uso do clítico resumptivo, o que resulta em agramaticalidade (não verificada em (55e), uma vez que tal clítico não se encontra presente). A mesma situação se verifica em (55f) e (55g): nem mesmo um clítico resumptivo que não seja objeto direto no comentário (no caso, *gli* corresponde ao objeto indireto) é compatível com uma estrutura com foco, havendo assim gramaticalidade somente em (55g).

Outra propriedade importante no contraste entre foco e tópico é a unicidade do foco, ou seja, em uma mesma sentença, é possível ter-se

---

<sup>42</sup> De acordo com a informante consultada para a avaliação das sentenças em língua italiana neste trabalho, Elisa Carosi, existem ainda as possibilidades *Ho visto TUO PADRE al supermercato, non tua madre* e *Ho detto di venire da me A TUO PADRE, non a tua madre* para as sentenças (55e, g), respectivamente.

tantos tópicos quanto se queira (correspondentes aos complementos e adjuntos presentes no comentário), mas somente um foco. Em (56) são apresentadas sentenças que ilustram esta propriedade:

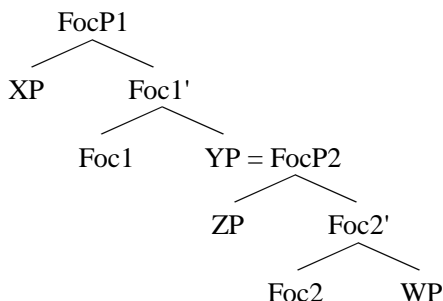
- (56)<sub>i</sub> a. [<sub>Top</sub> Il libro], [<sub>Top</sub> a Gianni], [<sub>Top</sub> domani], glielo darò.  
o(art.) livro a(prepos.) G. amanhã lhe(cl.dat.)-o(cl.acc.)  
darei(P1)  
“O livro, para o G., amanhã, eu vou dar para ele.”
- b. \*[<sub>Foc</sub> A GIANNI] [<sub>Foc</sub> IL LIBRO] darò (, non a Piero,  
l’articolo).  
a(prepos.) G. o(art.) livro darei(P1) não a(prepos.) P.,  
o(art.) artigo  
“AO G. O LIVRO eu vou dar (, não ao P., o artigo).”
- c. [<sub>Top</sub> A Gianni], [<sub>Foc</sub> questo], [<sub>Top</sub> domani], gli dovrete  
dire.  
a(prepos.) G. isso amanhã lhe(cl.dat.) devereis(P5) dizer  
“Para o G., isso, amanhã, vocês vão ter que dizer para  
ele.”

(RIZZI, 1997, p. 290-291)

As sentenças (56a, c), possuindo um único elemento focalizado (ou nenhum), são gramaticais, independentemente da quantidade de termos topicalizados que apresentem; (56b), no entanto, é agramatical por possuir mais de um elemento em foco, o que não é possível segundo Rizzi (1997, p. 290-291).

#### 2.1.4 Proposta de Arquitetura do CP considerando Foco e Tópico

Como visto anteriormente, em uma sentença é possível haver vários tópicos, porém somente um foco, como ilustram as sentenças em (56). A justificativa para isso é dada por Rizzi (1997, p. 295-297): imaginando-se que seja possível a existência de dois focos consecutivos em uma sentença, de acordo com a estrutura do foco, proposta na Figura 1 acima, o segundo foco ocuparia a posição de complemento do primeiro, como apresentado na Figura 3 abaixo:

**Figura 3** – Esquema Representativo de Dois Focos Consecutivos.

**Fonte:** RIZZI, 1997, p. 297.

Dessa maneira, em XP haveria o primeiro foco e, em ZP, o segundo; em YP, a pressuposição do primeiro foco e, em WP, a do segundo. Entretanto, por definição, pressuposição é uma informação em geral já conhecida pelos interlocutores, o que não ocorre com o foco, que seria uma informação não pressuposta. Assim, como poderia o segundo foco ser a pressuposição do primeiro? Isto invalida então o que está ilustrado na Figura 3, YP não pode ser o mesmo que FocP2. Rizzi (1997) conclui, com isso, que somente um foco pode existir em uma sentença.

O autor fornece ainda uma série de sentenças para demonstrar que o foco pode ocupar qualquer posição em relação aos vários tópicos existentes. Tais sentenças são reproduzidas em (57) a seguir:

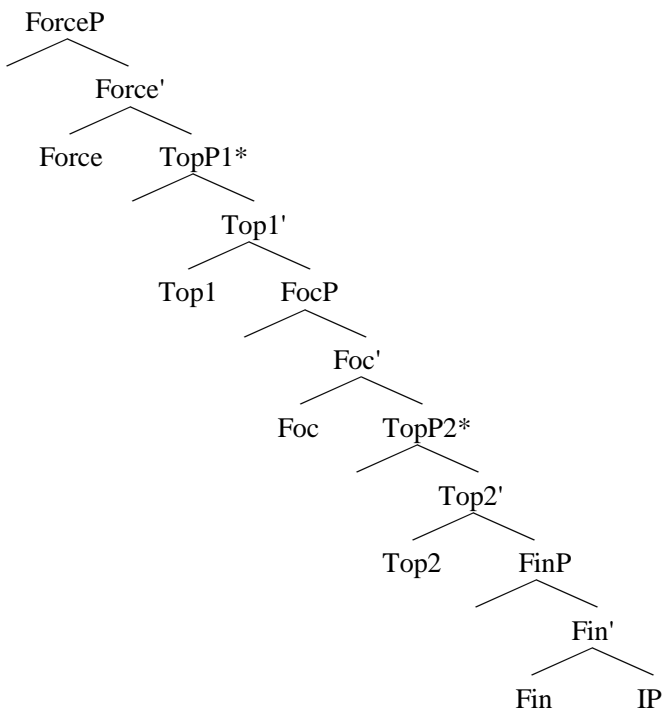
- (57)<sub>I</sub>
- a. Credo che [<sub>Top</sub> a Gianni], [<sub>Foc</sub> questo], [<sub>Top</sub> domani],  
gli dovremmo dire.  
creio(P1) que a(pre.) G. isso amanhã lhe(cl.dat.)  
deveríamos(P4) dizer  
“Acho que ao G., isso, amanhã, nós teríamos que  
dizer para ele.”
  - b. Credo che [<sub>Top</sub> domani], [<sub>Foc</sub> questo], [<sub>Top</sub> a Gianni],  
gli dovremmo dire.
  - c. Credo che [<sub>Top</sub> domani], [<sub>Top</sub> a Gianni], [<sub>Foc</sub> questo] gli  
dovremmo dire.
  - d. Credo che [<sub>Top</sub> a Gianni], [<sub>Top</sub> domani], [<sub>Foc</sub> questo] gli  
dovremmo dire.
  - e. Credo che [<sub>Foc</sub> questo], [<sub>Top</sub> a Gianni], [<sub>Top</sub> domani],  
gli dovremmo dire.

- f. Credo che [<sub>Foc</sub> questo], [<sub>Top</sub> domani], [<sub>Top</sub> a Gianni],  
gli dovremmo dire.

(RIZZI, 1997, p. 295-296)

Como se pode ver nas sentenças em (57), o foco pode estar localizado no meio, antes ou depois de uma sequência de tópicos. Dada esta característica, Rizzi (1997) propõe a seguinte arquitetura para o CP, considerando o foco e os tópicos possíveis:

**Figura 4** – Arquitetura do CP considerando o Foco e os Tópicos Possíveis na Sentença.



**Fonte:** adaptado de RIZZI (1997, p. 297).

Na Figura 4 foram utilizados asteriscos em TopP1 e em TopP2 para simbolizar a possibilidade de mais de um tópico nessas posições. As posições ForceP e FinP são ocupadas por diferentes elementos, segundo sejam legitimados em posições antecedendo ou sucedendo a sequência de foco e tópicos da sentença. Em italiano, tais posições podem ser

ocupadas pelo complementizador *che* e pela preposição *di*, respectivamente. As sentenças em (58, 59), tomadas de Rizzi (1997, p. 288), ilustram esse fato:

- (58)<sub>I</sub> a. Credo che [<sub>Top</sub> il tuo libro], loro lo apprezzerebbero molto.  
creio(P1) que o(art.) teu livro eles o(cl.acc.) apreciariam(P6) muito  
“Acho que o teu livro, eles iriam gostar muito dele.”
- b. \*Credo, [<sub>Top</sub> il tuo libro], che loro lo apprezzerebbero molto.
- (59)<sub>I</sub> a. \*Credo di [<sub>Top</sub> il tuo libro], apprezzarlo molto.  
creio(P1) de o(art.) teu livro apreciar-o(cl.acc.) muito  
“Acho que o teu livro, eu o aprecio muito.”
- b. Credo, [<sub>Top</sub> il tuo libro], di apprezzarlo molto.  
(RIZZI, 1997, p. 288)

Como se vê, a gramaticalidade das sentenças somente é mantida com o complementizador *che* ocupando a posição Force, ou seja, antecedendo o tópico ou o foco (ou a sequência de tópico(s) e foco). No caso de uso da preposição *di*, esta deverá ocupar a posição Fin (sucendo o tópico ou o foco, ou ainda a sequência destes elementos).

É ainda possível observar, a partir da Figura 4, que o foco pode ocupar a posição de complemento de um tópico, ou seja, o foco pode coincidir com o comentário sobre o tópico mencionado anteriormente a este foco. Como visto na Seção 2.1.2, no par tópico-comentário, o comentário pode conter informação nova no contexto de comunicação, assim como pode conter também informação já mencionada neste contexto. Dessa maneira, não há impedimento para a localização do foco nesta posição.

Belletti (2004) propõe que a área entre TP e vP (consequentemente, em IP) também pode apresentar posições em que constituintes topicalizados ou focalizados podem se alojar. Isso é justificado por ser possível, em italiano, por exemplo, construções VS em que o sujeito é o foco da sentença, como ilustra o par pergunta-resposta em (60):

- (60)<sub>I</sub> a. Chi è uscito?  
quem é(P3) saído  
“Quem saiu?”

- b. È uscito [<sub>Foc</sub> Gianni].  
     é(P3) saído G.  
     “O G. saiu.”
- c. \*<sub>[Foc</sub> Gianni] è uscito.<sup>43</sup>

A autora menciona ainda que, em italiano, o sujeito pós-verbal veicula apenas a informação não-suposta, ao passo que o pré-verbal não serve para foco de informação, pois implica contraste (BELLETTI, 2004, p. 23). Sendo assim, para tornar a sentença (60c) gramatical, seria necessário que ali houvesse um foco contrastivo, como acontece em (61):

- (61)<sub>I</sub> a. Michele è uscito?  
         M.(masc.) é(P3) saído  
         “O M. saiu?”
- b. <sub>[Foc</sub> GIANNI] è uscito (, non Michele).<sup>44</sup>  
         G. é(P3) saído não M.(masc.)  
         “O G. saiu, não o M.”

Dessa maneira, o foco em (60b) deve ocupar uma posição baixa de foco, na periferia de vP. Este constituinte não poderia ocupar a posição de foco na periferia esquerda da sentença, como na proposta de Rizzi (1997) (representada na Figura 4), pois nesta posição ocorrem somente constituintes com interpretação contrastiva/exaustiva.

Tendo caracterizado os fenômenos de focalização e topicalização e evidenciado entre eles as diferenças diretamente relacionadas com o escopo deste trabalho, na próxima seção são apresentadas algumas informações sobre o processo de reestruturação sentencial, o qual pode ocorrer quando se tem uma sequência verbal.

---

<sup>43</sup> Ainda de acordo com Elisa Carosi (informante para a língua italiana), (60c) poderia ser usada como resposta para (60a) no sul da Itália. Assim, é possível admitir que, nesta variedade, a periferia esquerda pode abrigar constituintes com foco de informação. Tal fato encontra confirmação na pesquisa realizada por Cruschina e Remberger (2009) sobre o siciliano.

<sup>44</sup> *No, è uscito Gianni* seria também uma possibilidade de resposta para (61a), segundo a informante Elisa Carosi.

## 2.2 REESTRUTURAÇÃO<sup>45</sup>

Neste trabalho, a necessidade de menção a este fenômeno se deve principalmente à verificação de alçamento do clítico em algumas línguas. Por exemplo, em italiano isso acontece com alguns verbos, como mostram os exemplos dados a seguir:

- (62)<sub>I</sub> a. Detesto [veder**lo** in quello stato].  
detesto(P1) ver-o(cl.acc.) em aquele estado(subst.)  
“Eu detesto vê-lo naquele estado.”  
b. \***Lo** detesto [vedere **t** in quello stato].  
c. [Questo film]<sub>i</sub>, volevo [veder[**lo**]<sub>i</sub> subito].  
este filme queria(P1) ver-o(cl.acc.) imediatamente  
“Este filme, eu queria vê-lo imediatamente.”  
d. [Questo film]<sub>i</sub>, [**lo**]<sub>i</sub> volevo [vedere **t** subito].  
(adaptado de CINQUE, 2006, p. 11)

Sabe-se que o alçamento do clítico é limitado ao domínio em que este elemento se encontra na sentença. Desta forma, comparando-se (62a, b) é possível concluir que há realmente um domínio frasal indicado pelos colchetes, pois o clítico não pode subir para se colocar em próclise ao primeiro verbo (dada a agramaticalidade de (62b)). Já em relação a (62c, d), o alçamento do clítico pode se verificar, pois a sentença (d) é gramatical. Isso indica que [*volevo vederlo subito*] compõe, de fato, um único domínio (e o que está indicado entre colchetes no final das sentenças em (c, d) é somente um subconjunto deste domínio).

Sendo assim, é possível admitir estruturas similares às indicadas em (63) para as sentenças em (62):

- (63) a. [<sub>CP</sub> ... [<sub>FP</sub> ... [<sub>FP</sub> ... [<sub>VP</sub> V<sub>1</sub> [<sub>CP</sub> ... [<sub>FP</sub> ... [<sub>FP</sub> ... [<sub>VP</sub> V<sub>2</sub> ]]]]]]]]<sup>46</sup>  
b. [<sub>CP</sub> ... [<sub>FP</sub> ... [<sub>FP</sub> V<sub>restr</sub> [<sub>FP</sub> ... [<sub>VP</sub> V ]]]]]  
(adaptado de CINQUE, 2006, p. 12)

<sup>45</sup> As informações constantes desta seção são as consideradas estritamente necessárias para os objetivos deste trabalho. Para maiores detalhes sobre o fenômeno de reestruturação, pode-se consultar, dentre outros, Cinque (2006, p. 11-63), Ferreira (2009) e Cardinaletti e Shlonsky (2004).

<sup>46</sup> “FP” indica um domínio funcional (*Functional Phrase*).

Então, na sentença (62a), tendo-se dois domínios, tal estrutura bifrasal é a dada em (63a); ou seja, na sequência verbal, os dois verbos são lexicais (sendo que também o primeiro ocupa uma projeção verbal e seleciona um CP como complemento). Já em (62c, d), o primeiro verbo da sequência verbal é funcional, ocupando assim uma projeção funcional localizada acima do único verbo lexical (neste caso, o segundo da sequência). A estrutura monofrasal dessas sentenças pode então ser dada por (63b).

Cinque (2006, p. 11-12) menciona que verbos modais, aspectuais e de movimento podem ser funcionais e então provocar a aplicação da regra de reestruturação. Dessa maneira, o alçamento do clítico pode ser verificado<sup>47</sup>:

- (64)<sub>I</sub>    a. Dovevo veder**lo** subito. / **Lo** dovevo vedere subito.  
                       devia(P1) ver-o(cl.acc.) imediatamente  
                       “Eu devia vê-lo imediatamente.”  
               b. Finisco di veder**lo** domani. / **Lo** finisco di vedere  
                       domani.  
                       termino(P1) de ver-o(cl.acc.) amanhã  
                       “Eu termino de vê-lo amanhã.”  
               c. Vengo a prender**lo** domani. / **Lo** vengo a prendere  
                       domani.  
                       venho(P1) a(prepos.) pegar-o(cl.acc.) amanhã  
                       “Eu venho buscá-lo amanhã.”

(adaptado de CINQUE, 2006, p. 11)

Considerando o alçamento do clítico como principal efeito de transparência que indica a aplicação da regra de reestruturação (para efeitos deste trabalho), percebe-se que o italiano e o espanhol são línguas em que este efeito é produtivo. No francês tal fato não se verifica (como será possível verificar na próxima seção) e o PB tem perdido essa característica, como mostram as sentenças a seguir:

- (65)    a. ??Ela **te** pode procurar ainda hoje para falar sobre  
                       aquele assunto.  
               b. Ela pode **te** procurar ainda hoje para falar sobre  
                       aquele assunto.

---

<sup>47</sup> Cinque (2006, p. 11-63) menciona ainda casos de construções com verbos de reestruturação em que efeitos de transparência, como o alçamento do clítico, não se verificam.



- c. ?Ela pode procurar-te ainda hoje para falar sobre aquele assunto.

Não é bem aceito no PB oral a próclise ao verbo modal, como indicado em (65a). É preferível que o clítico permaneça incorporado ao verbo lexical, sendo que a próclise a este é a situação mais aceita (sentença (65b)).

Após a descrição sucinta do fenômeno da reestruturação, na próxima seção é apresentada a síntese deste capítulo.

## 2.3 SÍNTESE DO CAPÍTULO 2

O Capítulo 2 teve como objetivo a apresentação de noções de base sobre tópico e foco, suas diferenças e a sua representação sintática, bem como o conceito de reestruturação e o efeito de alçamento do clítico (ou *Clitic Climbing*).

O processo de focalização consiste em destacar uma parte do enunciado (aqui, um constituinte), sendo que essa parte geralmente corresponde à informação não-suposta pelo contexto comunicativo. Neste processo podem ser distinguidos o foco (a informação focalizada) e a pressuposição (que geralmente corresponde à parte da sentença não submetida à focalização). Rizzi (1997) propõe uma projeção FocP para o foco, localizada na periferia esquerda da sentença: o foco ocupa o especificador desta projeção e a pressuposição, o seu complemento.

No processo de topicalização, dá-se destaque na sentença a um elemento (ou constituinte) que representa uma informação claramente compartilhada pelos interlocutores. Distinguem-se neste processo o tópico (a informação topicalizada) e o comentário (o que se diz a respeito do tópico). Rizzi (1997) também propõe uma projeção TopP para o tópico, localizada na periferia esquerda. Nesta projeção, o tópico ocupa o especificador, e o comentário, o seu complemento.

Rizzi (1997) menciona cinco diferenças entre tópico e foco, sendo duas delas importantes para este trabalho. A primeira delas é a possibilidade de o tópico ser retomado por um clítico resumptivo no comentário, ao contrário do que ocorre com o foco, pois este último apresenta um caráter quantificacional. A segunda diferença entre foco e tópico é a unicidade do foco, ou seja, é possível haver somente um foco na sentença, ao passo que se podem verificar um, dois ou mais tópicos. Rizzi (1997) propõe uma arquitetura para a periferia esquerda da sentença, considerando o foco e os tópicos possíveis, dada na Figura 4.

Belletti (2004) propõe que há também uma periferia baixa de IP, dentro da qual também podem ocorrer posições reservadas para tópicos e foco.

O fenômeno da reestruturação é verificado em sequências verbais em que o segundo verbo (o mais encaixado) é infinitivo e o verbo matriz é um verbo funcional, geralmente um verbo modal, aspectual ou de movimento. Dessa forma, tem-se na sentença não uma estrutura bifrasal, mas sim monofrasal, constituindo um único domínio. Para efeitos deste trabalho, o principal fenômeno de transparência que indica a aplicação da regra de reestruturação é o alçamento do clítico, no qual o clítico pode “subir” da sua posição acoplado ao verbo mais encaixado para a posição na qual se acopla ao verbo matriz. Entretanto, tal fenômeno não é verificado em todas as línguas, como ocorre no francês, que não apresenta alçamento do clítico (e o PB tem perdido essa característica).

No próximo capítulo são realizados testes com o objetivo de caracterizar a categoria dos clíticos propriamente dita e, no seguinte, serão descritas as estruturas de *Clitic Dislocation* nas línguas envolvidas neste trabalho.

### 3 A CATEGORIA DOS CLÍTICOS

Antes de abordar as construções com *Clitic Dislocation* nas quatro línguas (o que será feito no próximo capítulo), serão realizados aqui testes com o objetivo de justificar a inclusão dos clíticos em uma categoria diferente da dos argumentos internos dos verbos com os quais eles ocorrem. Em seguida, serão apresentados os movimentos possíveis destes clíticos.

#### 3.1 OS TESTES PARA A ANÁLISE DA CATEGORIA DOS CLÍTICOS

Kanthack (2002, p. 6-21), tendo por base vários autores, dentre eles Kayne (1975), Zwicky (1977), Cardinaletti & Starke (1994) e Silveira (1997)<sup>48</sup>, realiza uma série de testes que permitem chegar à conclusão de que:

- os clíticos não se comportam como DPs lexicais ou pronomes não-clíticos: não podem ocorrer em posições argumentais ou não-argumentais, nem ocorrer como item isolado ou coordenado, assim como também não podem receber acento contrastivo ou serem modificados (pelo uso conjunto com advérbios, por exemplo). Todas essas propriedades são, entretanto, legitimadas para os DPs lexicais ou para os pronomes não-clíticos;
- da mesma forma, os DPs lexicais e os pronomes não-clíticos não se comportam como os clíticos: as posições que os clíticos podem ocupar na sentença não são as mesmas que os DPs lexicais e os pronomes não-clíticos podem ocupar.

A seguir serão realizados, para as quatro línguas envolvidas neste trabalho, os mesmos testes que Kanthack (2002) realizou para o PB<sup>49</sup>.

---

<sup>48</sup> Estes autores não se encontram nas Referências Bibliográficas porque não foram diretamente consultados.

<sup>49</sup> Para o PB, entretanto, serão consideradas sentenças diferentes daquelas que Kanthack (2002) utiliza, embora possuindo as mesmas estruturas das que a autora empregou. Nas situações em que isso não ocorrer, será mencionado o trabalho da autora como fonte das sentenças.

### 3.1.1 Os clíticos não se comportam como DPs lexicais ou pronomes não-clíticos

Nas seções a seguir será verificado que sentenças gramaticais com o uso de DPs lexicais e pronomes não-clíticos se tornam agramaticais se forem colocados, nas mesmas posições em que estes DPs e pronomes ocorrem, clíticos que possam corresponder a esses elementos.

#### 3.1.1.1 *Um clítico não ocorre em posição argumental*

Mesmo correspondendo a um argumento interno de um verbo, os clíticos não podem ocorrer em uma posição-A, como revelam as sentenças em (66-69). Nestes grupos, as sentenças (a) têm na posição de argumento interno um DP lexical, as (b), um pronome tônico e as (c), um clítico:

- (66) a. O João visita sempre **a Maria**.  
 b. O João visita sempre **ela**.  
 c. \*O João visita sempre **a**.
- (67)<sub>I</sub> a. Gianni vede spesso **Maria**.  
 G. vê(P3) frequentemente M.  
 “O G. vê frequentemente a M.”  
 b. Gianni vede spesso **lei**.  
 G. vê(P3) frequentemente ela  
 “O G. vê frequentemente ela.”  
 c. \*Gianni vede spesso **la**.  
 G. vê(P3) frequentemente a(cl.acc.)  
 “\*O G. vê frequentemente a.”
- (68)<sub>E</sub> a. Juan la encuentra siempre **a María**.<sup>50</sup>  
 J. a(cl.acc.) encontra(P3) sempre a(pred.) M.  
 “O J. encontra sempre a M.”  
 b. Juan la encuentra siempre **a ella**.  
 J. a(cl.acc.) encontra(P3) sempre a(pred.) ela  
 “O J. encontra sempre ela.”

---

<sup>50</sup> Em espanhol, é possível o emprego do clítico acusativo mesmo que o objeto direto esteja presente na sentença.

- c. \*Juan la encuentra siempre **la**.  
 J. a(cl.acc.) encontra(P3) sempre a(cl.acc.)  
 “\*O J. encontra sempre a.”

- (69)<sub>F</sub> a. Jean voit quelquefois **Marie**.  
 J. vê(P3) às-vezes M.  
 “O J. às vezes vê a M.”  
 b. Jean voit quelquefois **elle**.  
 J. vê(P3) às-vezes ela  
 “O J. às vezes vê ela.”  
 c. \*Jean voit quelquefois **la**.  
 J. vê(P3) às-vezes a(cl.acc.)  
 “\*O J. às vezes vê a.”

Como é possível ver nos quatro conjuntos de sentenças acima, em que são usados advérbios para separar o verbo dos elementos destacados, um DP e um pronome tônico ocupam a posição de argumentos internos dos verbos em sentenças gramaticais (sentenças (a, b), respectivamente), o mesmo não acontecendo com o clítico acusativo. Dessa forma, todas as três sentenças (c) são agramaticais.

Considerando agora como argumentos internos um PP, as sentenças em (70-73) mostram o que ocorre com os complementos das preposições:

- (70) a. O João dá uma bala sempre pra **Maria**.  
 b. O João dá uma bala sempre pra **ela**.  
 c. \*O João dá uma bala sempre pra **lhe**.  
 d. O João dá uma bala sempre pra **mim**.  
 e. \*O João dá uma bala sempre pra **me**.
- (71)<sub>I</sub> a. Gianni dà una caramella sempre a **Maria**.  
 G. dá(P3) uma bala sempre a(prepos.) M.  
 “O G. dá uma bala sempre à M.”  
 b. Gianni dà una caramella sempre a **lei**.  
 c. \*Gianni dà una caramella sempre a **le**.  
 d. Gianni dà una caramella sempre a **me**.  
 e. \*Gianni dà una caramella sempre a **mi**.

- (72)<sub>E</sub> a. Juan le da un caramelo siempre a **María**.<sup>51</sup>  
 J. lhe(cl.dat.) dá(P3) um bala(masc.) sempre a(prepos.) M.  
 “O J. dá uma bala sempre à M.”
- b. Juan le da un caramelo siempre a **ella**.  
 c. \*Juan le da un caramelo siempre a **le**.  
 d. Juan me da un caramelo siempre a **mí**.  
 e. \*Juan me da un caramelo siempre a **me**.
- (73)<sub>F</sub> a. Jean donne un bonbon toujours à **Marie**.  
 J. dá(P3) um bala(masc.) sempre a(prepos.) M.  
 “O J. dá uma bala sempre à M.”
- b. Jean donne un bonbon toujours à **elle**.<sup>52</sup>  
 c. \*Jean donne un bonbon toujours à **lui**.<sup>53</sup>  
 d. Jean donne un bonbon toujours à **moi**.  
 e. \*Jean donne un bonbon toujours à **me**.

---

<sup>51</sup> Em espanhol, quando o objeto indireto se encontra após o verbo, em geral se usa o clítico dativo correspondente na mesma sentença (CASTRO, 1997b, p. 64), como em (72a).

Quando o objeto direto ou indireto é um pronome preposicionado, o emprego do clítico correspondente é obrigatório, como em (72b, d) acima e em (i) abaixo:

- (i)<sub>E</sub> a. [**A tí**]<sub>i</sub> también podrían convocar[**te**]<sub>i</sub>.  
 a(prepos.) ti(pron.obl.) também poderiam(P6) convocar-te(cl.acc.)  
 “Poderiam convocar você também.”
- b. No es necesario explicar[**les**]<sub>i</sub> eso [**a ustedes**]<sub>i</sub>.  
 não é(P3) necessário explicar-lhes(cl.dat.) isso a(prepos.) vocês  
 “Não é necessário explicar isso para vocês.”

(adaptado de FANJUL, 2005, p. 130)

<sup>52</sup> De acordo com Monique Allain, informante consultada para a avaliação das sentenças em língua francesa neste trabalho, apesar de a sentença (73b) ser aceitável, seu uso seria mais natural com “insistência contrastiva” (o que seria um foco contrastivo): *Jean donne un bonbon toujours à ELLE (, pas à lui)* (“J. dá uma bala sempre a ela, não a ele.”). Uma outra forma seria o uso de uma sentença clivada: *C’est à elle que Jean donne un bonbon (, pas à lui)* (“É para ela que J. dá uma bala, não para ele.”). O mesmo valeria para a sentença (73d).

<sup>53</sup> Em francês há também o pronome tônico *lui* (não-clítico), que corresponde a “ele” e faz com que a sentença seja gramatical. No entanto, aqui está sendo considerado o clítico dativo, que tem a mesma forma que aquele, o que justifica a agramaticalidade.

As sentenças em (70-73) permitem verificar que, como complementos de preposições, somente são licenciados os DPs lexicais (sentenças (a)) e os pronomes tônicos (e, conseqüentemente, não-clíticos, sentenças (b, d)). Nas sentenças (b) se encontram os pronomes tônicos de terceira pessoa singular e, nas (d), de primeira. Os clíticos (no caso, dativos, posicionados após uma preposição) não podem ocorrer nesta posição, como as sentenças (c, e) mostram em todas as quatro línguas.

### 3.1.1.2 *Um clítico não ocorre em posição não-argumental*

Será admitido para este teste que os elementos topicalizados nas sentenças podem ser considerados adjuntos, ou seja, ocupando uma posição não-A, assim como fez Kanthack (2002, p. 9):

- (74) a. **A Maria**, o João encontra sempre na escola.  
       b. **Ela**, o João encontra sempre na escola.  
       c. \***A**, o João encontra sempre na escola.
  
- (75)<sub>I</sub> a. **Maria**, Gianni la vede spesso.  
           M. G. a(cl.acc.) vê(P3) frequentemente  
           “A M., o G. a vê frequentemente.”  
       b. **Lei**, Gianni la vede spesso.  
       c. \***La**, Gianni la vede spesso.
  
- (76)<sub>E</sub> a. **A María**, Juan la encuentra siempre.  
           a(prepos.) M. J. a(cl.acc.) encontra(P3) sempre  
           “A M., o J. a encontra sempre.”  
       b. **A ella**, Juan la encuentra siempre.  
       c. \***La**, Juan la encuentra siempre.
  
- (77)<sub>F</sub> a. **Marie**, Jean la voit quelquefois.  
           M. J. a(cl.acc.) vê(P3) às-vezes  
           “A M., o J. às vezes a vê.”  
       b. **Elle**, Jean la voit quelquefois.  
       c. \***La**, Jean la voit quelquefois.

Mais uma vez, como indicado pelas sentenças agramaticais (c) de (74-77), o clítico não pode ocupar a posição de adjunto, ao contrário dos DPs lexicais (sentenças (a)) e dos pronomes tônicos (sentenças (b)); ou

seja, os DPs lexicais e os pronomes não-clíticos podem ser adjuntos sentenciais, ao contrário dos clíticos.

### 3.1.1.3 *Um clítico não pode ocorrer como um item isolado*

Como uma resposta curta a uma pergunta, por exemplo, os DPs e os pronomes tônicos podem ser usados (como nas sentenças (a) e (b), respectivamente, de (78-81)), porém não os clíticos. Isso porque eles não podem ser foco de informação, como atestam as sentenças (c) dos quatro grupos:

- (78) a. Quem você viu na festa? **O João**.  
 b. Quem você viu na festa? **Ele**. / **Você**.  
 c. Quem você viu na festa ? \***O**. / \***Te**.

- (79)<sub>I</sub> a. Chi hai visto? **Gianni**.  
 quem tens(P2) visto / G.  
 “Quem você viu?” “O G.”  
 b. Chi hai visto? **Lui**. / **Te**.  
 c. Chi hai visto? \***Lo**. / \***Ti**.

- (80)<sub>E</sub> a. ¿A quién viste? **A Juan**.  
 a(prepos.) quem viste(P2) / a(prepos.) J.  
 “Quem você viu?” “O J.”  
 b. ¿A quién viste? **A él**. / **A ti**.  
 c. ¿A quién viste? \***Lo(\*Le)**. / \***Te**.

- (81)<sub>F</sub> a. Qui as-tu vu ? **Jean**.  
 quem tens(P2)-tu visto / J.  
 “Quem você viu?” “O J.”  
 b. Qui as-tu vu ? **Lui**. / **Toi**.  
 c. Qui as-tu vu ? \***Le**. / \***Te**.

Nos quatro grupos acima, as respostas nas sentenças (b) contém pronomes tônicos (não-clíticos) de terceira e de segunda pessoas do singular (P3 e P2); as respostas (c), clíticos nas mesmas pessoas.



### 3.1.1.4 Um clítico não pode ser coordenado

Os grupos (82-85) revelam que o clítico não pode ser coordenado com um DP lexical (sentenças (a)), com um pronome não-clítico (sentenças (b)) ou com outro clítico (sentenças (c)). Ao contrário, pode haver naturalmente coordenação entre dois DPs (sentenças (d)), entre dois pronomes não-clíticos (sentenças (e)) ou entre um DP e um pronome não-clítico (sentenças (f)):

- (82)
- a. \*O Pedro emprestou-**me** e **para a Maria** o livro.
  - b. \*O Pedro emprestou-**me** e **para ela** o livro.
  - c. \*O Pedro **me** e **lhe** emprestou o livro.
  - d. O Pedro emprestou o livro para **o João e a Maria**.
  - e. O Pedro emprestou o livro para **ele e ela**.
  - f. O Pedro emprestou o livro para **o João e ela**.
- (83)<sub>I</sub>
- a. \*Gianni **mi** ha prestato il libro e **a Maria**.  
G. me(cl.dat.) tem(P3) emprestado o(art.) livro e a(prepos.) M.  
“O G. me emprestou o livro e para a M.”
  - b. \*Gianni **mi** ha prestato il libro e **a lei**.
  - c. \*Gianni **mi** e **le** ha prestato il libro.
  - d. Gianni ha prestato il libro **a Maria e a Pietro**<sup>54</sup>.
  - e. Gianni ha prestato il libro **a lei e a lui**.
  - f. Gianni ha prestato il libro **a Maria e a lui**.
- (84)<sub>E</sub>
- a. \*Juan **me** prestó el libro y **a María**.  
J. me(cl.dat.) emprestou(P3) o(art.) livro e a(prepos.) M.  
“O J. me emprestou o livro e para a M.”
  - b. \*Juan **me** prestó el libro y **a ella**.
  - c. \*Juan **me** y **le** prestó el libro.
  - d. Juan les prestó el libro **a María y a Pedro**.  
J. lhes(cl.dat.) emprestou(P3) o(art.) livro a(prepos.) M. e a(prepos.) P.  
“O J. emprestou o livro para a M. e para o P.”

---

<sup>54</sup> Ainda que neste caso se trate de PPs e não somente de DPs (uma vez que em italiano, espanhol e francês a preposição não possa ser omitida do segundo elemento, o que é possível em PB), as sentenças serão consideradas, pois possibilitam a comparação com os clíticos dativos.

- e. Juan les prestó el libro **a ella y a él.**
- f. Juan les prestó el libro **a María y a él.**

- (85)<sub>F</sub> a. \*Jean **m'**a prêté le livre et **à Marie.**<sup>55</sup>  
 J. me(cl.dat.) tem(P3) emprestado o(art.) livro e  
 a(prepos.) M.  
 “O J. me emprestou o livro e à M.”
- b. \*Jean **m'**a prêté le livre et **à elle.**
  - c. \*Jean **me** et **lui** a prêté le livre.
  - d. Jean a prêté le livre **à Marie** et **à Pierre.**
  - e. Jean a prêté le livre **à elle** et **à lui.**
  - f. Jean a prêté le livre **à Marie** et **à lui.**

### 3.1.1.5 Um clítico não pode receber acento contrastivo<sup>56</sup>

Um clítico não pode veicular foco contrastivo, recebendo, assim, acento. Isso é exemplificado nas sentenças (a, b) de (86-89). Ao contrário, os DPs e os pronomes não-clíticos podem ser acentuados, como nas sentenças (c, d, e, f) destes grupos (o uso das maiúsculas indica a acentuação ou focalização contrastiva):

- (86) a. \*O João **ME** emprestou o livro, e não **TE**  
 emprestou.<sup>57</sup>
- b. \*O João **ME** viu, e não **O** viu.
  - c. O João emprestou o livro para **MIM**, e não para **ELE**.
  - d. O João emprestou o livro para **A MARIA**, e não para **O PEDRO**.
  - e. O João viu a **MIM**, e não **VOCÊS**.

<sup>55</sup> De acordo com a informante Monique Allain, as sentenças (85a, b) do francês seriam aceitáveis com a inclusão de *aussi* (“também”): *Jean m'a prêté le livre et aussi à Marie. / Jean m'a prêté le livre et aussi à lui.*

<sup>56</sup> Conforme já mencionado na Nota 38, não é objetivo deste trabalho discutir características prosódicas da sentença. Por isso, não será discutido o acento contrastivo.

<sup>57</sup> Como Kanthack (2002, p. 11) menciona, para alguns falantes de PB uma sentença como (86a) poderia ser considerada aceitável, ainda que esteja sendo assumido que o clítico não pode receber acento contrastivo. Entretanto, quando submetidas as sentenças (87-89) aos informantes nativos para as demais línguas, todos concordaram com a agramaticalidade quando era considerada a focalização no clítico.

f. O João viu **A MARIA**, e não **O PEDRO**.

- (87)<sub>I</sub> a. \*Gianni **MI** ha prestato il libro, e non **GLIEL**'ha prestato.<sup>58</sup>  
 G. me(cl.dat.) tem(P3) emprestado o(art.) livro e não lhe(cl.dat.)-o(cl.acc.)-tem(P3) emprestado  
 “\*O G. ME emprestou o livro, e não LHE emprestou.”
- b. \*Gianni **MI** ha visto, e non **LA** ha vista.  
 G. me(cl.acc.) tem(P3) visto e não a(cl.acc.) tem(P3) vista  
 “\*O G. ME viu, e não A viu.”
- c. Gianni ha prestato il libro **A ME**, e non **A LEI**.
- d. Gianni ha prestato il libro **A MARIA**, e non **A PIETRO**.
- e. Gianni ha visto **ME**, e non **LEI**.
- f. Gianni ha visto **MARIA** e non **PIETRO**.
- (88)<sub>E</sub> a. \*Juan **ME** prestó el libro, y no **SE LO** prestó.  
 J. me(cl.dat.) emprestou(P3) o(art.) livro e não lhe(cl.dat.) o(cl.acc.) emprestou(P3)  
 “\*O J. ME emprestou o livro, e não LHE emprestou.”
- b. \*Juan **ME** vio, y no **LA** vio.  
 J. me(cl.acc.) viu(P3) e não a(cl.acc.) viu(P3)  
 “\*O J. ME viu, e não A viu.”
- c. Juan me prestó el libro **A MÍ**, y no **A ELLA**.
- d. Juan le prestó el libro **A MARÍA**, y no **A PEDRO**.
- e. Juan me vio **A MÍ**, y no **A ELLA**.
- f. Juan la vio **A MARÍA**, y no **A PEDRO**.
- (89)<sub>F</sub> a. \*Jean **M**'a prêté le livre, et ne **LE LUI** a pas prêté.  
 J. me(cl.dat.)-tem(P3) emprestado o(art.) livro e não o(cl.acc.) lhe(cl.dat.) tem(P3) não emprestado  
 “\*O J. ME emprestou o livro, e não LHE emprestou.”

---

<sup>58</sup> Nas sentenças (a) de (87-89) estão sendo usadas as formas combinadas/contraídas de clíticos, como apresentadas no Capítulo 1 deste trabalho.

- b. \*Jean **M'**a vu, et ne **L'**a pas vue.  
J. me(cl.acc.)-tem(P3) visto e não a(cl.acc.)-tem(P3)  
não vista  
“\*O J. ME viu, e não A viu.”
- c. Jean a prêté le livre **À MOI**, et pas **À ELLE**.
- d. Jean a prêté le livre **À MARIE**, et pas **À PIERRE**.
- e. Jean a vu **MOI**, et pas **ELLE**.
- f. Jean a vu **MARIE**, et pas **PIERRE**.

Em (86-89) foram empregados os clíticos dativos (ou combinados/contraídos) nas sentenças (a) e os acusativos nas sentenças (b).

### 3.1.1.6 *Um clítico não pode ser modificado*

Os DPs lexicais e os pronomes não-clíticos podem ser modificados por advérbios associados ao foco, como “somente” e “também” (como é possível verificar nas sentenças (a, b, d, e) de (90-93)), o que não acontece com os clíticos (sentenças (c, f)):

- (90)
  - a. O João viu somente **o Pedro**.
  - b. O João viu somente **ele**.
  - c. \*O João viu somente **o**.
  - d. O João levou à festa também **a Maria**.
  - e. O João levou à festa também **ela**.
  - f. \*O João levou à festa também **a**.
- (91)<sub>i</sub>
  - a. Gianni ha visto soltanto **Pietro**.  
G. tem(P3) visto somente P.  
“O G. viu somente o P.”
  - b. Gianni ha visto soltanto **lui**.
  - c. \*Gianni ha visto soltanto **lo**.
  - d. Gianni ha portato alla festa anche **Maria**.  
G. tem(P3) levado a(prepos.)-a(art.) festa também M.  
“O G. levou para a festa a M. também.”
  - e. Gianni ha portato alla festa anche **lei**.
  - f. \*Gianni ha portato alla festa anche **la**.

- (92)<sub>E</sub>
- a. Juan vio solo **a Pedro**.  
J. viu(P3) somente a(pre.) P.  
“O J. viu só o P.”
  - b. Juan vio solo **a él**.
  - c. \*Juan vio solo **lo**.
  - d. Juan llevó a la fiesta también **a María**.  
J. levou(P3) a(pre.) a(art.) festa também a(pre.) M.  
“O J. levou para a festa a M. também.”
  - e. Juan llevó a la fiesta también **a ella**.
  - f. \*Juan llevó a la fiesta también **la**.
- (93)<sub>F</sub>
- a. Jean a vu seulement **Pierre**.  
J. tem(P3) visto somente P.  
“O J. viu só o P.”
  - b. Jean a vu seulement **lui**.
  - c. \*Jean a vu seulement **le**.
  - d. Jean a amené à la fête **Marie** aussi.  
J. levou(P3) a(pre.) a(art.) festa M. também  
“O J. levou para a festa a M. também.”
  - e. Jean a amené à la fête **elle** aussi.
  - f. \*Jean a amené à la fête **la** aussi.

Aqui se concluem os testes que mostram que os clíticos não compartilham as propriedades que os DPs lexicais e os pronomes não-clíticos possuem. Na seção seguinte, será realizado o contrário: serão analisadas as posições que os clíticos podem ocupar na sentença e para as quais os DPs e os pronomes não clíticos não são licenciados.

### 3.1.2 Os DPs lexicais e os pronomes não-clíticos não se comportam como os clíticos

A seguir poderá ser verificado que as propriedades atribuídas aos clíticos não são verificadas para os DPs lexicais e pronomes não-clíticos que possam corresponder aos clíticos em questão.

3.1.2.1 *A posição de um clítico objeto antes do verbo finito é imprópria para um DP lexical (ou PP) ou para um pronome*

Conforme é possível ver em (94-97), somente o clítico é licenciado na posição pré-verbal, de tal forma que somente as sentenças (a, d) são gramaticais nas línguas analisadas:

- (94) a. O Pedro **a** beijou na festa.<sup>59</sup>  
 b. \*O Pedro **a Maria** beijou na festa.  
 c. \*O Pedro **ela** beijou na festa.  
 d. O Pedro **lhe** emprestou o livro.  
 e. \*O Pedro **à Maria** emprestou o livro.  
 f. \*O Pedro **a ela** emprestou o livro.
- (95)<sub>I</sub> a. Gianni **l'**ha incontrata per strada.  
 G. a(cl.acc.)-tem(P3) encontrada por(prepos.) rua  
 “O G. a encontrou na rua.”  
 b. \*Gianni **Maria** ha incontrato per strada.  
 c. \*Gianni **lei** ha incontrato per strada.  
 d. Gianni **le** ha prestato il libro.  
 G. lhe(cl.dat.) tem(P3) emprestado o(art.) livro  
 “O G. lhe emprestou o livro.”  
 e. \*Gianni **a Maria** ha prestato il libro.

---

<sup>59</sup> Como menciona Duarte (2013, p. 124), o clítico de terceira pessoa (recuperado pelo processo de letramento) ocorre em próclise a formas verbais finitas no PB oral, como ocorre com todos os outros clíticos (como se vê em (94a, d), sendo a próclise admitida no PB oral sem restrições). No entanto, este clítico se verifica em ênclise ao infinitivo (o que é uma estrutura estranha ao PB oral, que preferirá o pronome reto em função acusativa):

- (i) Levou rosas à namorada para impressioná-**la**.

Muito mais rara é a próclise ao auxiliar (sentenças (iia, b)), uma construção do PE (sendo que o PB oral admite a próclise ao verbo encaixado, como em (iib')):

- (ii) a. ?Se ele não fosse meu irmão, eu já **o** teria demitido.  
 b. ?Se eu não fosse seu irmão, você já **me** teria demitido.  
 b'. Se eu não fosse seu irmão, você já teria **me** demitido.

Inclusive, estruturas desse tipo indicam a aplicação da regra de reestruturação sentencial no PE, o que é indicado pela existência do fenômeno do alçamento do clítico (fenômeno este não admitido no PB oral, como em (iibb), mas existente na língua escrita):

- (iii)<sub>PE</sub> a. Saiba que você pode visitar-**me** sempre que quiser.  
 b. Saiba que você **me** pode visitar sempre que quiser.

f. \*Gianni **a lei** ha prestato il libro.

- (96)<sub>E</sub>
- a. Juan **la** vio por la calle.  
J. a(cl.acc.) viu(P3) por(pre.p.) a(art.) rua  
“O J. a viu na rua.”
  - b. \*Juan **a María** vio por la calle.
  - c. \*Juan **a ella** vio por la calle.
  - d. Juan **le** prestó el libro.  
J. lhe(cl.dat.) emprestou(P3) o(art.) livro  
“O J. lhe esprestou o livro.”
  - e. \*Juan **a María** prestó el libro.
  - f. \*Juan **a ella** prestó el libro.
- (97)<sub>F</sub>
- a. Jean **l'**a trouvée dans la rue.  
J. a(cl.acc.)-tem(P3) encontrada dentro a(art.) rua  
“O J. a encontrou na rua.”
  - b. \*Jean **Marie** a trouvée dans la rue.
  - c. \*Jean **elle** a trouvée dans la rue.
  - d. Jean **lui** a prêté le livre.  
J. lhe(cl.dat.) tem(P3) emprestado o(art.) livro  
“O J. lhe emprestou o livro.”
  - e. \*Jean **à Marie** a prêté le livre.
  - f. \*Jean **à elle** a prêté le livre.

Nos quatro grupos acima, nas sentenças (a, b, c) foram considerados clíticos, DPs/PPs e pronomes não-clíticos na função de objeto direto e, nas sentenças (d, e, f), na função de objeto indireto.

### 3.1.2.2 *A posição intermediária de um grupo verbal ocupada pelo clítico também é imprópria para um DP lexical ou um pronome*

Esta é uma propriedade que não pode ser verificada de maneira uniforme em todas as línguas aqui analisadas, uma vez que em algumas delas o clítico não é licenciado na posição intermediária do grupo verbal. Assim sendo, inicialmente serão apresentados nos grupos de sentenças (98-100) os exemplos para o PB:

- (98)
- a. O Pedro está **me** incomodando muito.
  - b. \*O Pedro está **a Maria** incomodando muito.

- c. \*O Pedro está **ela** incomodando muito.
- (99) a. O teu irmão deverá **me** visitar no mês que vem.  
 b. \*O teu irmão deverá **a Maria** visitar no mês que vem.  
 c. \*O teu irmão deverá **ela** visitar no mês que vem.
- (100) a. O João tinha **me** visto na festa.  
 b. \*O João tinha **a Maria** visto na festa.  
 c. \*O João tinha **ela** visto na festa.

Ao realizar este teste, Kanthack (2002, p. 14) conclui que somente o clítico pode ocupar a posição intermediária em uma perífrase verbal, ou seja, estar diante do gerúndio (98a), do infinitivo (99a) ou do particípio (100a) nas construções com dois verbos (e estar acoplado a essas formas verbais). Os DPs lexicais (sentenças (b) de (98-100)) e os pronomes não-clíticos (sentenças (c)) não são licenciados nestas posições<sup>60</sup>.

Este teste não pode ser realizado em italiano e em espanhol porque, nestas línguas, o clítico somente pode ocupar as posições após o segundo verbo ou, às vezes, diante do primeiro (em casos de sequências verbais em que o primeiro verbo é funcional, possibilitando assim o alçamento do clítico). Isso pode ser verificado nas sentenças em (101-106):

- (101)<sub>I</sub> a. Gianni **le** sta dicendo la verità.  
 G. lhe(cl.dat.) está(P3) dizendo a(art.) verdade  
 “O G. está lhe dizendo a verdade.”  
 b. \*Gianni sta **le** dicendo la verità.  
 c. Gianni sta dicendole la verità.
- (102)<sub>I</sub> a. Gianni **la** può visitare quando vuole.  
 G. a(cl.acc.) pode(P3) visitar quando quer(P3)  
 “O G. pode visitá-la quando quiser.”

---

<sup>60</sup> Entretanto, Kanthack (2002, p. 14) sublinha que o clítico de terceira pessoa, ao contrário dos de primeira e segunda pessoas, não pode ocorrer diante do particípio e estar acoplado a ele, como é possível verificar se forem comparadas (100a) e (i):

- (i) a. \*O João tinha o visto na festa.  
 b. ?O João tinha-o visto na festa.

Em (ia) o clítico está acoplado ao particípio *visto* (causando assim agramaticalidade) e, em (ib), ao verbo finito *tinha*.



- b. \*Gianni può **la** visitare quando vuole.  
 c. Gianni può visitar**la** quando vuole.
- (103)<sub>I</sub> a Gianni **l'**aveva incontrata alla festa.  
 G. a(cl.acc.) tinha(P3) encontrada a(prepos.)-a(art.) festa  
 “O G. a tinha encontrado na festa.”  
 b. \*Gianni aveva **l'**incontrata alla festa.  
 c. \*Gianni aveva incontrat**ala** alla festa.
- (104)<sub>E</sub> a. Juan **le** está diciendo la verdad.  
 J. lhe(cl.dat.) está(P3) dizendo a(art.) verdade  
 “O J. está lhe dizendo a verdade.”  
 b. \*Juan está **le** diciendo la verdad.  
 c. Juan está diciénd**ole** la verdad.
- (105)<sub>E</sub> a. Juan **la** puede visitar cuando quiera.  
 J. a(cl.acc.) pode(P3) visitar quando quiser(P3)  
 “O J. pode visitá-la quando quiser.”  
 b. \*Juan puede **la** visitar cuando quiera.  
 c. Juan puede visitar**la** cuando quiera.
- (106)<sub>E</sub> a. Juan **la** había encontrado en la fiesta.  
 J. a(cl.acc.) tinha(P3) encontrado em a(art.) festa  
 “O J. a tinha encontrado na festa.”  
 b. \*Juan había **la** encontrado en la fiesta.  
 c. \*Juan había encontrá**dola** en la fiesta.

Como é possível concluir pela observação das sentenças nos seis grupos acima, nem o italiano nem o espanhol licenciam o clítico entre os verbos (dada a agramaticalidade de todas as sentenças (b) nestes grupos)<sup>61</sup>. Nas

---

<sup>61</sup> Apesar de ter sido empregado o clítico de terceira pessoa nas sentenças, em italiano e em espanhol (assim como em francês), não há diferença de licenciamento de posições com relação aos clíticos de primeira, segunda e terceira pessoas (diferentemente do PB, como menciona Kanthack (2002) – ver Nota 21). Os exemplos em (i) comprovam isso para o italiano e os em (ii), para o espanhol (e podem ser comparados com as sentenças indicadas entre parênteses).

- (i)<sub>I</sub> a. Gianni **mi** sta dicendo la verità. (ver (101a))  
 b. Gianni sta dicend**omi** la verità. (ver (101c))

duas línguas, o clítico pode assumir a posição antes do primeiro verbo (sentenças (a)<sup>62</sup>), mas a posição após o segundo verbo é licenciada somente se este verbo estiver no gerúndio (sentenças (101c, 104c)) ou no infinitivo (sentenças (102c, 105c)).

Em francês não é possível a construção perifrástica com gerúndio, como acontece em português, em italiano e em espanhol. Naquela língua, uma sentença como (101a) deverá ser dita como em (107):

- (107)<sub>F</sub> a Jean lui dit la vérité.  
 J. lhe(cl.dat.) diz(P3) a(art.) verdade  
 “O J. lhe diz a verdade. / O J. está lhe dizendo a verdade.”  
 b. Jean est en train de lui dire la vérité.  
 J. está(P3) em processo de lhe(cl.dat.) dizer a(art.) verdade  
 “O J. está lhe dizendo a verdade.”

Dessa forma, para a expressão de enunciados que estão em desenvolvimento no momento de fala em francês, é usado o verbo no presente (como em (107a)) ou a construção *être en train de* + infinitivo (como em (107b)). Assim, o teste da posição do clítico entre um verbo finito e um gerúndio não pode ser realizado em francês (já que esta construção não existe nesta língua).

Em (108, 109) são apresentados os testes para sentenças com construções verbais envolvendo infinitivo e particípio passado em francês:

- (108)<sub>F</sub> a \*Jean **la** peut visiter quand il le voudra.  
 J. a(cl.acc.) pode(P3) visitar quando ele(nom.)  
 o(cl.acc.) querará(P3)  
 “O J. pode visitá-la quando ele quiser.”

- (ii)<sub>E</sub> c. Gianni **ti** può visitare quando vuole. (ver (102a))  
 d. Gianni può visitarti quando vuole. (ver (102c))  
 a. Juan **te** está diciendo la verdad. (ver (104a))  
 b. Juan está diciéndote la verdad. (ver (104c))  
 c. Juan **te** puede visitar cuando quiera. (ver (105a))  
 d. Juan puede visitarte cuando quiera. (ver (105c))

<sup>62</sup> Desde que este verbo seja um auxiliar ou um verbo de reestruturação (sobre este assunto, ver Seção 2.2).

- b. Jean peut **la** visiter quand il le voudra.<sup>63</sup>
- c. \*Jean peut visiter **la** quand il le voudra.

- (109)<sub>F</sub> a. Jean **l'**avait rencontrée à la fête.  
 J. a(cl.acc.) tinha(P3) encontrada a(prepos.) a(art.) festa  
 “O J. a tinha encontrado na festa.”
- b. \*Jean avait **la** rencontrée à la fête.
  - c. \*Jean avait rencontrée **la** à la fête.

Dessa forma, em francês, o clítico somente pode se encontrar entre dois verbos quando houver um verbo finito e um infinitivo (como em (108b))<sup>64</sup> e somente diante do primeiro verbo quando se tratar de um verbo auxiliar<sup>65</sup> e um particípio passado (como em (109a))<sup>66</sup>.

---

<sup>63</sup> Em francês, para o sentido de “visitar um amigo”, a sentença (108b) deveria ser *Jean peut lui rendre visite quand il le voudra*. No entanto, a informante Monique Allain esclarece que (108b) pode ser usada no sentido de “visitar uma cidade”, “visitar um monumento”, ou mesmo “visitar alguém na prisão”.

<sup>64</sup> Independentemente de o verbo matriz numa sequência verbal ser um verbo conhecido como de reestruturação nas demais línguas ou não (pois em francês não ocorre alçamento do clítico), o clítico se encontrará em próclise ao verbo encaixado. A sentença em (i) abaixo pode ser comparada com (108b) (sendo “poder” um verbo conhecidamente de reestruturação em italiano e em espanhol, o que não acontece com “detestar”):

- (i)<sub>F</sub> Jean déteste **la** visiter quand sa sœur à elle est là.  
 J. detesta(P3) a(cl.acc.) visitar quando sua irmã a(prepos.) ela  
 está(P3) lá  
 “J. detesta visitá-la quando a irmã dela está em casa.”

<sup>65</sup> Como é possível notar em Pontes (1973), há grande desacordo entre os autores sobre os critérios segundo os quais é possível reconhecer verbos auxiliares em uma sequência verbal. A autora menciona, entretanto, algumas propriedades que esta classe de verbos apresenta, dentre as quais a unidade sintática com o verbo matriz (adjuntos temporais e partículas de negação, por exemplo, se referem à sequência verbal como um todo, e não somente a uma parte dela) e a incapacidade de impor restrições semânticas ao sujeito (restrições estas determinadas unicamente pelo verbo matriz da sequência). Para fins deste trabalho, serão considerados como auxiliares os seguintes verbos seguidos de particípio passado: em PB “ter” (tendo como variante na linguagem literária “haver”, como menciona Pontes (1973)); em italiano *essere* (ser) e *avere* (ter); em espanhol *haber* (haver); em francês *être* (ser) e *avoir* (ter).

<sup>66</sup> Ocorre a próclise com os tempos compostos em francês estando o auxiliar conjugado ou não:

- (i)<sub>F</sub> Jean est parti de la fête après **l'**avoir rencontrée.

Sendo o francês, assim como o PB, uma língua que licencia clíticos entre verbos<sup>67</sup>, o teste descrito no título desta seção (3.1.2.2) pode ser aplicado nesta língua:

- (110)<sub>F</sub> a Jean peut **la** visiter quand il le voudra.  
 J. pode(P3) a(cl.acc.) visitar quando ele(nom.)  
 o(cl.acc.) querará(P3)  
 “O J. pode visitá-la quando ele quiser.”  
 b. \*Jean peut **Marie** visiter quand il le voudra.  
 c. \*Jean peut **elle** visiter quand il le voudra.

Como é possível verificar, o teste em francês confirma o resultado previsto: somente um clítico pode ocupar a posição entre verbos, dada a gramaticalidade de (110a) e a agramaticalidade de (110b, c).

Apesar de todas essas diferenças entre as línguas, é possível concluir o seguinte: se algum elemento for licenciado em uma posição intermediária (entre verbos) em uma língua, em um determinado contexto, somente o clítico poderá ser esse elemento; DPs lexicais e pronomes não-clíticos não poderão ocorrer entre verbos.

### 3.1.2.3 *A posição pós-verbal de um clítico é diferente da posição de um DP lexical ou um pronome*

Esta é uma propriedade que não pode ser verificada tão facilmente em algumas línguas como o é em português, pois naquelas, dependendo da situação, o clítico não é licenciado após o verbo (em ênclise, à direita do verbo), como será visto mais adiante. Assim sendo, são apresentados em (111) exemplos no PB, baseados em Kanthack (2002, p. 15):

- (111) a. ?A Joana quer abraçar-**me** sempre.  
 a'. \*A Joana quer abraçar sempre **me**.  
 b. A Joana quer abraçar **o João** sempre.  
 b'. A Joana quer abraçar sempre **o João**.  
 c. A Joana quer abraçar **ele** sempre.

---

J. é(P3) partido(v.) de a(art.) festa após a(cl.acc.)-ter encontrada

“J. foi embora da festa depois de tê-la encontrado.”

<sup>67</sup> No PB, assim como no francês, não se verifica o fenômeno do alçamento do clítico.

- c'. A Joana quer abraçar sempre **ELE** (e não aquele outro).

Com o teste efetuado em sentenças com estrutura idêntica às de (111), Kanthack (2002, p. 15) conclui que, em posição pós-verbal em PB, o clítico deve sempre estar adjacente ao verbo, como comprova a agramaticalidade de (111a'), pois o clítico não pode se encontrar separado do verbo (no caso, pelo advérbio “sempre”). Já os DPs lexicais e os pronomes podem se encontrar adjacentes ao verbo ou separados dele por outros elementos (por exemplo, por um advérbio, como confirma a gramaticalidade de (111b, b', c, c')).

A autora escolheu, por razões não mencionadas, executar o teste em (111) usando sentenças com uma sequência de dois verbos. Porém o mesmo resultado se obtém em português se for considerado somente um verbo, como é possível verificar nas sentenças em (112), obtidas a partir de (111):

- (112) a. ?A Joana abraça-**me** sempre.  
 a'. \*A Joana abraça sempre **me**.  
 b. A Joana abraça **o João** sempre.  
 b'. A Joana abraça sempre **o João**.  
 c. A Joana abraça **ele** sempre.  
 c'. A Joana abraça sempre **ELE** (e não aquele outro).

Nas demais línguas consideradas aqui, este teste só pode ser realizado em determinadas condições, pois a ênclise é licenciada diferentemente em cada língua. Quando se tem somente um verbo finito (no indicativo ou no subjuntivo, em geral), em nenhuma das três línguas pode haver ênclise, sendo possível somente a próclise (posicionamento do clítico antes do verbo, ou à esquerda deste), como atestado em (113-115):

- (113)<sub>I</sub> a Gianni **le** telefona tutti i giorni.  
 G. lhe(cl.dat.) telefona(P3) todos os(art.) dias  
 “O G. telefona para ela todos os dias.”  
 b. \*Gianni telefona **le** tutti i giorni.
- (114)<sub>E</sub> a Juan **le** telefona todos los días.  
 J. lhe(cl.dat.) telefona(P3) todos os(art.) dias  
 “O J. telefona para ele(a) todos os dias.”

b. \*Juan telefona **le** todos los días.

- (115)<sub>F</sub> a Jean **lui** téléphone tous les jours.  
 J. lhe(cl.dat.) telefona(P3) todos os(art.) dias  
 “O J. telefona para ele(a) todos os dias.”  
 b. \*Jean téléphone **lui** tous les jours.

Dada a especificidade das línguas consideradas, na sequência o teste da posição pós-verbal será executado em cada uma delas separadamente.

Em italiano, a ênclise só é possível:

1. quando há na sentença uma sequência verbal com dois verbos, sendo o segundo um gerúndio ou um infinitivo (como visto na seção anterior, em (101c, 102c, 103c));
2. quando o verbo da sentença se encontra no imperativo (afirmativo ou negativo), em algumas pessoas<sup>68</sup>;
3. com as formas impessoais utilizadas sozinhas (infinitivo, gerúndio e particípio)<sup>69</sup>.

---

<sup>68</sup> Em italiano, o clítico é licenciado em posição pós-verbal no imperativo afirmativo somente em P2, P4 e P5 (a sentença (117a) a seguir fornece um exemplo em P2); nestas mesmas pessoas, no imperativo negativo, o clítico pode ocupar tanto a posição pré-verbal como a pós-verbal, como se vê em (i):

- (i)<sub>I</sub> a. Non ascoltar**lo** mai!  
 não escutes(P2)-o(cl.acc.) nunca  
 “Não o escutes nunca!”  
 b. Non **lo** ascoltare mai!  
 c. Non ascolti**amolo** mai!  
 não escutemos(P4)-o(cl.acc.) nunca  
 “Não o escutemos nunca!”  
 d. Non **lo** ascoltiamo mai!

Em P3 e P6, somente a próclise é admitida, tanto no imperativo afirmativo quanto no negativo:

- (ii)<sub>I</sub> a. **Lo** ascolti sempre, signore!  
 o(cl.acc.) escute(P3) sempre senhor  
 “Escute-o sempre, senhor!”  
 b. Non **lo** ascolti mai, signore!

Porém, para o teste em questão, somente a posição pós-verbal será considerada. Como é possível deduzir pela observação de (ia, b) e de (117), em italiano o imperativo negativo para a segunda pessoa do singular (P2) é realizado empregando o infinitivo do verbo.

Sendo assim, as sentenças em (116-118) ilustram os testes para o italiano, nestas condições:

- (116)<sub>I</sub> a. Gianni vuole veder**la** sempre.  
 G. quer(P3) ver-a(cl.acc.) sempre  
 “G. quer vê-la sempre.”  
 a'. \*Gianni vuole vedere sempre **la**.  
 b. Gianni vuole vedere **Maria** sempre.  
 b'. Gianni vuole vedere sempre **Maria**.  
 c. ?Gianni vuole vedere **lei** sempre.<sup>70</sup>  
 c'. Gianni vuole vedere sempre **lei**.
- (117)<sub>I</sub> a. Ascolt**alo** sempre! / Non ascoltar**lo** mai!  
 escuta(P2)-o(cl.acc.) sempre / não escutes(P2)-  
 o(cl.acc.) nunca  
 “Escuta-o sempre!” / “Não o escutes nunca!”  
 a'. \*Ascolta sempre **lo**! / \*Non ascoltare mai **lo**!  
 b. Ascolta **Gianni**, sempre! / Non ascoltare **Gianni**,  
 mai!<sup>71</sup>  
 b'. Ascolta sempre **Gianni**! / Non ascoltare mai **Gianni**!  
 c. Ascolta **lui**, sempre! / Non ascoltare **lui**, mai!  
 c'. Ascolta sempre **lui**! / Non ascoltare mai **lui**!

---

<sup>69</sup> Dada a grande quantidade de casos a considerar de posição pós-verbal dos clíticos (no conjunto italiano-espanhol-francês), neste teste será tomado somente o gerúndio como forma impessoal utilizada sozinha (sem verbo auxiliar), naturalmente em sentenças subordinadas (como em (118)).

<sup>70</sup> Para a informante Elisa Carosi, a sentença (116c) deveria apresentar ênfase em *lei* para ser aceitável (ou seja, esse termo deveria ser focalizado contrastivamente).

<sup>71</sup> A informante Elisa Carosi menciona ser necessário a inclusão das vírgulas em (117b, c) para que as sentenças tenham sentido. Além disso, é necessário ênfase em *lui* nas sentenças de (117c').

- (118)<sub>1</sub> a. Gianni raccontava l'accaduto guardandola fissamente.<sup>72</sup>  
 G. contava(P3) o(art.) accaduto olhando-a(cl.acc.) fixamente  
 "O G. estava contando a estória olhando-a fixamente."  
 a'. \*Gianni raccontava l'accaduto guardando fissamente **la**.  
 b. Gianni raccontava l'accaduto guardando **Maria** fissamente.  
 b'. Gianni raccontava l'accaduto guardando fissamente **Maria**.  
 c. Gianni raccontava l'accaduto guardando **lei** fissamente.  
 c'. Gianni raccontava l'accaduto guardando fissamente **lei**.

Como se pode ver em (116-118), os mesmos resultados que Kanthack (2002, p. 15) encontrou para o PB são verificados no italiano: na posição pós-verbal, somente o clítico não pode ser separado do verbo por outro elemento (no caso, por um advérbio), tendo que permanecer adjacente a este verbo (como atestam a gramaticalidade das sentenças (a) e a agramaticalidade das sentenças (a')). Para os DPs lexicais e os pronomes não-clíticos, no entanto, há a possibilidade de ocorrerem separados do verbo por outro elemento sentencial, como mostram as sentenças (b, b', c, c').

Tomando agora o espanhol, verifica-se que a ênclise, nesta língua, só é possível:

---

<sup>72</sup> Ainda de acordo com Elisa Carosi, apesar de as sentenças em (118) serem aceitáveis, seria preferível trocar *fissamente* por *fisso*, ou substituir o verbo *guardare* por *fissare*:

- (i)<sub>1</sub> a. Gianni raccontava l'accaduto guardandola fisso.  
 G. contava(P3) o(art.) accaduto olhando-a(cl.acc.) fixo  
 "O G. estava contando a estória olhando-a fixo."  
 b. Gianni raccontava l'accaduto fissandola.  
 G. contava(P3) o(art.) accaduto fixando-a(cl.acc.)  
 "O G. estava contando a estória fixando-a."

Mesmo assim, preferiu-se manter as sentenças como em (118).



1. quando há na sentença uma sequência verbal com dois verbos, sendo o segundo um infinitivo ou um gerúndio (como visto na seção anterior, sentenças (104c, 105c, 106c));
2. quando o verbo da sentença se encontra no imperativo afirmativo;
3. com o infinitivo e o gerúndio utilizados sozinhos.

As sentenças em (119-121) ilustram os testes da posição pós-verbal para o espanhol, nestas condições:

- (119)<sub>E</sub> a. Juan quiere ver**la** siempre.  
 J. quer(P3) ver-a(cl.acc.) sempre  
 “J. quer vê-la sempre.”  
 a'. \*Juan quiere ver siempre **la**.  
 b. Juan la quiere ver **a María** siempre.<sup>73</sup>  
 b'. Juan la quiere ver siempre **a María**.  
 c. Juan la quiere ver **a ella** siempre.  
 c'. Juan la quiere ver siempre **a ella**.
- (120)<sub>E</sub> a. Escúchalo siempre!  
 escuta(P2)-o(cl.acc.) sempre  
 “Escuta-o sempre!”  
 a'. \*Escucha siempre **lo**!  
 b. Escúchalo **a Pedro** siempre!  
 b'. Escúchalo siempre **a Pedro**!  
 c. Escúchalo **a él** siempre!  
 c'. Escúchalo siempre **a él**!
- (121)<sub>E</sub> a. Juan contaba lo que había pasado mirándola  
 fijamente.  
 J. contava(P3) o(art.) que tinha(P3) acontecido  
 olhando-a(cl.acc.) fixamente  
 “O J. estava contando o que tinha acontecido  
 olhando-a fixamente.”

---

<sup>73</sup> Sendo *querer* um verbo de reestruturação, o clítico acusativo pode aparecer também em ênclise ao infinitivo, em (119b, b', c), como por exemplo *Juan quiere verla a María siempre* (a coocorrência do DP/PP e do clítico correferencial é um caso de *Clitic Doubling* no espanhol, como será apresentado no Capítulo 4).

- a'. \*Juan contaba lo que había pasado mirando fijamente **la**.
- b. Juan contaba lo que había pasado mirándola **a ella** fijamente.
- b'. Juan contaba lo que había pasado mirándola fijamente **a ella**.
- c. Juan contaba lo que había pasado mirándola **a María** fijamente.
- c'. Juan contaba lo que había pasado mirándola fijamente **a María**.

Como se pode ver nos três grupos de sentenças acima, os mesmos resultados obtidos para o PB e para o italiano são constatados para o espanhol, ou seja, na posição pós-verbal, somente o clítico não pode ser separado do verbo por outro elemento, tendo que permanecer adjacente a este verbo (como atestam a gramaticalidade das sentenças (a) e a agramaticalidade das (a')). Já os DPs/PPs lexicais e os pronomes não-clíticos podem ocorrer separados do verbo por um advérbio (como mostram as sentenças (b, b', c, c')).

Finalmente, para o francês, a ênclise só é possível em uma condição: quando o verbo da sentença se encontra no imperativo afirmativo. Assim, nas sentenças em (122) é apresentado o teste da posição pós-verbal realizado para esta língua<sup>74</sup>:

- (122)<sub>F</sub> a. Écoute-**le** toujours!  
               escuta(P2)-o(cl.acc.) sempre  
               “Escuta-o sempre!”
- a'. \*Écoute toujours **le**!
  - b. Écoute **Pierre** toujours!
  - b'. Écoute toujours **Pierre**!

---

<sup>74</sup> Ao contrário do italiano e do espanhol, em francês os clíticos de P1 e P2 não são licenciados nas suas formas simples após o imperativo afirmativo: os pronomes tônicos correspondentes são usados neste caso. As sentenças a seguir ilustram esse fenômeno, tendo todas elas a tradução “dá-me a tua mão”:

- (i)<sub>I</sub>        Dam**mi** la tua mano.                (mi = clítico dativo)
- (ii)<sub>E</sub>       Dame tu mano.                    (me = clítico dativo)
- (iii)<sub>F</sub>      a. \*Donne-**me** ta main.                (me = clítico dativo)
- b. Donne-**moi** ta main.            (moi = pronome tônico)

- c. Écoute **LUI** toujours (, pas ELLE)!  
 escuta(P2) ele(pron.tôn.) sempre não ela(pron.tôn.)  
 “Escuta sempre ELE, não ELA!”  
 c'. Écoute toujours **LUI** (, pas ELLE)!

Confirmando o que foi verificado para as outras línguas, em (122) se constata que em francês somente o clítico não pode ser separado do verbo por outro elemento quando se encontra na posição pós-verbal (sentenças (a, a')), ao contrário dos DPs lexicais e dos pronomes não-clíticos (sentenças (b, b', c, c')).

Com base nos testes realizados anteriormente, é possível concluir que a posição que os clíticos ocupam é imprópria para os DPs lexicais e para os pronomes não-clíticos, assim como estes dois últimos ocupam posições impróprias para os clíticos. Na seção seguinte, ainda seguindo o que foi realizado por Kanthack (2002, p. 16-21), serão realizados outros testes, com o objetivo de comprovar que os clíticos apresentam comportamento nuclear.

### 3.1.3 O clítico é um núcleo

Com base em todos os testes executados nas seções anteriores, é possível concluir que, assim como assume Sportiche (1998), os clíticos são núcleos que necessitam de uma base verbal para se incorporar, conclusão a que Rizzi (2000, p. 108) também chega. Já os DPs lexicais e os pronomes não-clíticos são considerados projeções máximas, o que justifica a diferença de comportamento verificada entre eles e os clíticos.

A seguir serão realizados mais testes para confirmar o caráter de núcleo dos clíticos.

#### 3.1.3.1 O clítico necessita de uma base verbal para se incorporar

Por ser um elemento átono, o clítico deve ocorrer adjacente a uma outra palavra. Mas essa palavra não pode ser de qualquer natureza. A seguir é apresentado o teste para o PB, considerando sentenças com um e com dois verbos (adaptado de KANTHACK, 2002, p. 17), as quais se encontram em (123, 124):

- (123) a. O meu pai **me** mandava flores.  
 b. \*O meu pai-**me** mandava flores.  
 c. ?O meu pai mandava-**me** flores.

- d. \*O meu pai mandava **me** flores.
  - e. \*O meu pai mandava flores-**me**.
- (124)
- a. O meu pai podia **me** mandar flores.
  - b. ?O meu pai podia mandar-**me** flores.
  - c. \*O meu pai podia-**me** mandar flores.
  - d. ??O meu pai **me** podia mandar flores.
  - e. \*O meu pai-**me** podia mandar flores.
  - f. \*O meu pai podia mandar **me** flores.

Nas sentenças dos dois grupos acima, quando considerada a ênclise a um termo, emprega-se um hífen, o qual não é usado se está sendo considerada a próclise. Assim, Kanthack (2002, p. 17) chega à conclusão de que, em PB, os clíticos somente podem ocorrer adjacentes a um verbo, como constatado para o verbo *mandar* em (123a), em que se tem a próclise, e em (123c), onde há ênclise para este mesmo verbo (não pode haver adjacência do clítico a um substantivo, como verificado pela agramaticalidade das sentenças (123b, d, e) em relação aos nomes *pai* e *flores*). Quando há dois verbos (uma sequência verbal), como em (124), a autora conclui que o clítico pode se colocar em ênclise ou em próclise em relação ao segundo verbo (sentenças (124a, b)) ou em próclise com relação ao primeiro (sentença (124d)), ainda que haja dúvidas quando à aceitabilidade de (124b, d) em PB (mas essas duas últimas sentenças são completamente aceitáveis em PE<sup>75</sup>). Qualquer outra possibilidade é considerada agramatical em PB (como em (124c, e, f)).

No entanto, as demais línguas consideradas aqui revelam especificidades no posicionamento do clítico em relação ao verbo, como verificado nos testes realizados na Seção 3.1.2. Essas especificidades podem ser verificadas na Tabela 13 a seguir, onde os números entre parênteses indicam, quando presentes, as sentenças ou grupos de sentenças utilizadas para a realização dos respectivos testes (ou as sentenças ou grupos que simplesmente apresentam exemplos das construções em questão).

---

<sup>75</sup> É importante considerar, neste caso, que “poder” pode ser considerado um verbo de reestruturação em PE.

**Tabela 13** – Posição do Clítico em Relação ao(s) Verbo(s) em PB, Italiano, Espanhol e Francês.

CONSTRUÇÕES VERBAIS COM:	MODOS DO VERBO	PORT. BRAS. <sup>76</sup>	ITALIANO	ESPAÑHOL	FRANÇÊS
1 VERBO	finito <sup>77</sup>	próclise ((94))	próclise ((113))	próclise ((114))	próclise ((115))
	imperativo afirmativo	próclise	próclise ou ênclise ((117) e Nota 68)	ênclise ((120))	ênclise ((122))
	imperativo negativo	próclise	próclise ou ênclise ((117) e Nota 68)	próclise	próclise
	gerúndio	próclise	ênclise ((118))	ênclise ((121))	próclise
	infinitivo	próclise	ênclise	ênclise	próclise
	particípio	*	ênclise	*	*
2 VERBOS <sup>78</sup>	finito + gerúndio	próclise ao 2º verbo ((98))	próclise ou ênclise ((101))	próclise ou ênclise ((104))	*
	finito + infinitivo	próclise ao 2º verbo ((99))	próclise ou ênclise ((102))	próclise ou ênclise ((105))	próclise ao 2º verbo ((108))
	finito + particípio (tempos compostos)	próclise ao 2º verbo ((100))	próclise ((103))	próclise ((106))	próclise ((109))

<sup>76</sup> Para o PB, estão sendo considerados os casos mais gerais da língua oral (em que a próclise é admitida sem restrições).

<sup>77</sup> Na Tabela 13, na menção às construções com um único verbo finito não estão incluídos os casos em que este verbo se encontre no imperativo afirmativo ou negativo; o imperativo é analisado separadamente na tabela.

<sup>78</sup> Para as construções com sequências verbais de dois verbos, onde se encontra especificado somente “próclise” ou “ênclise” (sem indicar se em relação ao 1º ou ao 2º verbo da sequência) deve-se admitir em relação à sequência verbal como um todo (então, “próclise em relação ao primeiro verbo” ou “ênclise em relação ao segundo verbo”). Excetuando-se os tempos compostos, a próclise ocorre então com verbos de reestruturação na posição de verbos matrizes das sequências verbais, neste caso.

As construções indicadas por asteriscos não se verificam nas línguas (ao menos, o autor deste trabalho não encontrou dados que indicassem o contrário).

Dentre outras informações, é possível ver na Tabela 13 que:

1. em todas as quatro línguas, a única possibilidade de posição do clítico em uma sentença com um único verbo finito (excetuando-se o imperativo) é a próclise<sup>79</sup>;
2. quando há uma sequência com dois verbos (não sendo o segundo um particípio), em italiano e em espanhol há duas possibilidades para o clítico: ocorrer antes do primeiro verbo (quando este for de reestruturação, pois nestas línguas é possível haver alçamento do clítico) ou após o segundo; já em francês, assim como no PB oral, nesta situação é somente entre os dois verbos que o clítico poderá ser colocado (em próclise ao segundo).

As informações acima serão consideradas para o teste da base à qual o clítico é adjacente em italiano, espanhol e francês. Serão empregados hífen para indicar a base considerada para o clítico, independentemente de se tratar de próclise ou ênclise (ainda que não se faça uso de hífen para o posicionamento dos clíticos em várias situações nas línguas em questão).

Para um único verbo finito, tem-se (125-127):

- (125)<sub>I</sub> a. Mía madre **mi** – dava dei baci.<sup>80</sup>  
               minha mãe me(cl.dat.) dava(P3) uns(part.) beijos  
               “A minha mãe me dava beijos.”
- b. \*Mía madre-**mi** dava dei baci.
  - c. \*Mía madre dava **mi**-dei baci.
  - d. \*Mía madre dava dei-**mi** baci.
  - e. \*Mía madre dava dei **mi**-baci.
  - f. \*Mía madre dava dei baci-**mi**.

<sup>79</sup> Excetuando-se os casos de ênclise possíveis no PB escrito para um único verbo.

<sup>80</sup> Nas sentenças gramaticais dos grupos (125-130), o traço maior e entre espaços ( – ) indica que o clítico não é escrito junto à base considerada; o traço menor ( - ) indica que isso acontece:

- (i)<sub>I</sub> Mía madre **mi** – **dava** dei baci. (125a) = Mía madre **mi** **dava** dei baci.
- (ii)<sub>I</sub> Mía madre voleva **dar-mi** dei baci. (128c) = Mía madre voleva **darmi** dei baci.

- (126)<sub>E</sub> a. Mi madre **me** – daba besos.  
 minha mãe me(cl.dat.) dava(P3) beijos  
 “A minha mãe me dava beijos.”  
 b. \*Mi madre-**me** daba besos.  
 c. \*Mi madre daba **me**-besos.  
 d. \*Mi madre daba besos-**me**.
- (127)<sub>F</sub> a. Ma mère **me** – donnait des bisous.  
 minha mãe me(cl.dat.) dava(P3) uns(part.) beijos  
 “A minha mãe me dava beijos.”  
 b. \*Ma mère-**me** donnait des bisous.  
 c. \*Ma mère donnait **me**-des bisous.  
 d. \*Ma mère donnait des-**me** bisous.  
 e. \*Ma mère donnait des **me**-bisous.  
 f. \*Ma mère donnait des bisous-**me**.

Os três grupos de sentenças acima revelam que, nas três línguas, o clítico somente pode ter por base um verbo, ao qual ele deve permanecer adjacente. Em italiano (sentenças em (125)) e em francês (sentenças em (127)) é possível notar que o clítico não pode ter por base nem um substantivo (sentenças (b, e, f)), nem o partitivo que pode ser usado diante deste termo (sentenças (c, d)). Em espanhol, por não haver partitivos, nas sentenças em (126) foi testado somente o substantivo como base, em (b, c, d), também chegando à conclusão de que o substantivo não serve como base para o clítico.

Considerando-se agora sentenças com sequências verbais compostas por dois verbos, tem-se o teste realizado em (128-130) a seguir:

- (128)<sub>I</sub> a. Mia madre **mi** – voleva dare dei baci.  
 minha mãe me(cl.dat.) queria(P3) dar uns(part.) beijos  
 “A minha mãe queria me dar beijos.”  
 b. \*Mia madre-**mi** voleva dare dei baci.  
 c. Mia madre voleva dar-**mi** dei baci.  
 d. \*Mia madre voleva dare **mi**-dei baci.  
 e. \*Mia madre voleva dare dei-**mi** baci.  
 f. \*Mia madre voleva dare dei **mi**-baci.  
 g. \*Mia madre voleva dare dei baci-**mi**.

- (129)<sub>E</sub> a. Mi madre **me** – quería dar besos.  
 minha mãe me(cl.dat.) queria(P3) dar beijos  
 “A minha mãe queria me dar beijos.”  
 b. \*Mi madre-**me** quería dar besos.  
 c. Mi madre quería dar-**me** besos.  
 d. \*Mi madre quería dar **me**-besos.  
 e. \* Mi madre quería dar besos-**me**.
- (130)<sub>F</sub> a. Ma mère voulait **me** – donner des bisous.  
 minha mãe queria(P3) me(cl.dat.) dar uns(part.) beijos  
 “A minha mãe queria me dar beijos.”  
 b. \*Ma mère voulait-**me** donner des bisous.  
 c. \*Ma mère-**me** voulait donner des bisous.  
 d. \*Ma mère voulait donner **me**-des bisous.  
 e. \*Ma mère voulait donner des-**me** bisous.  
 f. \*Ma mère voulait donner des **me**-bisous.  
 g. \*Ma mère voulait donner des bisous-**me**.

A observação das sentenças nos três grupos acima revela, mais uma vez, que o clítico não pode se incorporar a uma base que não seja verbal, de tal forma que somente as sentenças (128a, c), (129a, c) e (130a) são gramaticais. Todas as demais (com exceção de (130b)) são agramaticais por estarem considerando que o clítico se incorpora a um partitivo ou a um substantivo.

É importante ainda esclarecer que, em francês, (130b) é agramatical porque o clítico deveria se incorporar ao segundo verbo (o lexical), não ao primeiro. A razão para isso é o fato de não haver alçamento do clítico em francês, de forma que o clítico não pode subir do seu verbo de base (*donner*) para o verbo mais alto (*vouloir*).

Além de se incorporar somente a um verbo, o clítico não pode se encontrar separado deste, de forma que entre eles não pode haver outro elemento, como um advérbio, por exemplo. Esse é o próximo teste a ser realizado.

### 3.1.3.2 *Um advérbio não pode ocorrer entre o clítico e o verbo*

De acordo com Kanthack (2002, p. 18-19) e como indicado indiretamente acima (nos testes da Seção 3.1.2.3), não é possível que um advérbio se posicione entre o clítico e sua base verbal, à qual ele se encontra incorporado.



Na obtenção de exemplos para a realização deste teste, serão incluídos advérbios às sentenças gramaticais dos grupos (123-130). Isto porque nestes grupos já foram identificadas as bases verbais (sublinhadas em (131-134)) às quais os clíticos estão incorporados.

- (131) a. O meu pai sempre **me** mandava flores.  
 b. \*O meu pai **me** sempre mandava flores.  
 c. O meu pai podia sempre **me** mandar flores.  
 d. \*O meu pai podia **me** sempre mandar flores.
- (132)<sub>I</sub> a. Mia madre **mi** dava sempre dei baci.  
 minha mãe me(cl.dat.) dava(P3) sempre uns(part.)  
 beijos  
 “A minha mãe sempre me dava beijos.”  
 b. \*Mia madre **mi** sempre dava dei baci.  
 c. Mia madre **mi** voleva sempre dare dei baci.  
 d. \*Mia madre **mi** sempre voleva dare dei baci.  
 e. Mia madre voleva sempre darmi dei baci.  
 f. \*Mia madre voleva dare sempre **mi** dei baci.
- (133)<sub>E</sub> a. Mi madre siempre **me** daba besos.  
 minha mãe sempre me(cl.dat.) dava(P3) beijos  
 “A minha mãe sempre me dava beijos.”  
 b. \*Mi madre **me** siempre daba besos.  
 c. Mi madre siempre **me** quería dar besos.  
 d. \*Mi madre **me** siempre quería dar besos.  
 e. Mi madre siempre quería darme besos.  
 f. \*Mi madre quería dar siempre **me** besos
- (134)<sub>F</sub> a. Ma mère **me** donnait toujours des bisous.  
 minha mãe me(cl.dat.) dava(P3) sempre uns(part.)  
 beijos  
 “A minha mãe sempre me dava beijos.”  
 b. \*Ma mère **me** toujours donnait des bisous.  
 c. Ma mère voulait toujours **me** donner des bisous.  
 d. \*Ma mère voulait **me** toujours donner des bisous.

As sentenças nos quatro grupos acima comprovam que o clítico não pode estar separado de sua base por um advérbio, pois está incorporado a essa base (um verbo). Sempre que essa separação acontece, a sentença

se torna agramatical, como indicado nas sentenças (b, d, f) desses grupos.

Continuando os testes para a confirmação do caráter nuclear do clítico, na próxima seção será considerada a impossibilidade de o clítico se posicionar à esquerda de uma negação sentencial.

### 3.1.3.3 *O clítico não pode ser linearizado à esquerda de uma negação sentencial*

Mioto (1992, p. 68ss.) afirma que o *não* é um núcleo que está sempre adjacente a um verbo. Somente um elemento de natureza nuclear pode se posicionar entre o verbo e a negação, sendo esta o núcleo mais à esquerda do complexo. Dessa forma, admitindo o caráter nuclear do clítico, este não pode “pular” a negação e se posicionar à esquerda dela. Kanthack (2002, p. 19) menciona que este argumento é construído a partir do alçamento do clítico, no qual o clítico se move de uma sentença para outra mais alta, como no exemplo fornecido pela autora em (135):

- (135) a. A Maria podia **te** ajudar nos trabalhos da escola.  
 b. ??A Maria **te** podia ajudar nos trabalhos da escola.  
 (KANTHACK, 2002, p. 19)

Com a presença da negação no verbo mais encaixado, o clítico não poderia pular essa negação, como a autora exemplifica em (136):

- (136) a. A Maria podia **não te** ajudar nos trabalhos da escola.  
 b. \*A Maria **te** podia **não** ajudar nos trabalhos da escola.  
 (KANTHACK, 2002, p. 20)

A presença da negação no verbo mais encaixado (como em (136)) comprova que aí se tem um domínio ao qual o primeiro verbo da sequência verbal não pertence, o que invalida também o alçamento do clítico indicado em (136b).

A execução deste teste nas demais línguas é apresentada em (137-139). Nestes grupos, as sentenças (a, b) são construídas com a negação no verbo mais alto, mas as (b) apresentam alçamento do clítico; as (c, d) apresentam a negação no verbo mais encaixado, sendo que as (d) apresentam o movimento do clítico por sobre a negação.

- (137)<sub>I</sub> a. Mia sorella non poteva aiutarmi.  
 minha irmã não podia(P3) ajudar-me(cl.acc.)  
 “A minha irmã não podia me ajudar.”  
 b. Mia sorella non **mi** poteva aiutare.  
 c. \*Mia sorella poteva non aiutarmi.  
 d. \*Mia sorella **mi** poteva non aiutare.
- (138)<sub>E</sub> a. Mi hermana no podía ayudarme.  
 minha irmã não podia(P3) ajudar-me(cl.acc.)  
 “A minha irmã não podia me ajudar.”  
 b. Mi hermana no **me** podía ayudar.  
 c. \*Mi hermana podía no ayudarme.  
 d. \*Mi hermana **me** podía no ayudar.
- (139)<sub>F</sub> a. Ma sœur ne pouvait pas m'aider.  
 minha irmã não podia(P3) não me(cl.acc.) ajudar  
 “A minha irmã não podia me ajudar.”  
 b. \*Ma sœur ne **me** pouvait pas aider.  
 c. \*Ma sœur pouvait ne pas m'aider.  
 d. \*Ma sœur pouvait **me** ne pas aider.

Em (137, 138), as sentenças (a, b) são gramaticais pois o italiano e o espanhol apresentam o fenômeno de alçamento do clítico, e nessas línguas o clítico não se eleva acima da negação. (139b) é agramatical porque o francês não apresenta este fenômeno. Nos três grupos, todas as sentenças (d) são agramaticais, o que confirma o fato de o clítico não poder se alçar por sobre a negação<sup>81</sup>.

Finalmente, para este teste, Kanthack (2002, p. 20-21) menciona que o advérbio, por ser um elemento de natureza diferente em relação à negação e ao clítico, não pode quebrar a adjacência entre os núcleos negação-clítico-verbo. Dessa maneira, resta comprovar que o advérbio não pode se posicionar entre a negação e o clítico (uma vez que já foi comprovado nas seções anteriores que o advérbio não pode se interpor

---

<sup>81</sup> Nos grupos (137-139), todas as sentenças (c) foram avaliadas como agramaticais pelos três informantes consultados para cada uma das línguas. Como o italiano e o espanhol (sentenças (137c, 138c)) não licenciam clíticos entre os verbos da sequência verbal (onde o primeiro verbo é funcional, apresentando alçamento do clítico, o que, por sua vez, indica aplicação da regra de reestruturação), também não licenciam a negação, de forma que esta forma um complexo nuclear com o clítico.

entre o clítico e o verbo). O exemplo dado pela autora é o indicado em (140):

- (140) a. \*A Maria não sempre **te** podia ajudar nos trabalhos da escola.<sup>82</sup>  
 b. ??A Maria sempre não **te** podia ajudar nos trabalhos da escola.

(KANTHACK, 2002, p. 20)

Para as demais línguas, este teste é apresentado em (141-143), sendo que as sentenças (a) de (141, 142) possuem a negação e o clítico no verbo mais alto; em (143a) somente a negação está no verbo mais alto, pois o clítico não é licenciado diante do primeiro verbo em francês, uma vez que nesta língua não se tem alçamento do clítico.

- (141)<sub>I</sub> a. Mia sorella non **mi** voleva aiutare volentieri.  
 minha irmã não me(cl.acc.) queria(P3) ajudar com-prazer  
 “A minha irmã não queria me ajudar de bom grado.”  
 b. \*Mia sorella non volentieri **mi** voleva aiutare.
- (142)<sub>E</sub> a. Mi hermana no **me** quería ayudar temprano.  
 minha irmã não me(cl.acc.) queria(P3) ajudar cedo  
 “A minha irmã não queria me ajudar cedo.”  
 b. \*Mi hermana no temprano **me** quería ayudar.
- (143)<sub>F</sub> a. Ma sœur ne voulait pas **m'**aider volontiers.  
 minha irmã não queria(P3) não me(cl.acc.)-ajudar com-prazer  
 “A minha irmã não queria me ajudar de bom grado.”  
 b. \*Ma sœur ne volontiers voulait pas **m'**aider.  
 c. \*Ma sœur ne voulait volontiers pas **m'**aider.  
 d. Ma sœur ne voulait pas volontiers **m'**aider.  
 e. \*Ma sœur ne voulait pas **me** volontiers aider.

---

<sup>82</sup> No entanto, a substituição de “não” por “nem” em (140a) faria a sentença ser mais aceitável em PB: “?A Maria nem sempre te podia ajudar nos trabalhos da escola.” Isso indica que o “nem” não tem o mesmo valor de negação que o “não”.

Todas as sentenças (b) destes três grupos são agramaticais, o que comprova o fato de o advérbio não poder se interpor entre a negação e o clítico; (143e) é agramatical porque o advérbio está separando o clítico da sua base verbal (o verbo lexical, em segunda posição na sequência verbal). A gramaticalidade de (143d) pode ser justificada pelo fato de a negação ser atribuída ao verbo mais alto, e o clítico estar em adjacência ao mais baixo (o que indica a não aplicação da regra de reestruturação em francês). Assim, não há como o advérbio se interpor entre a negação e o clítico.

Resumindo, como base em todos os testes realizados até aqui, é possível concluir que o clítico é um núcleo, diferentemente dos DPs lexicais, dos pronomes não-clíticos e dos advérbios, que se comportam como uma projeção máxima. Na seção seguinte será apresentada, então, uma proposta de representação sintática para os clíticos, a ser adotada na sequência do trabalho.

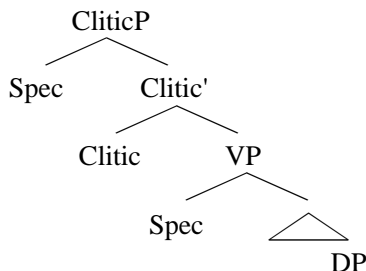
### **3.1.4 Representações para a categoria CliticP**

Kanthack (2002, p. 34-89) apresenta também algumas representações possíveis para os clíticos, considerando seu estatuto, a posição em que são gerados e as razões que desencadeiam o seu movimento (dentre elas as propostas de Raposo (1998), Franco (1999), Sportiche (1998)<sup>83</sup>, Kayne (1991), Rizzi (1993), Belletti (1995), Uriagereka (1995), Raposo (2000) e Galves (2001)). Dentre estas representações, será adotada, para efeitos deste trabalho com relação à posição em que o clítico é gerado, a hipótese de Sportiche (1998).

De acordo com Sportiche (1998), os clíticos projetam um sintagma CliticP, o qual tem o seu núcleo ocupado pelo próprio clítico. Essa projeção se encontra dentro de IP (uma vez que é possível dizer que o clítico se comporta da mesma forma que uma desinência verbal, adjacente ao verbo). Tal representação é dada na Figura 5 a seguir:

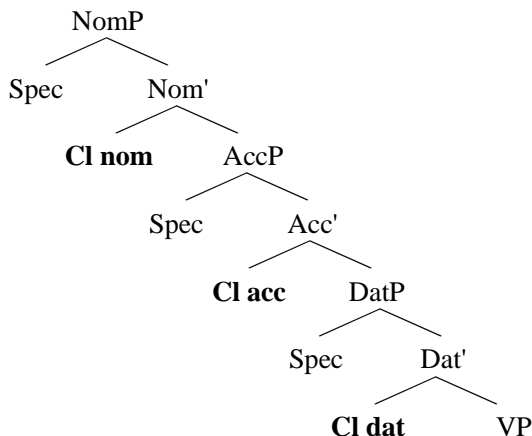
---

<sup>83</sup> Kanthack (2002) se refere a Sportiche (2000). Entretanto, na consulta a este último foi verificado que, na verdade, o ano de publicação é 1998.

**Figura 5** – Representação da Projeção CliticP.

**Fonte:** SPORTICHE, 1998.

Buscando possibilitar a representação quando há mais de um clítico na sentença, a projeção CliticP pode ainda ser expandida (aberta). Assim, se forem considerados os vários tipos de clíticos possíveis (nominativo, acusativo, dativo, locativo, genitivo, etc.), cada um possui a sua projeção máxima e ocupa o núcleo desta projeção, como representado para alguns desses casos na Figura 6 a seguir:

**Figura 6** – Representação das Projeções NomP, AccP e DatP.

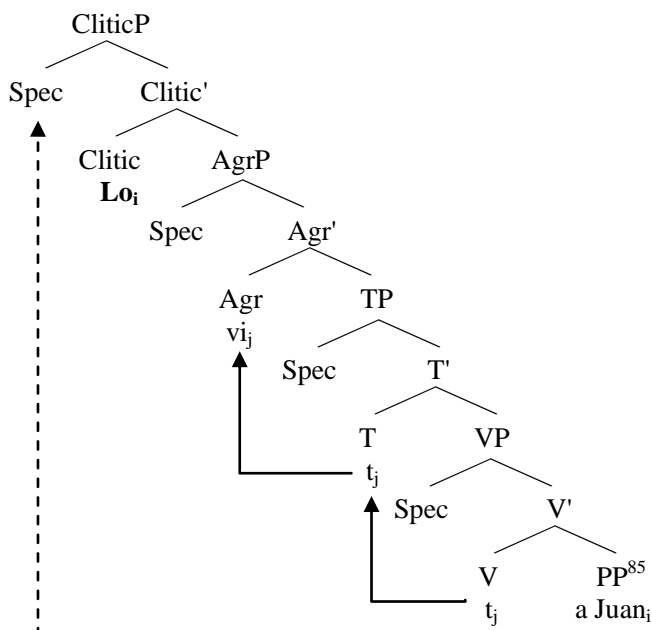
**Fonte:** SPORTICHE, 1998, p. 266.

Está sendo suposto, aqui, que o clítico é gerado na base da sua projeção, como um tipo de afixo verbal. Com este artifício, as construções com *Clitic Dislocation* se tornam mais fáceis de serem representadas, uma vez que o(s) DP(s) ocupam a(s) posição(ões)

canônica(s) de argumento(s) do verbo, posição(ões) esta(s) não disponível(is) então para a geração do(s) clítico(s)<sup>84</sup>. Por exemplo, uma sentença do espanhol como (144) tem sua derivação dada na Figura 7:

(144)<sub>E</sub> [Lo]<sub>i</sub> vi [a Juan]<sub>i</sub>.  
o(cl.acc.) vi(P1) a(pred.) J.  
“Eu vi o J.”

**Figura 7** – Derivação da Sentença em (144).



A coindexação entre o clítico e o DP garante a estrutura de *Clitic Dislocation*. Essa coindexação respeita o “*Clitic Criterion*”, mencionado por Sportiche (1998, p. 267) e repetido aqui em (145):

<sup>84</sup> Cecchetto (1999) apresenta uma proposta que também resolveria esse impasse, mencionada na Nota 93.

<sup>85</sup> Apesar de se esperar um DP nesta posição, em espanhol é obrigatória a presença da preposição neste caso (ver Nota 3).

(145) “*Clitic Criterion*”

- a. Um clítico (de traço X) deve estar em relação Spec-núcleo com um DP (de traço X) em LF;
- b. Um DP (de traço X) deve estar em relação Spec-núcleo com um clítico (de traço X) em LF.

Sendo assim, para satisfazer ao *Clitic Criterion*, o DP (ou PP) coindexado, no caso de uma sentença como (144), deve se mover para Spec,CliticP na forma lógica (LF), como indicado pela linha tracejada na Figura 7. Dessa forma é deflagrada a concordância entre os constituintes [<sub>PP</sub> a Juan] e [<sub>Clitic</sub> Lo] (em pessoa, gênero, número e caso), havendo posteriormente movimentos dos outros constituintes para posições mais altas, como TopP ou FocP, o que garante a linearidade da sentença. No caso de uma sentença do italiano como (146), o movimento do [<sub>DP</sub> Anna] para Spec,CliticP ocorre sem a necessidade de movimentos remanescentes (a não ser, eventualmente, para TopP):

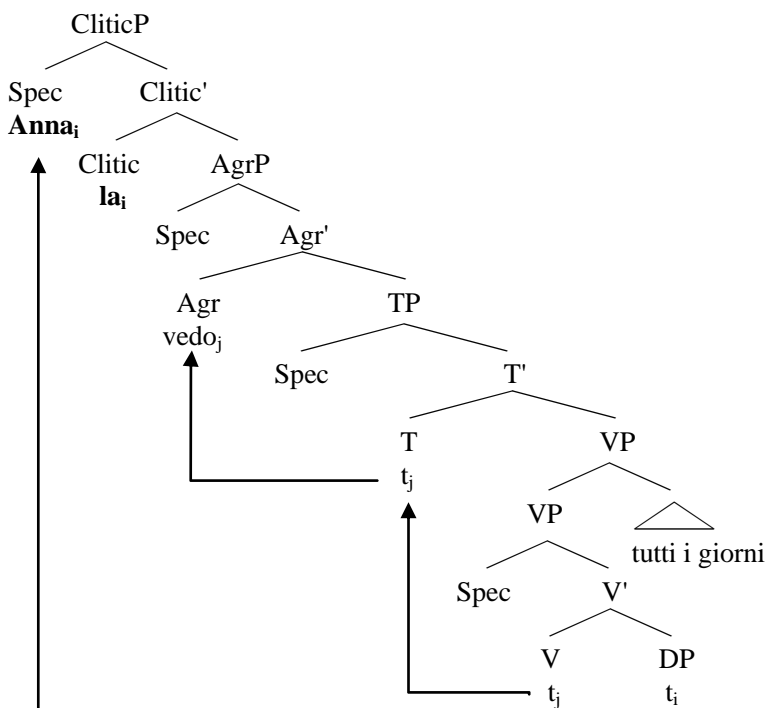
(146)<sub>I</sub> [Anna]<sub>i</sub> [**la**]<sub>i</sub> vedo tutti i giorni.

A. a(cl.acc.) vejo(P1) todos os(art.) dias

“A A., eu a vejo todos os dias.”

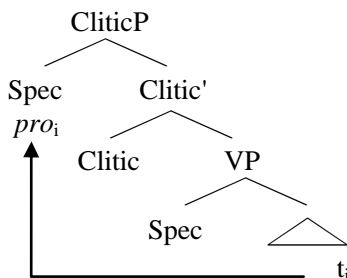
A derivação parcial de (146) é apresentada na Figura 8:



**Figura 8** – Derivação Parcial de (146).

Segundo Sportiche (1998, p. 268), o *Clitic Criterion* deve sempre ser satisfeito. Dessa forma, mesmo em sentenças em que não ocorra o DP (ou PP) correferencial ao clítico, há movimento de um DP (ou PP) para Spec, CliticP em LF, ainda que este constituinte não seja foneticamente realizado. Essa afirmação vai ao encontro da própria razão de ser do clítico (como de todo pronome): substituir (ou retomar) um DP (ou um PP) já mencionado na situação de comunicação. Neste caso, o DP (ou PP) em questão é representado por um *pro*, como ilustrado na Figura 9:

**Figura 9** – Movimento do DP não Realizado Foneticamente, Correferencial ao Clítico.



**Fonte:** KANTHACK, 2002, p. 50.

Tendo sido apresentada a categoria dos clíticos e o *Clitic Criterion*, passamos, na seção seguinte, aos movimentos que podem ser realizados por estes constituintes na sentença.

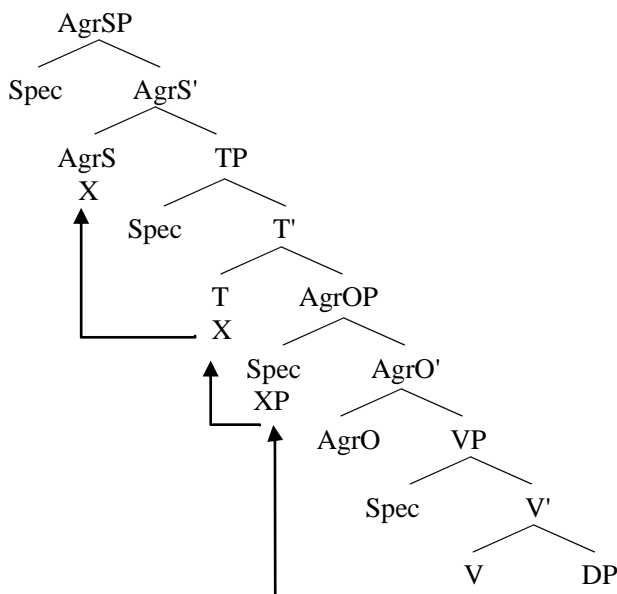
### 3.2 O MOVIMENTO DOS CLÍTICOS

É importante esclarecer que o clítico pode não permanecer na posição em que é gerado, o núcleo de **CliticP**. Além disso, o verbo deve se mover para junto dele, assim como as desinências verbais também devem se mover para junto deste verbo, de modo que o conjunto clítico+verbo tenha a sua morfologia completada.

Kanthack (2002) menciona a hipótese defendida por Rizzi (1993) e Belletti (1995), segundo a qual “o movimento do clítico e as diferentes posições que ele ocupa na sentença estão relacionados com a necessidade de checagem de traços, tanto do clítico como do verbo, que é o constituinte que serve de base final para a incorporação do clítico” (KANTHACK, 2002, p. 59). Ainda de acordo com estes dois autores, o clítico apresenta comportamento misto em relação ao seu movimento: ora se comporta como projeção máxima (XP), ora como núcleo (X). Isso porque, ao contrário de Sportiche (1998), eles supõem que o clítico não nasce como núcleo, mas como argumento verbal.

Assim, Rizzi e Belletti (apud KANTHACK, 2002, p. 59-66) supõem a seguinte estrutura e movimentos para o clítico, especificados na Figura 10:

**Figura 10** – Estrutura da Sentença e Movimentos do Clítico propostos por Rizzi (1993) e Belletti (1995).



**Fonte:** KANTHACK, 2002, p. 61.

Conforme é possível verificar na Figura 10, segundo os autores o clítico nasce como argumento interno do verbo, se movimenta como projeção máxima para Spec,AgrOP (a projeção em que o verbo realiza sua concordância com o objeto) e, a partir daí, se movimenta como núcleo: passa para T°, onde se junta ao verbo, e com ele vai para AgrS° (o núcleo da projeção em que ocorre a concordância do verbo com o sujeito).

Tais concordâncias ocorrem em italiano, por exemplo, de acordo com as sentenças em (147):

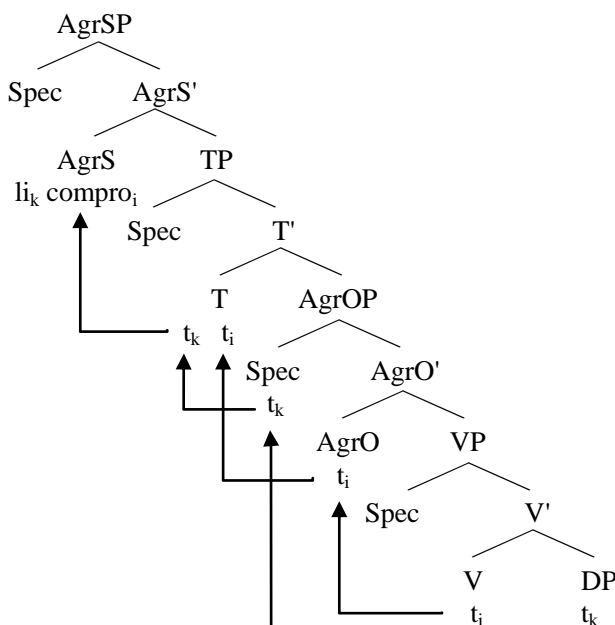
- (147)<sub>I</sub> a. [<sub>Top</sub> Questi libri]<sub>i</sub>, [li]<sub>i</sub> ho comprati due giorni fa.  
 estes livros os(cl.acc.) tenho(P1) comprados dois dias  
 faz(P3)  
 “Estes livros, eu os comprei faz dois dias.”
- b. Maria è uscita poco fa.  
 M. é(P3) saída pouco faz(P3)  
 “A M. saiu ainda há pouco.”

Em (147a) há um caso de concordância do particípio passado com o clítico de terceira pessoa, o qual retoma o objeto direto [<sub>DP</sub> Questi libri]; em (147b), a concordância do particípio é com o sujeito [<sub>DP</sub> Maria].

No entanto, entre AgrOP e VP na Figura 10, segundo os autores, é necessário que haja outras projeções, como AgrPstPrt (Agr do particípio passado), de modo que o verbo possa passar por ela antes de se encontrar com o clítico (como é necessário em (147a), em que há um verbo no particípio passado); caso contrário, a intervenção do clítico poderia bloquear a checagem de traços da morfologia verbal. Para os casos em que o clítico ocorre em próclise ao verbo finito, como em (148), o verbo se completaria somente em AgrSP, sendo que o clítico também se movimentaria para lá, permanecendo à esquerda do verbo para não interferir na checagem deste.

- (148)<sub>I</sub>    **Li** compro.  
               os(cl.acc.) compro(P1)  
               “Eu os compro.”

Para a sentença acima os autores propõem a derivação dada na Figura 11:

**Figura 11** – Derivação da Sentença em (148).

**Fonte:** adaptado de KANTHACK, 2002, p. 62.

Nesta figura, tem-se primeiramente o movimento nuclear do verbo (formando a cadeia de índice “i”) de  $V^0$  diretamente para  $AgrO^0$ . Em seguida, o clítico se move sintagmaticamente da posição de complemento de VP (formando a cadeia de índice “k”) para o especificador de  $AgrOP$  (para onde ele geralmente se dirige após deixar a posição canônica de complemento verbal). Então, os dois elementos se movem nuclearmente para  $T^0$ , sendo que o clítico se posiciona à esquerda do verbo (uma vez que este ainda não está completo, tendo que realizar a concordância com o sujeito, em  $AgrS^0$ ; se o clítico se posicionasse à direita, tal concordância seria impossibilitada, de tal forma que o verbo não poderia se completar morfologicamente<sup>86</sup>). Finalmente, o grupo se move para  $AgrS^0$ , onde o verbo tem sua morfologia completada.

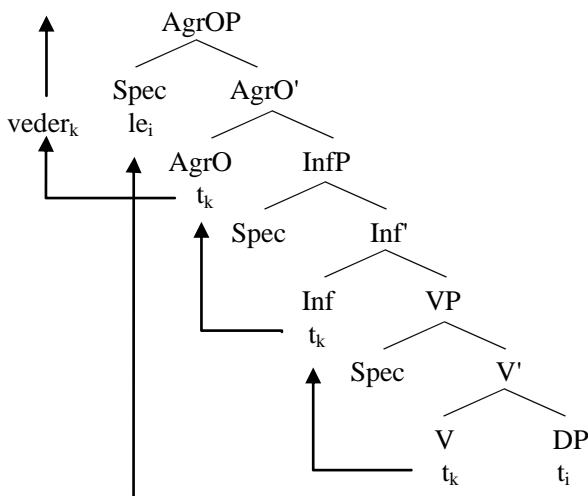
<sup>86</sup> Em  $T^0$  o verbo receberia ainda a desinência de tempo, nula na sentença em (148) (mas não nula se a sentença fosse, por exemplo, *Li compr-av-o*, “Eu os comprava”).

Dependendo do tempo verbal e da posição do clítico, diferentes projeções que abrigam diferentes desinências verbais (AgrPstPrt, InfP, etc.) são habilitadas e em diferentes posições na árvore em relação a AgrOP, para justificar a convergência das sentenças. Para uma sentença como (149), com o verbo no infinitivo, em que o clítico se posiciona à direita do verbo, os autores propõem a derivação parcial presente na Figura 12:

(149)<sub>i</sub> Veder<sub>le</sub>, ....  
 ver-as(cl.acc.)  
 “Vê-las, ...”

(KANTHACK, 2002, p. 63)

**Figura 12** – Derivação Parcial da Sentença (149).



**Fonte:** KANTHACK, 2002, p. 63.

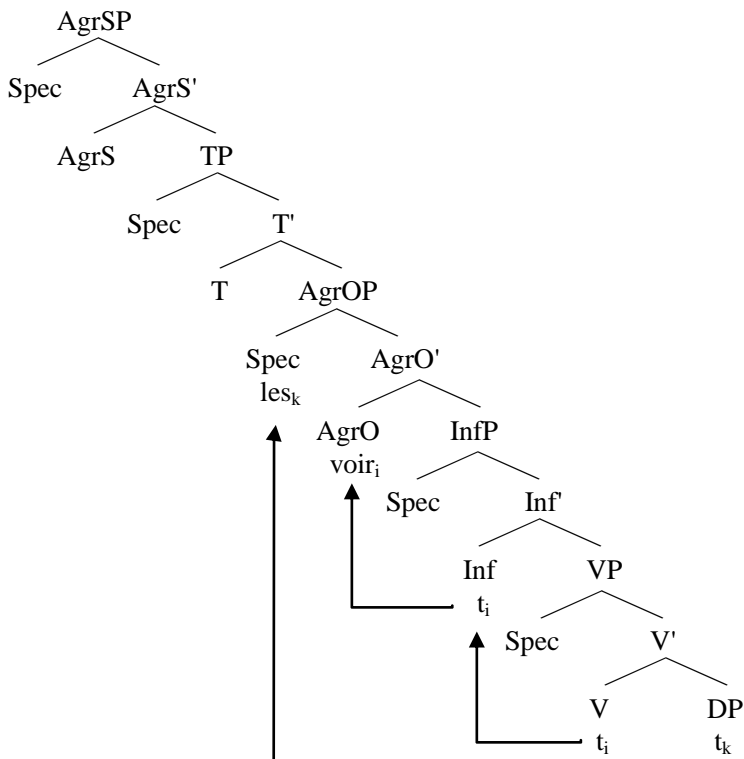
Comparando as Figuras 11 e 12 é possível ver que há nesta última uma projeção de IP entre AgrOP e VP (no caso, InfP) que não foi mostrada na Figura 11. Isto porque, segundo os autores, em (149) (e na Figura 12, consequentemente) o verbo deve checar alguns de seus traços abaixo de AgrOP, para então poder passar por AgrO<sup>o</sup> e levar com ele o clítico (sendo que este agora pode se posicionar à esquerda do verbo, uma vez que a morfologia verbal já está completa no momento da incorporação do clítico).

Entretanto, há dois casos que mostram diferenças em relação ao que foi dito até agora, também mencionados por Kanthack (2002, p. 64-65): a próclise diante do infinitivo em francês e a ênclise no imperativo em italiano (mas também a ênclise no imperativo afirmativo em espanhol e em francês, sendo também possível no PB). Os exemplos dados por Kanthack são mostrados em (150, 151):

- (150)<sub>F</sub> a. **Les** voir.  
os(cl.acc.) ver  
“Vê-los.”  
b. \*Voir **les**.
- (151)<sub>I</sub> a. Prendiam**lo**.  
peguemos(P4)-o(cl.acc.)  
“Peguemo-lo.”  
b. Prendet**lo**.  
pegueis(P5)-o(cl.acc.)  
“Peguem-no.”

(KANTHACK, 2002, p. 64)

Belletti (1995 apud KANTHACK, 2002, p. 64) menciona, para (150), que se há próclise com o infinitivo é porque o verbo não se moveu para T<sup>0</sup>, como mostrado na Figura 13.

**Figura 13** – Derivação da Sentença (150).

Para justificar a ênclise em (151), Rizzi (1993 apud KANTHACK, 2002, p. 64-65) assume que há um movimento de V+I (verbo e suas desinências) para C (acima de AgrSP, portanto) segundo o que é chamado em Kanthack (2002, p. 65) de “Critério Imperativo”. Seria então possível subentender, nesse caso, que o clítico não acompanharia o verbo nesse movimento.

Há ainda mais um caso a especificar, também citado em Kanthack (2002, p. 65): o imperativo negativo em italiano, em que o clítico pode ocorrer tanto antes como depois do verbo (como mencionado na Nota 68). Para esse caso, a autora fornece os exemplos mostrados em (152):

- (152)<sub>I</sub> a. Non prendetelo.  
           não pegueis(P5)-o(cl.acc.)  
           “Não o peguem.”



b. Non **lo** prendete.

(KANTHACK, 2002, p. 65)

Para o imperativo negativo, Rizzi (1993 apud KANTHACK, 2002, p. 65) assume dois lugares possíveis para a checagem morfológica do verbo: InfP (abaixo de AgrOP) e AgrSP (acima de AgrOP). Essas posições podem ser visualizadas na Figura 13. Assim, se a checagem verbal for realizada em InfP, a ênclise ocorrerá, pois o clítico poderá se incorporar à direita do verbo, sem prejudicar a checagem deste (uma vez que o verbo já estará morfológicamente completo quando se encontrar com o clítico em AgrOP, como em (152a)); se a checagem do verbo ocorrer em AgrSP, deverá ocorrer a próclise, de tal forma que o clítico não barre a checagem verbal após a passagem do verbo por AgrOP.

Finalmente, Rizzi (1993 apud KANTHACK, 2002, p. 65-66) menciona ainda o caso de ocorrência de ênclise em verbos finitos, como verificado no PE. Kanthack traz os exemplos em (153):

(153)<sub>PE</sub> a. Ele encontrou-**me** na festa.

b. A Maria deu-**lhe** esse livro ontem.

(KANTHACK, 2002, p. 65)

Para esse caso, Rizzi prevê como local de pouso para o clítico um núcleo funcional acima de AgrSP. Tal núcleo seria uma recursão de AgrC, para onde o verbo poderia se movimentar, condicionado a vários fatores. Permanecendo o verbo no núcleo de AgrSP, o clítico não pode ocorrer depois dele, pois bloquearia sua checagem morfológica; assim, o verbo se move para AgrC após completar sua checagem em AgrSP e o clítico pode se incorporar à direita do verbo morfológicamente completo.

Até aqui foram apresentadas várias informações para os possíveis movimentos dos clíticos em várias situações, a partir da proposta de representação de Rizzi (1993) e de Belletti (1995). No entanto, como já mencionado, neste trabalho será considerado que o clítico nasce em sua projeção CliticP e ocupa o núcleo desta (segundo a proposta de Sportiche (1998), de forma que a posição canônica de complemento verbal esteja livre para a derivação das sentenças com *Clitic Dislocation*, nas quais os DPs ou PPs correferenciais aos clíticos são foneticamente realizados). Assim, seu movimento será sempre nuclear.

Tendo sido atestadas as propriedades da categoria dos clíticos e descritos os movimentos que estes elementos podem realizar, na seção a seguir é fornecida a síntese deste capítulo.

### 3.3 SÍNTESE DO CAPÍTULO 3

No Capítulo 3 foram realizados testes utilizando sentenças nas quatro línguas neolatinas consideradas com o objetivo de atestar as características da categoria dos clíticos. Tais testes tiveram como base o trabalho de Kanthack (2002). Foram também descritos os movimentos possíveis para estes elementos, tendo por base Rizzi (1993) e Belletti (1995).

Primeiramente foi mostrado, a partir dos testes, que os clíticos não se comportam como os DPs/PPs lexicais ou como os pronomes não-clíticos. Isso porque os clíticos não apresentam propriedades que aqueles elementos possuem: os clíticos não podem ocupar posições argumentais ou não-argumentais na sentença, não podem ocorrer como um item isolado, nem serem coordenados ou serem focalizados na sentença (embora esta última propriedade possa ser menos visível no PB do que nas outras três línguas). Eles também não podem ser modificados por advérbios associados ao foco, como “somente” e “também”.

Em um segundo momento dos testes, foi demonstrado que os DPs/PPs lexicais e os pronomes não-clíticos não se comportam como os clíticos. Isso se deve ao fato de aqueles elementos não apresentarem as propriedades que os clíticos possuem: os DPs (ou PPs) lexicais e os pronomes não-clíticos não podem ocupar a posição diante de um verbo finito, nem a posição intermediária em uma sequência verbal. A sua posição pós-verbal também é diferente da posição pós-verbal de um clítico: enquanto entre este último e o verbo não podem ocorrer outros elementos, como um advérbio por exemplo (uma vez que o clítico deve sempre ocorrer adjacente ao verbo), tal fato pode ser verificado com os DPs/PPs lexicais e com os pronomes não-clíticos. Nesta parte dos testes, dado que algumas características eram diferentes de uma língua para outra, foi verificada uma maior complexidade para a realização destes testes: isso porque os clíticos não são licenciados na posição intermediária de uma sequência verbal em italiano e em espanhol, e a ênclise possui mais restrições nas outras línguas do que em PB (tais fatos se encontram resumidos na Tabela 13).

No terceiro momento dos testes foi possível concluir que, a partir dos testes realizados nos dois primeiros momentos, o clítico se comporta

como um núcleo que necessita de uma base verbal para se incorporar, conclusão esta que vai ao encontro da proposta de Sportiche (1998). Havendo então incorporação do clítico à base verbal, não pode haver separação entre este clítico e o verbo, ou seja, nenhum elemento, como por exemplo um advérbio, pode se interpor entre estes dois elementos. Também, havendo negação sentencial, o clítico não pode se posicionar à esquerda da negação, pois forma com esta e com o verbo um complexo no qual a negação ocupa a posição mais à esquerda. Ainda, um advérbio não pode quebrar, dentro desse complexo, a adjacência negação-clítico-verbo.

Ao final dos testes, foi apresentada a proposta de representação para a categoria dos clíticos, segundo Sportiche (1998): o clítico ocupa o núcleo da projeção CliticP, a qual se localiza dentro de IP. Dessa forma, o clítico pode ser encarado como tendo a mesma natureza de uma desinência verbal, devendo incorporar-se a um verbo. Além disso, pensando nas estruturas com *Clitic Dislocation*, admitir que o clítico nasce na sua projeção, e não como argumento interno do verbo, possibilita deixar a posição de complemento verbal livre para ser ocupada pelo DP/PP lexical correferente ao clítico. Em LF, este DP/PP deve se mover para Spec,CliticP, para satisfazer ao *Clitic Criterion*, enunciado em (145), de forma que seja deflagrada a concordância entre o DP/PP e o clítico (no caso de o DP/PP não ser fonologicamente realizado, esse movimento deve ser executado por um *pro*).

Na Seção 3.2 foram apresentados movimentos possíveis para os clíticos, seguindo as propostas de Rizzi (1993) e Belletti (1995). Embora esses autores assumam que o clítico nasça como argumento interno do verbo (diferentemente do que propõe Sportiche (1998)), apresentando um movimento misto (primeiramente como projeção máxima e, então, como núcleo), esses movimentos descrevem os casos de próclise e de ênclise nas línguas: em geral, nos casos de próclise, o clítico pode se incorporar ao verbo antes de este se completar morfologicamente porque, nesta posição, o clítico não impede esse completamento. Ao contrário, para a ênclise, a incorporação do clítico somente pode ser realizada após o verbo incorporar todas as suas desinências.

Após todas essas análises sobre a categoria dos clíticos e seus movimentos, no próximo capítulo serão descritas as estruturas com *Clitic Dislocation* nas línguas consideradas. Será apresentado também um caso de ocorrência deste fenômeno em uma língua não-românica: o grego moderno.



## 4 CONSTRUÇÕES COM *CLITIC DISLOCATION*

Duas construções se mostram importantes para o fenômeno de Redobro do Clítico, ou *Clitic Dislocation*, em pauta: o Deslocamento à Esquerda com Clítico ou CLLD, do inglês *Clitic Left Dislocation*, termo cunhado por Cinque (1990 apud RIZZI, 1997, p. 285), e o Deslocamento à Direita com Clítico ou CLRD, também do inglês, *Clitic Right Dislocation*.

Na literatura é ainda possível encontrar menção à construção conhecida por *Clitic Doubling* (CD), a qual apresenta a mesma estrutura que o CLRD, “exceto pela ausência de pausa entonacional que separa o elemento duplicado pelo clítico do resto da sentença” (CECCHETTO, 1999, p. 56, tradução minha)<sup>87</sup>.

A seguir, serão abordadas as estruturas do CLLD e do CLRD assumindo uma abordagem cartográfica. Para as línguas envolvidas neste trabalho, será geralmente considerado o que a GT assume para essas construções. Ao final do capítulo, será mencionado sucintamente que se verifica sobre o assunto no grego moderno.

### 4.1 CARACTERÍSTICAS DAS CONSTRUÇÕES COM *CLITIC DISLOCATION*

Nas línguas consideradas neste trabalho, a “ordem normal” dos constituintes no período simples é SVO (sujeito-verbo-objeto). Nesse caso, o tema geralmente coincide com o sujeito da sentença<sup>88</sup>.

---

<sup>87</sup> Não foram encontrados, durante a execução deste trabalho, registros de ocorrência de *Clitic Doubling* no PB; em francês, o CD não é muito frequente (um exemplo, entretanto, é a sentença (3), na Introdução); no entanto, essa construção é muito comum em várias variedades do espanhol (dentre elas a padrão, considerada aqui). Em italiano, o CD é restrito à língua coloquial, como mencionado também na Nota 101.

<sup>88</sup> Dardano e Trifone (1997, p. 112-113) mencionam que, em uma perspectiva pragmática, na sentença se distinguem o “tema” (a pessoa/aquilo de que se fala) e o “rema” (aquilo que é dito sobre o tema). Considerem-se as sentenças dadas a seguir:

- (i)<sub>I</sub>
  - a. Mario legge il giornale.  
M. lê(P3) o(art.) jornal  
“M. lê o jornal.”
  - b. Il giornale, lo legge Mario.  
o(art.) jornal o(cl.acc.) lê(P3) M.  
“O jornal, o M. o lê.”

Entretanto, a língua pode lançar mão de estratégias para colocar em evidência o tema da comunicação ou um determinado sintagma. Essas estratégias acarretam o que Dardano e Trifone (1997, p. 441) chamam de “ordem marcada” dos constituintes da sentença, diferente da normal SVO. E justamente o “deslocamento à esquerda” e o “deslocamento à direita” (com ou sem uso de clítico resumptivo) são exemplos dessas estratégias.

Como o objetivo deste trabalho é tratar do fenômeno de *Clitic Dislocation*, a seguir serão tratados com maior detalhes os deslocamentos mencionados acima com o uso de clíticos.

Naturalmente, somente um sintagma inteiro pode ser deslocado e retomado pelo clítico nestas construções:

- (154)<sub>I</sub> a. [La cartella rossa di Marco]<sub>i</sub> [<sub>I'</sub>]<sub>i</sub>ho dimenticata.  
 a(art.) cartela vermelha de M. a(cl.acc.)-tenho(P1)  
 esquecida  
 “A cartela vermelha do M., eu a esqueci.”  
 b. \*La cartella l'ho dimenticata, rossa di Marco.  
 c. \*La cartella rossa l'ho dimenticata, di Marco.  
 (adaptado de DARDANO; TRIFONE, 1997, p. 445)<sup>89</sup>

Antes de mencionar as particularidades do CLLD e do CLRD em cada uma das línguas envolvidas neste trabalho, nesta seção são dadas algumas das principais características destas construções e as principais diferenças entre elas<sup>90</sup>.

---

(DARDANO; TRIFONE, 1997, p. 112)

Em (i), os temas podem ser considerados “*Mario*” e “*il giornale*”. Dessa forma, nota-se que não necessariamente o tema corresponde ao sujeito da sentença.

<sup>89</sup> Dardano e Trifone (1997, p. 447-448) mencionam ainda a impossibilidade de se ter o clítico resumptivo na sentença quando o sintagma deslocado à esquerda é focalizado contrastivamente (pois, como verificado no Capítulo 2, o foco é quantificacional). Entretanto, neste caso os autores usam o termo *topicalizzazione contrastiva* (“topicalização contrastiva”).

<sup>90</sup> Na Seção 4.1, os exemplos de sentenças são dados em italiano por ser esta a língua que os autores citados usam para apresentar os seus exemplos.

#### 4.1.1 Deslocamento à Esquerda com Clítico (*Clitic Left Dislocation* – CLLD)

Nesta estrutura, o objeto DP (ou PP) precede o clítico correferencial (estando então o DP/PP à esquerda do conjunto clítico + verbo). Como menciona Rizzi (1997, p. 285), esta é a estrutura que tipicamente serve para expressar a articulação tópico-comentário nas línguas neolatinas, como exemplificado em (155) para o italiano:

- (155)<sub>I</sub> [Top Il tuo libro]<sub>i</sub>, [lo]<sub>i</sub> ho letto.  
o(art.) teu livro o(cl.acc.) tenho(P1) lido  
“O teu livro, eu o li.”

(adaptado de RIZZI, 1997, p. 286)

A ausência do clítico em (155) somente poderá ser gramatical em italiano, assim como em outras línguas, se houver a articulação foco-suposição (restringindo-se ao foco contrastivo, nesse caso), dada a característica quantificacional do foco:

- (156)<sub>I</sub> [Foc IL TUO LIBRO] ho letto (, non il suo).  
o(art.) teu livro tenho(P1) lido não o seu  
“O TEU LIVRO eu li (, não o dele(a)).”

(RIZZI, 1997, p. 286)

O próprio Rizzi (1997), mais à frente em seu texto (p. 294), menciona que o clítico resumptivo se torna opcional se o tópico for um PP pronominalizável e, naturalmente, ausente se este PP não puder ser retomado por um pronome, como consta em (157):

- (157)<sub>I</sub> a. [Top A Gianni]<sub>i</sub>, Maria ([gli]<sub>i</sub>) ha parlato recentemente.  
a(prepos.) G. M. lhe(cl.dat.) tem(P3) falado recentemente  
“O G., a M. falou com ele recentemente.”  
b. [Top Per Gianni], Maria lavora da molto tempo.  
para(prepos.) G. M. trabalha(P3) de(prepos.) muito tempo  
“Para o G., a M. trabalha faz muito tempo.”

(adaptado de RIZZI, 1997, p. 294)

Nestes casos em que o clítico não é realizado foneticamente, é possível assumir uma categoria vazia em seu lugar.





Dessa forma, em (159b) o sujeito é um foco contrastivo, o que não é necessariamente o caso no CLRD (em (158b'))<sup>91</sup>.

Assim como acontece no CLLD para o elemento deslocado à esquerda, no CLRD o elemento deslocado à direita deve ser separado do restante da sentença por uma pausa, representada graficamente pela vírgula<sup>92</sup>. Aqui, este constituinte também é associado a informação conhecida no contexto de comunicação, podendo ocupar uma posição de tópico. Alguns autores (dentre eles Kayne (1994)) assumem que tal elemento pode se situar na periferia esquerda da sentença, exatamente como acontece no CLLD para o elemento deslocado à esquerda. Entretanto, pelo fato de o elemento deslocado à direita no CLRD poder ter uma interpretação diferente do deslocado à esquerda no CLLD (como será possível constatar na Seção 4.3.2), aqui será considerado que o elemento deslocado à direita no CLRD deverá ocupar uma outra posição. Uma solução possível para este problema poderia ser localizar o elemento em questão em uma posição de tópico dentro de vP, na periferia baixa de IP na sentença (periferia esta mencionada em Belletti (2004)).

Na literatura, como comenta Cecchetto (1999, p. 40), há muitos mais estudos publicados em CLLD que em CLRD, provavelmente devido ao fato de os autores assumirem que o que é válido para o deslocamento à esquerda, o é para o deslocamento à direita. Neste trabalho, entretanto, algumas diferenças serão assumidas, como explanado na subseção a seguir.

### 4.1.3 Diferenças entre o CLLD e o CLRD

Kayne (1994, apud CECCHETTO, 1999, p. 48-55) propõe que o CLRD nada mais é do que uma transformação do CLLD. Para o primeiro, então, ocorreriam dois movimentos de topicalização, como mostrado na Figura 14, onde se tem a derivação simplificada para a sentença (160):

---

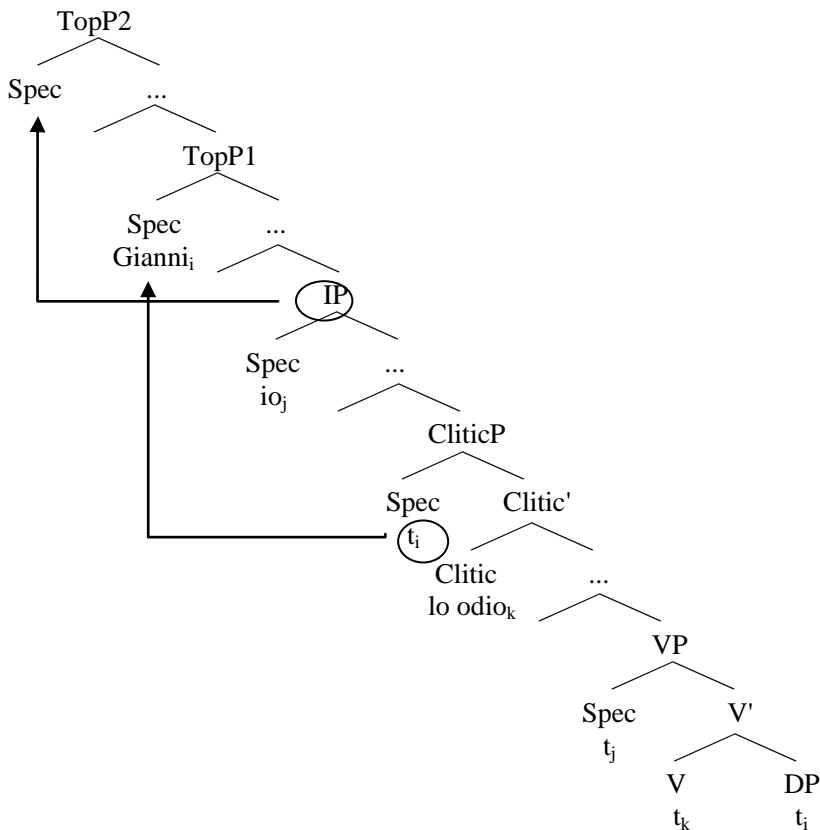
<sup>91</sup> Sendo assim, segundo Belletti (2004, p. 22-23), a omissão do clítico acusativo em (159b) desencadearia necessariamente o foco contrastivo para o sujeito.

<sup>92</sup> Na ausência dessa pausa, como mencionado anteriormente, o CLRD se resume ao *Clitic Doubling*, segundo Cecchetto (1999, p. 56).

(160)<sub>1</sub> Io [**lo**]<sub>i</sub> odio, [Gianni]<sub>i</sub>.  
 eu o(cl.acc.) odeio(P1) G.  
 “Eu odeio o G.”

(adaptado de CECCHETTO, 1999, p. 40)

**Figura 14** – Derivação Parcial da Sentença (160).



**Fonte:** adaptado de CECCHETTO, 1999, p. 49.

Na figura acima, é possível ver que o [<sub>DP</sub> Gianni], após passar por Spec,CliticP (para satisfazer ao *Clitic Criterion*, enunciado em (145)), move-se para Spec,TopP1. Dessa forma, tem-se o deslocamento à esquerda, *Gianni, io lo odio*. Para a obtenção do CLRD, segundo Kayne (1994), todo o IP se desloca para Spec,TopP2, sendo obtida a sentença

em (160). Assim, para a geração do CLRD, seria necessário passar pelo estágio da derivação para o CLLD<sup>93</sup>.

De acordo com o apresentado acima, para Kayne (1994) a derivação final acarretaria o movimento de toda a sentença para a periferia esquerda, em posições de tópico. No entanto, como já citado, há a proposta de Belletti (2004), que assume haver uma periferia baixa em vP dentro da qual podem ser localizadas também projeções de tópico. Assumindo esta proposta, o elemento deslocado à direita em (160) poderia ocupar esta periferia baixa, sendo desnecessário o movimento de IP indicado na Figura 14<sup>94</sup>.

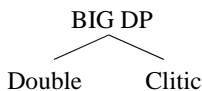
Nas seções seguintes, é apresentado o fenômeno de *Clitic Dislocation* verificado em cada uma das quatro línguas analisadas, começando pelo PB.

## 4.2 CLITIC DISLOCATION EM PB

Mioto (2001, p. 110) menciona que, uma vez que o PB é deficiente no que se refere aos clíticos de terceira pessoa (P3 e P6), os quais são indispensáveis para as construções de CLLD, tal recurso não se verifica nesta língua para a estruturação das construções de tópico (e, conseqüentemente, também não se verificariam construções de CLRD).

---

<sup>93</sup> Cecchetto (1999), no entanto, fornece argumentos para mostrar que a proposta de Kayne (1994) não é adequada para a derivação das estruturas com *Clitic Dislocation*, principalmente quando se trata de sentenças mais extensas. Ele (Cecchetto) fornece uma proposta segundo a qual o clítico e o DP/PP correferenciais nascem em uma projeção chamada de *BIG DP*, tendo a estrutura abaixo:



A partir daí, seus constituintes (*Double* e *Clitic*) podem se mover para outras posições na derivação.

Esta proposta, entretanto, não é adotada no presente trabalho, pois aqui o clítico está sendo considerado o núcleo de uma projeção dentro de IP, similarmente a uma desinência verbal, que deve se incorporar a um verbo (segundo, então, o que é proposto por Sportiche (1998)).

<sup>94</sup> O fato de o constituinte deslocado à direita no CLRD dever se localizar na periferia baixa de vP também é assumido por Cecchetto (1999), o qual fornece argumentos para tal. Para maiores detalhes sobre a periferia baixa de IP, consultar Belletti (2004).

Dessa forma, a seguir são apresentadas outras estratégias que o PB adota para a substituição do *Clitic Dislocation*.

Com relação ao PB, Galves (2001, p. 33) menciona o uso do pronome “ele” como pronome “lembrete” após um DP lexical sujeito:

- (161) [Os linguistas]<sub>i</sub>, [**eles**]<sub>i</sub> estão sempre mudando de teoria.  
(adaptado de GALVES, 2001, p. 33)

Este uso de pronome lembrete não se verifica no PE, pois nesta variedade o pronome “ele” tem geralmente um efeito de ênfase (envolvendo então focalização). Galves (2001, p. 34) relata ainda que, no PB, o uso desse pronome lembrete é mais frequente do que o uso simples do DP sujeito, e que não é claro que deva existir uma pausa entre o DP e este pronome. Sendo assim, a vírgula em (161) não necessariamente representa uma pausa no PB oral.

O uso do pronome lembrete pode se verificar no PB ainda, por exemplo, nas sentenças relativas, como objeto de preposição ou como complemento nominal:

- (162) a. Tenho [um amigo]<sub>i</sub> que [**ele**]<sub>i</sub> vai todos os dias ao cinema.  
b. [A moça]<sub>i</sub> que eu vim com [**ela**]<sub>i</sub> já foi embora.  
c. [O rapaz]<sub>i</sub> que o irmão d[**ele**]<sub>i</sub> dançava no circo acabou mal.

(adaptado de GALVES, 2001, p. 35 e 40)

Isso tudo leva a supor que o pronome lembrete pode também ser usado com função acusativa ou dativa/oblíqua no PB, como pode ser verificado nas sentenças seguintes:

- (163) [A Maria]<sub>i</sub>, eu encontrei [**ela**]<sub>i</sub> no cinema ontem.  
(adaptado de MIOTO; SILVA; LOPES, 2013, p. 227)

- (164) [O Milton]<sub>i</sub>, eu disse isso pra [**ele**]<sub>i</sub> na semana passada.

A estas construções em que se tem a retomada do elemento deslocado à esquerda por um pronome tônico (como ocorre com as sentenças em (163, 164)), Mioto (2001, p. 110) dá o nome de *Left Dislocated* (LD), termo usado por Cinque (1990). No LD, somente DPs podem ocorrer como elementos deslocados:

- (165) a. [A noiva]<sub>i</sub>, o João vai dar flores para [ela]<sub>i</sub>.  
 b. \*[Para [a noiva]<sub>i</sub>], o João vai dar flores [para [ela]<sub>i</sub>].  
 (adaptado de MIOTO, 2001, p. 111)

Havendo em (165b) um PP deslocado à esquerda sendo retomado por um pronome tônico, a sentença é considerada agramatical.

Como Mioto, Silva e Lopes (2013, p. 225-228) comentam, em (163, 164) podem ocorrer ainda categorias vazias no lugar dos pronomes lembretes ou PPs. Tais sentenças ficariam então como em (166):

- (166) a. [A Maria]<sub>i</sub>, eu encontrei [ec]<sub>i</sub> no cinema ontem.  
 b. [Pro Milton]<sub>i</sub>, eu disse isso [ec]<sub>i</sub> na semana passada.

Em (166b), para garantir a gramaticalidade, a preposição deve ser empregada no elemento deslocado. Mioto (2001, p. 110) chama essas construções envolvendo categorias vazias de *Null Constant Left Dislocated* (NCLD). Na NCLD, o termo deslocado pode ser qualquer XP, como se verifica em (166)<sup>95</sup>.

Cunha e Cintra (2011, p. 316-317) mencionam o “emprego enfático do pronome oblíquo átono”: afirmam, que, para realçar o objeto direto ou indireto, é possível colocá-lo no início da sentença e repeti-lo com a forma clítica correspondente. Os autores fornecem exemplos citando autores da literatura e provérbios:

- (167) a. [Verdades]<sub>i</sub>, quem é que [as]<sub>i</sub> quer? (F. Pessoa)  
 b. [O meu avô]<sub>i</sub>, nunca [o]<sub>i</sub> vi rezando. (J. Lins do Rego)  
 c. [Ao pobre]<sub>i</sub> não [lhe]<sub>i</sub> prometas e [ao rico]<sub>j</sub> não [lhe]<sub>j</sub> faltes.  
 d. [Ao médico e ao abade]<sub>i</sub>, fala-[lhes]<sub>i</sub> sempre a verdade.

(adaptado de CUNHA; CINTRA, 2011, p. 316-317)

Entretanto, é possível presumir que o emprego dos clíticos em estruturas com *Clitic Dislocation*, como nos exemplos dados por estes autores, só seria verificado atualmente no PE<sup>96</sup>. No PB, segundo Mioto

<sup>95</sup> Para mais detalhes acerca da NCLD e da LD, consultar Mioto (2001, p. 109-112).

<sup>96</sup> Ou, talvez, haja ocorrências de *Clitic Dislocation* em outras variedades do português que não foram levadas em conta neste trabalho.

(2001, p. 110-111), tais estruturas ainda persistem na língua escrita; quando ocorrem na fala, “fica evidente o sabor arcaizante”<sup>97</sup>.

A próxima seção apresenta mais informações sobre o *Clitic Dislocation* em italiano (além das que já foram mencionadas na Seção 4.1).

#### 4.3 CLITIC DISLOCATION EM ITALIANO

Como já foi dito, o italiano é a língua mais mencionada nos textos que se referem ao *Clitic Dislocation*. Por isso, a seguir, são apresentadas as informações que a GT traz sobre o assunto para esta língua, colocando-se em seções separadas o CLLD e o CLRD<sup>98</sup>.

##### 4.3.1 *Clitic Left Dislocation* (CLLD) em Italiano

Considerando-se as sentenças a seguir:

- (168)<sub>i</sub>
- a. Il ragazzo mangia la mela.  
o(art.) rapaz come(P3) a(art.) maçã  
“O rapaz come a maçã.”
  - b. La mela è mangiata dal ragazzo.  
a(art.) maçã é(P3) comida por(prepos.)-o(art.) rapaz  
“A maçã é comida pelo rapaz.”
  - c. [La mela]<sub>i</sub> [la]<sub>i</sub> mangia il ragazzo.  
a(art.) maçã a(cl.acc.) come(P3) o(art.) rapaz  
“A maçã, o rapaz a come.”  
(adaptado de DARDANO; TRIFONE, 1997, p. 19)

Em (a) a sentença se encontra na voz ativa e em (b) na passiva; na primeira o tema é *il ragazzo* e na segunda, *la mela*. A construção passiva é mais usada em italiano na língua escrita ou formal. Na língua falada coloquial, para se colocar como tema o objeto da sentença (168a), em

<sup>97</sup> Não foram encontradas nos documentos pesquisados neste trabalho ocorrências de CLRD no PB. Além disso, para o autor deste trabalho, sentenças como as de (i) teriam uma aceitabilidade no mínimo duvidosa:

(i)

- a. ??O João nunca [a]<sub>i</sub> convida para sair, [a Maria]<sub>i</sub>.
- b. ??No natal, dei-[lhe]<sub>i</sub> de presente uma camisa, [ao meu pai]<sub>i</sub>.

<sup>98</sup> O conteúdo da Seção 4.3, quando não indicadas outras fontes, é baseado em Dardano e Trifone (1997, p. 441-448).

vez de se empregar a passivização, prefere-se o deslocamento à esquerda, seguido da retomada pronominal, ou *Clitic Left Dislocation*. Tal estrutura é apresentada em (168c)<sup>99</sup>.

Com o deslocamento à esquerda, coloca-se em primeiro plano o tema, o elemento que aparece em primeiro lugar na sentença.

Como já mencionado anteriormente neste trabalho, em italiano a retomada do clítico quando se trata de objeto indireto é facultativa, sendo usada somente em contextos coloquiais. O mesmo vale quando o termo deslocado é um locativo (nas sentenças em (169) a seguir isso é expresso pelo uso dos parênteses)<sup>100</sup>:

- (169)<sub>I</sub> a. [A Marco]<sub>i</sub> ([gli]<sub>i</sub>) darò una lezione.  
a(pred.) M. lhe(cl.dat.) darei(P1) uma lição  
“O M., vou dar uma lição nele.”

---

<sup>99</sup> Claro que a construção da forma passiva tem uma regra restritiva: pode ser transformado em sujeito da passiva somente o objeto direto da forma ativa. O deslocamento com retomada pronominal, como se observa, não apresenta essa restrição, o que seria mais um argumento a favor do seu uso na língua coloquial. Outras estratégias empregadas na língua escrita ou formal no italiano podem ser consultadas em Dardano e Trifone (1997, p. 444).

<sup>100</sup> É possível ainda realizar o deslocamento à esquerda com retomada do clítico com sentenças subordinadas inteiras, explícitas ou implícitas, usando-se o clítico *lo*:

- (i)<sub>I</sub> a. [Che fosse così sciocco]<sub>i</sub> non [lo]<sub>i</sub> avrei mai immaginato.  
que fosse(P3) tão estúpido não o(cl.acc.) teria(P1) nunca imaginado  
“Que ele fosse tão estúpido eu nunca teria imaginado.”  
b. [Se uscire o no]<sub>i</sub> non [l']<sub>ho</sub> ancora deciso.  
se sair ou não não o(cl.acc.)-tenho(P1) ainda decidido  
“Se saio ou não, ainda não decidi.”

(adaptado de DARDANO; TRIFONE, 1997, p. 443)

No caso das subordinadas subjetivas, entretanto, o deslocamento à esquerda é mais raro e não se constata retomada pelo clítico:

- (ii)<sub>I</sub> [Prendere una decisione] è necessario.  
tomar uma decisão é(P3) necessário  
“Tomar uma decisão é necessário.”

Estes pontos, entretanto, não serão tratados aqui, podendo sê-lo em estudos futuros.

- b. [Delle sue esperienze]<sub>i</sub> non ([**ne**]<sub>i</sub>) parla volentieri.  
de-as(art.) suas experiências não Ø(cl.part.) fala(P3)  
com-prazer  
“Das suas experiências ele não fala de bom grado.”
- c. [A Milano]<sub>i</sub> ([**ci**]<sub>i</sub>) vado spesso.  
a(prep.) Milão Ø(cl.loc.) vou(P1) frequentemente  
“A Milão vou frequentemente.”  
(adaptado de DARDANO; TRIFONE, 1997, p. 443)

No entanto, quando se trata de um objeto direto ou de um partitivo o uso do clítico é obrigatório:

- (170)<sub>I</sub> a. Giorgia ha comprato una maglietta e un vestito; [il vestito]<sub>i</sub> [**l'**]<sub>i</sub>ha acquistato in un negozio del centro.  
G. tem(P3) comprado uma camiseta e um vestido  
o(art.) vestido o(cl.acc.)-tem(P3) adquirido em um  
loja(masc.) de-o(art.) centro  
“A G. comprou uma camiseta e um vestido; o vestido ela o adquiriu numa loja do centro.”
- b. [Di mele]<sub>i</sub> [**ne**]<sub>i</sub> ho mangiate un cesto.  
de maçãs Ø(cl.part.) tenho(P1) comidas um cesto  
“As maçãs, eu comi um cesto delas.”  
(adaptado de DARDANO; TRIFONE, 1997, p. 443)

Outro ponto interessante a se notar nesta construção é o que Dardano e Trifone (1997, p. 446) chamam de *costruzioni con tema sospeso* (“construções com tema suspenso”), típicas de um uso informal e descuidado da língua, nas quais o elemento deslocado não corresponde ao caso do clítico empregado:

- (171)<sub>I</sub> a. [Il professor Rossi]<sub>i</sub>, [**ne**]<sub>i</sub> ho un'alta considerazione.  
o(art.) professor R. Ø(cl.gen.) tenho(P1) uma-alta  
consideração  
“O professor R., eu tenho uma grande consideração por ele.”
- b. [Luca]<sub>i</sub>, [**gli**]<sub>i</sub> ho prestato un libro.  
L. lhe(cl.dat.) tenho(P1) emprestado um livro  
“O L., emprestei um livro para ele.”  
(adaptado de DARDANO; TRIFONE, 1997, p. 446)



Nas sentenças acima, o elemento deslocado à esquerda não leva em consideração a estrutura das mesmas, uma vez que faltam as preposições adequadas para indicarem as funções sintáticas de tais elementos (*di* e *a*, respectivamente: assim os sintagmas deveriam ser [*del professor Rossi*] e [*a Luca*] para a observação do italiano padrão; porém, a inclusão das preposições descaracterizariam as *costruzioni con tema sospeso*).

Estas construções com tema suspenso são comparáveis ao *Left Dislocated* (LD, mencionadas na Seção 4.2), pois somente DPs ocorrem como elemento deslocado. A diferença está no fato de que, enquanto nas primeiras são clíticos que retomam o elemento deslocado, nas segundas essa retomada é realizada por meio de pronomes tônicos.

### 4.3.2 *Clitic Right Dislocation* (CLRD) em Italiano<sup>101</sup>

No deslocamento à direita com retomada do clítico (*Clitic Right Dislocation*), o sintagma (objeto direto ou indireto, locativo, etc.) se coloca à direita do clítico (geralmente no final da sentença)<sup>102</sup>:

---

<sup>101</sup> Naddeo (1999, p. 80) menciona que, no deslocamento à direita, o clítico resumptivo é opcional na linguagem coloquial:

- (i)<sub>I</sub>
  - a. Quando ([*le*]<sub>i</sub>) telefoni [*a Claudia*]<sub>i</sub>?  
quando lhe(cl.dat.) telefonas(P2) a(pre.) C.  
“Quando vais telefonar para a C.?”
  - b. Quando ([*ci*]<sub>i</sub>) vai [*in palestra*]<sub>i</sub>?  
quando Ø(cl.loc.) vais(P2) em academia-de-ginástica  
“Quando vais à academia?”

(adaptado de NADDEO, 1999, p. 80)

Tais construções não apresentam pausa antes do termo deslocado à direita. Dessa forma, com o clítico resumptivo sendo realizado foneticamente, as sentenças em (i) comporiam exemplos de *Clitic Doubling*, como mencionado na introdução deste capítulo (a omissão do clítico, além de impossibilitar a existência de pausa, não configura *Clitic Dislocation*).

<sup>102</sup> Assim como acontece no CLLD, no CLRD uma proposição inteira pode ser deslocada:

- (i)<sub>I</sub>
  - a. [*Lo*]<sub>i</sub> so [*che sei un bravo ragazzo*]<sub>i</sub>.  
o(cl.acc.) sei(P1) que és(P2) um competente rapaz  
“Sei que você é um rapaz competente.”
  - b. [*Ci*]<sub>i</sub> vengo volentieri [*a far spese con te*]<sub>i</sub>.  
Ø(cl.loc.) venho(P1) com-prazer a(pre.) fazer compras com ti  
“Vou com prazer fazer compras contigo.”

(adaptado de DARDANO; TRIFONE, 1997, p. 446)

- (172)<sub>1</sub> a. [La]<sub>i</sub> mangio [la fruta]<sub>i</sub>.  
 a(cl.acc.) como(P1) a(art.) fruta  
 “Eu como a fruta.”
- b. [Gli]<sub>i</sub> parlerò domani [a Paolo]<sub>i</sub>.  
 lhe(cl.dat.) falarei(P1) amanhã a(prepos.) P.  
 “Vou falar amanhã com o P.”
- c. [Ne]<sub>i</sub> ho visti tanti [di film]<sub>i</sub>.  
 Ø(cl.part.) tenho(P1) vistos muitos de filmes(inv.)  
 “Vi muitos filmes.”
- (adaptado de DARDANO; TRIFONE, 1997, p. 446)

Na estratégia do deslocamento à direita, o elemento deslocado não é colocado em primeiro plano, como ocorre com o deslocamento à esquerda; com o *Clitic Right Dislocation*, o elemento deslocado tem por função somente uma maior clareza expositiva (o que é colocado em evidência, neste caso, é a parte inicial da sentença, isto é, o rema – ou o predicado verbal, no entendimento da GT). O trecho de conversação a seguir ilustra esse caso:

- (173)<sub>1</sub> a. A me mi piace bere il caffè freddo, così come lo  
 spumante; la cioccolata, invece, mi piace calda.  
 a(prepos.) mim me(cl.dat.) agrada(P3) beber o(art.) café  
 gelado assim como o(art.) espumante a(art.)  
 chocolate(fem.) em-vez me(cl.dat) agrada(P3)  
 quente(fem.)  
 “Eu gosto de beber gelado o café, assim como o  
 espumante; o chocolate, no entanto, eu gosto quente.”
- b. Anch'io [lo]<sub>i</sub> bevo freddo, [il caffè]<sub>i</sub>.  
 também-eu o(cl.acc.) bebo(P1) gelado o(art.) café  
 “Eu também bebo gelado, o café.”
- (adaptado de DARDANO; TRIFONE, 1997, p. 447)

Nesta situação, o sintagma [<sub>DP</sub> il caffè], na sentença (b), tem a função de especificar de qual bebida se está falando, pois outras foram mencionadas anteriormente por outro interlocutor (na sentença (a)). O que se coloca em primeiro plano não é o tema *il caffè*, mas sim aquilo que se diz a seu respeito, o rema: *anch'io lo bevo freddo*.

A seguir são fornecidas informações sobre o *Clitic Dislocation* para o espanhol, a língua em que essa estratégia é mais recorrentemente empregada dentre as quatro consideradas aqui.

#### 4.4 CLITIC DISLOCATION EM ESPANHOL

Fanjul (2005, p. 130) dá o nome de *duplicaciones* (“duplicações”) às estruturas nas quais “os pronomes complemento aparecem apesar de que o objeto correspondente esteja na mesma oração” (tradução minha):

- (174)<sub>E</sub> [A ese joven]<sub>i</sub> siempre [**le**]<sub>i</sub> sobra ropa.  
 a(prepos.) esse jovem sempre lhe(cl.dat.) sobra(P3) roupa  
 “Para esse jovem sempre sobra roupa.”  
 (adaptado de FANJUL, 2005, p. 130)

O autor menciona ainda que as duplicações são obrigatórias quando o objeto (direto ou indireto) é um pronome preposicionado (tônico, portanto) ou quando está posicionado antes do verbo:

- (175)<sub>E</sub> a. [A ti]<sub>i</sub> también podrían convocar[**te**]<sub>i</sub>.  
 a(prepos.) ti também poderiam(P6) convocar-te(cl.acc.)  
 “Você, eles também poderiam convocar.”  
 b. No es necesario explicar[**les**]<sub>i</sub> eso [a ustedes]<sub>i</sub>.  
 não é(P3) necessário explicar-lhes(cl.dat.) isso  
 a(prepos.) vocês  
 “Não é necessário explicar isso a vocês.”  
 c. [El asiento]<sub>i</sub> debo ajustar[**lo**]<sub>i</sub> antes que nada.  
 o(art.) assento devo(P1) ajustar-o(cl.acc.) antes que nada  
 “O assento eu devo ajustar antes de mais nada.”  
 d. [A mis amigos]<sub>i</sub> siempre [**les**]<sub>i</sub> dije la verdad.  
 a(prepos.) meus amigos sempre lhes(cl.dat.) disse(P1)  
 a(art.) verdade  
 “Aos meus amigos eu sempre disse a verdade.”  
 (adaptado de FANJUL, 2005, p. 130)

No grupo acima, as sentenças (a, b) apresentam PPs compostos por preposições e pronomes tônicos, que devem ser retomados pelos clíticos correspondentes independentemente de se encontrarem antes ou depois do verbo (em (a) se constata o objeto direto preposicionado e, em (b), o

indireto); em (c, d) os objetos direto e indireto, respectivamente, se posicionam antes do verbo, devendo ser retomados pelo clítico, como mencionado acima.

Além dos casos anteriores, tais duplicações são obrigatórias também para os objetos indiretos (expressos por um pronome preposicionado ou por outro PP) quando se tem na sentença verbos de sensação, como *gustar* (“gostar”/“agradar”), *doler* (“doer”), *parecer* (“parecer”), *encantar* (“adorar”), dentre outros.

- (176)<sub>E</sub> a. [A Juan]<sub>i</sub> no [le]<sub>i</sub> gustan mucho las manzanas.  
a(prepos.) J. não lhe(cl.dat.) agradam(P6) muito as maçãs  
“O J. não gosta muito de maçãs.”
- b. [A mí]<sub>i</sub> [me]<sub>i</sub> duelen los pies cuando camino mucho.  
a(prepos.) mim me(cl.dat.) doem(P6) os(art.) pés quando caminho(P1) muito  
“Meus pés doem quando eu caminho muito.”
- c. El tono de voz [les]<sub>i</sub> pareció agresivo [a todos]<sub>i</sub>.  
o(art.) tom de voz lhes(cl.dat.) pareceu(P3) agressivo  
a(prepos.) todos  
“O tom de voz pareceu agressivo a todos.”
- d. [A nuestra madre]<sub>i</sub> siempre [le]<sub>i</sub> encantan los regalos que le damos.  
a(prepos.) nossa mãe sempre lhe(cl.dat.) encantam(P6) os(art.) presentes que lhe(cl.dat.) damos(P4)  
“A nossa mãe sempre adora os presentes que damos a ela.”

Castro (1996, p. 127) menciona simplesmente que muitas vezes se repete o pronome objeto indireto, ou seja, há *Clitic Dislocation* com o clítico dativo, independentemente se o objeto se posiciona à direita ou à esquerda do verbo<sup>103</sup>:

---

<sup>103</sup> Mas quando o objeto se localiza à esquerda, como visto anteriormente, o emprego do clítico é obrigatório.

- (177)<sub>E</sub> ¿([Le]<sub>i</sub>) has dicho [al médico]<sub>i</sub> la verdad?  
 lhe(cl.dat.) tens(P2) dito a(prepo.)-o(art.) médico  
 a(art.) verdade  
 “Você disse a verdade ao médico?”  
 (adaptado de CASTRO, 1996, p. 127)

Com relação ao *Clitic Doubling*, seria de se esperar que, uma vez que não ocorre pausa diante do elemento deslocado à direita (ao contrário do que se verifica para o CLRD, segundo Cecchetto (1999), mencionado anteriormente), tal elemento pudesse permanecer *in situ* na derivação, como indicado em (178, 179):

- (178)<sub>E</sub> [Lo]<sub>i</sub> vi [a Juan]<sub>i</sub>.  
 o(cl.acc.) vi(P1) a(prepo.) J.  
 “Eu vi o J.”  
 (adaptado de BELLETTI, 2005, p. 2)

- (179)<sub>E</sub> [Le]<sub>i</sub> entregamos todo el trabajo [a nuestro profesor de biología]<sub>i</sub>.  
 lhe(cl.dat.) entregamos(P4) todo o(art.) trabalho a(prepo.)  
 nosso professor de biologia  
 “Entregamos todo o trabalho para o nosso professor de biologia.”

No entanto, assim como para o CLRD, Belletti (2005, p. 5) assume que este constituinte se encontra em uma posição de tópico interna à sentença (na periferia baixa de IP, consequentemente, dentro de vP). Dessa forma, em (179) é possível que o verbo, no seu movimento, leve consigo o objeto direto [*todo el trabajo*] para uma posição acima da posição de tópico em que [*a nuestro profesor de biología*] se encontra, de maneira que a linearidade da sentença seja atingida.

A seção seguinte apresenta as informações relativas ao francês para as construções com *Clitic Dislocation*.

#### 4.5 CLITIC DISLOCATION EM FRANCÊS

Callamand (1987, p. 228) menciona, dentre *les procédés d'insistance* (“os processos de insistência”) verificados no francês, *la*

*reprise par un pronom personnel* (“a retomada por um pronome pessoal”):

- (180)<sub>F</sub> a. [**Moi**]<sub>i</sub>, [je]<sub>i</sub> préfère aller au cinéma.  
eu(pron.tôn.) eu(pron.nom.) prefiro(P1) ir a(prepos.)-o(art.) cinema  
“(Já) eu prefiro ir ao cinema.”
- b. [Mon père]<sub>i</sub>, [**lui**]<sub>i</sub>, n'est pas de cet avis.  
meu pai ele(pron.tôn.) não-é(P3) não de este opinião(masc.)  
“O meu pai, ele não tem essa opinião.”
- c. [Le métro]<sub>i</sub>, je [**le**]<sub>i</sub> prends tous les jours.  
o(art.) metrô eu(pron.nom.) o(cl.acc.) pego(P1) todos os(art.) dias  
“O metrô, eu o pego todos os dias.”
- d. [Les enfants]<sub>i</sub>, je [**leur**]<sub>i</sub> prépare tout et ils se débrouillent!  
os(art.) crianças(masc.) eu(pron.nom.) lhes(cl.dat.) preparo(P1) tudo e eles se viram(P6)  
“Para as crianças, eu preparo tudo e eles se viram.”  
(adaptado de CALLAMAND, 1987, p. 228)

No grupo acima, naturalmente, como as sentenças (a, b) não envolvem clíticos (mas sim pronomes tônicos), não ilustram processo de *Clitic Dislocation* (embora em (a) se tenha o nominativo átono *je*). Em (c) o clítico retoma o objeto direto posicionado diante do verbo e em (d) se tem o clítico dativo retomando o objeto indireto posicionado à esquerda. Porém, nesta última sentença, tem-se o que se chamou na Seção 4.3 para o italiano de “construção com tema suspenso”, uma vez que é omitida a preposição do elemento deslocado à esquerda. Esta omissão é possível desde que o clítico resumptivo esteja realizado foneticamente na sentença, como indicado nas sentenças a seguir:

- (181)<sub>F</sub> a. [Au Pape]<sub>i</sub>, personne n'oserait ([**lui**]<sub>i</sub>) parler ainsi.  
a(prepos.)-o(art.) papa ninguém não-ousaria(P3)  
lhe(cl.dat.) falar assim  
“Com o papa, ninguém ousaria falar assim.”

- b. [Le Pape]<sub>i</sub>, personne n'oserait [**lui**]<sub>i</sub> parler ainsi.  
 o(art.) papa ninguém não-ousaria(P3) lhe(cl.dat.) falar  
 assim  
 “O papa, ninguém ousaria falar assim com ele.”  
 (adaptado de RIZZI, 1997, p. 322)

Outro exemplo dos processos de insistência, que ocorrem em francês, envolve o *Clitic Dislocation* em conjunto com um pronome tônico:

- (182)<sub>F</sub> a. On [**t'**]<sub>i</sub>a appelé, [toi]<sub>i</sub>.  
 a-gente te(cl.acc.)-tem(P3) chamado tu(pron.tôn.)  
 “A gente te chamou.”  
 b. On ne [**m'**]<sub>i</sub>écoute jamais, [moi]<sub>i</sub>.  
 as-pessoas(sing.) não me(cl.acc.)-escuta(P3) nunca  
 eu(pron.tôn.)  
 “As pessoas nunca me escutam.”  
 c. On ne [**lui**]<sub>i</sub> dit jamais rien, [à lui]<sub>i</sub>!  
 as-pessoas(sing.) não lhe(cl.dat.) diz(P3) nunca nada  
 a(prepos.) ele(pron.tôn.)  
 “As pessoas nunca dizem nada a ele!”  
 d. On ne [**les**]<sub>i</sub> remercie jamais, [eux]<sub>i</sub>!  
 as-pessoas(sing.) não os(cl.acc.) agradece(P3) nunca  
 eles(pron.tôn.)  
 “As pessoas nunca agradecem a eles!”  
 (adaptado de CHARAUDEAU, 1992, p. 126 e 132)

Entretanto, pode-se transformar as sentenças (c, d) acima e obter exemplos de CLRD, bastando para isso substituir os elementos deslocados à direita por DPs ou PPs:

- (183)<sub>F</sub> a. On ne [**lui**]<sub>i</sub> dit jamais rien, [à Louis]<sub>i</sub>!  
 as-pessoas(sing.) não lhe(cl.dat.) diz(P3) nunca nada  
 a(prepos.) L.  
 “As pessoas nunca lhe dizem nada, ao L.!”  
 b. On ne [**les**]<sub>i</sub> remercie jamais, [les parents]<sub>i</sub>!  
 as-pessoas(sing.) não os(cl.acc.) agradece(P3) nunca  
 os(art.) pais  
 “As pessoas nunca lhes agradecem, os pais!”

Antes de encerrar o capítulo, na próxima seção são apresentadas informações sobre o *Clitic Dislocation* no grego moderno. Embora esta não seja uma língua neolatina<sup>104</sup>, o objetivo de considerá-la neste trabalho é de mostrar que o fenômeno em análise não se restringe às línguas românicas.

#### 4.6 CLITIC DISLOCATION EM GREGO MODERNO

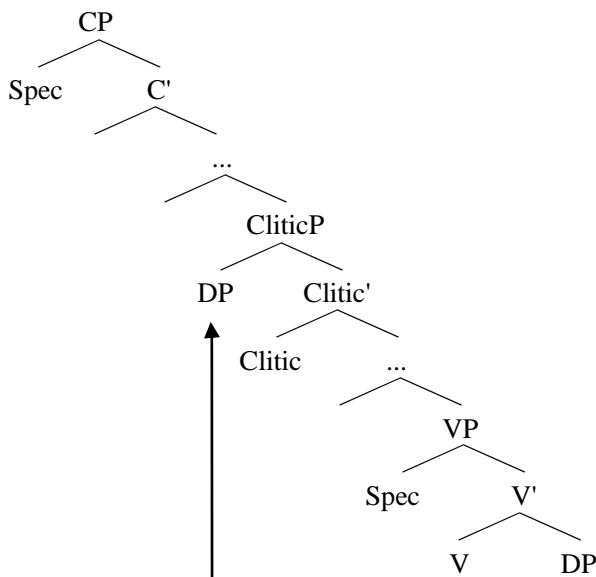
As estruturas de *Clitic Dislocation* são analisadas nesta seção com relação à sua derivação, o que é apresentado no artigo de Agouraki (1992).

Agouraki (1992) propõe que na estrutura do CLLD há uma configuração Spec-núcleo entre o clítico e o DP correferencial. Isto porque este último se move da sua posição canônica para o especificador de CliticP, uma projeção que se encontra imediatamente abaixo de FocP e acima de IP, segundo a autora; o clítico ocupa o núcleo dessa projeção. A Figura 15, da autora, ilustra o movimento citado acima:

---

<sup>104</sup> O grego pertence à família das línguas indo-européias, juntamente com as línguas célticas, as línguas germânicas, as línguas eslavas, as línguas indo-arianas e o latim (LE PETIT ROBERT, 2002, p. 4).



**Figura 15** – Movimento de DP no CLLD.

**Fonte:** AGOURAKI, 1992, p. 46.

Como é possível concluir, o movimento do complemento verbal, ilustrado na figura acima, é análogo ao que Rizzi (1993) e Belletti (1995) assumem para o movimento do clítico, mencionado na Seção 3.2 (porém, lá o movimento se dá para Spec de AgrOP, indicado na Figura 10). Entretanto, assim como Sportiche (1998), Agouraki (1992) assume que o clítico nasce na sua projeção CliticP, e o movimento do DP indicado na Figura 15 garante a observação do *Clitic Criterion*, mencionado em (145).

Para o CLRD, Agouraki (1992) apresenta uma estrutura em que o sujeito é supostamente colocado em última posição, como no exemplo a seguir:

- (184)<sub>G</sub> [Tα]<sub>i</sub> έφερε [τα λουλούδια]<sub>i</sub> ο Βασσίλης.  
 ta éfere ta lulúdhia o Vassílis  
 as(cl.acc.) trouxe(P3) as(art.) flores o(art.) V.  
 “O V. trouxe as flores.”

(adaptado de AGOURAKI, 1992, p. 51)

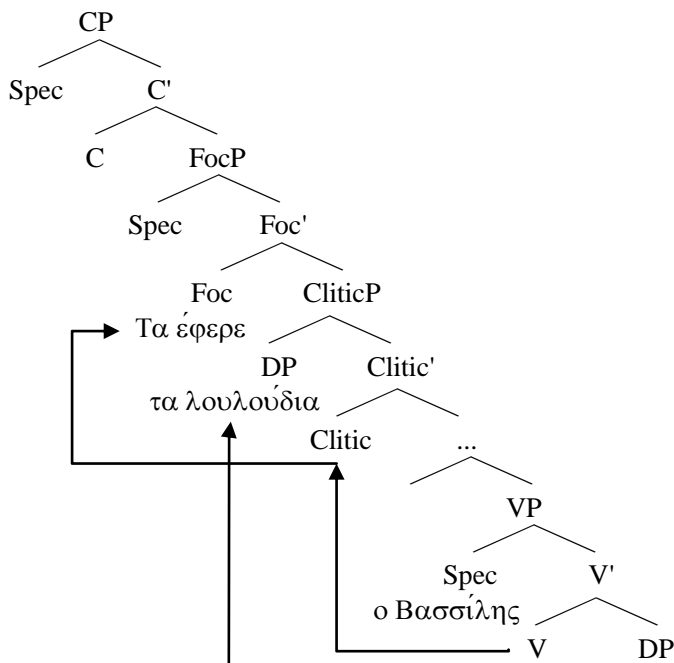
Dessa forma, para o grego moderno, aparentemente o sujeito pode permanecer na sua posição “canônica” (após movimento), o Spec de VP (ou vai para uma projeção de foco na periferia baixa de IP, conforme Belletti(2004)).

Em seu artigo, Agouraki (1992) propõe uma unificação para o CLLD e o CLRD<sup>105</sup>. Segundo a autora, no CLRD o objeto DP, assim como no CLLD, está no especificador de CliticP (para então satisfazer ao *Clitic Criterion*). A diferença é que, no CLRD em grego moderno, após a incorporação do clítico à direita do verbo (em Clitic<sup>o</sup>), estes sobem para o núcleo Foc da projeção de foco<sup>106</sup>, a qual domina CliticP. Dessa forma, esse movimento captura o fato de que, no CLRD, o verbo é necessariamente focalizado no grego moderno (e atrai com ele o clítico). Assim, para Agouraki, o CLRD nesta língua se resume ao CLLD mais focalização sintática do verbo (e do clítico também, consequentemente). A estrutura do CLRD, apresentada pela autora, pode ser visualizada na Figura 16, que apresenta a derivação da sentença (184):

---

<sup>105</sup> Agouraki (1992) usa *Clitic Doubling* como sinônimo de CLRD. Entretanto, como mencionado no início deste capítulo, pode ser admitida diferença entre eles.

<sup>106</sup> Agouraki (1992) considera que o conjunto clítico+verbo se desloca para o núcleo da projeção de foco mas, como já mencionado neste trabalho, Rizzi (1997) assume que Foc<sup>o</sup> somente pode ser ocupado por partículas que tenham a função de focalizar, aparentemente inexistentes em grego moderno (pelo menos, na sentença (184) não se tem partículas desta natureza).

**Figura 16** – Derivação de (184).

**Fonte:** adaptado de AGOURAKI, 1992, p. 47.

Na Figura 16, as reticências entre *Clitic'* e *VP* simbolizam as outras projeções dentro de *IP*, por onde o verbo pode passar para se completar morfologicamente.

Após a descrição das características das construções com *Clitic Dislocation* e da sua ocorrência em PB, italiano, espanhol, francês e grego moderno, na próxima seção é realizada a síntese do presente capítulo.

#### 4.7 SÍNTESE DO CAPÍTULO 4

As estruturas com *Clitic Dislocation* (ou com “redobro do clítico”, tradução encontrada na literatura em língua portuguesa sobre o assunto) são conhecidas como estratégias nas quais se verifica a topicalização de constituintes na sentença; o termo topicalizado é retomado por um clítico resumptivo no comentário. Segundo o tópico esteja à esquerda ou à direita do grupo clítico + verbo, as estruturas são

conhecidas como *Clitic Left Dislocation* (CLLD) ou como *Clitic Right Dislocation* (CLRD) respectivamente. Há ainda um tipo específico de CLRD, conhecido por *Clitic Doubling* (CD), no qual não é verificada pausa entre o comentário e o termo topicalizado à direita. Nas línguas neolatinas, o CLLD é a estrutura típica para a expressão da articulação tópico-comentário; uma pausa pode ocorrer entre o elemento topicalizado e o comentário neste tipo de *Clitic Dislocation*.

Kayne (1994) propõe que o CLRD é uma transformação do CLLD, a partir de dois movimentos de topicalização: primeiramente o termo topicalizado se move para o Spec de uma projeção de tópico na periferia esquerda da sentença, formando assim a estrutura de CLLD. Em seguida, todo o IP contendo o comentário se move para o Spec da posição de tópico acima da primeira, de forma que se tem então o CLRD.

No PB, por haver deficiência com relação aos clíticos de terceira pessoa, as estruturas de *Clitic Dislocation* não são verificadas. No entanto, outras estratégias são adotadas para a articulação tópico-comentário. Uma delas é o uso do pronome lembrete em posição de sujeito no comentário, ou ainda nas sentenças relativas, em que pode aparecer como objeto de preposição ou de complemento nominal, dentre outros casos. Outra estratégia nasce a partir do uso do pronome lembrete, o *Left Dislocated* (LD), no qual se tem a retomada do elemento deslocado à esquerda por um pronome tônico em função acusativa ou dativa/oblíqua. No LD, somente DPs podem ocorrer como elemento deslocado. Quando o elemento deslocado à esquerda é retomado por uma categoria vazia, tem-se a estratégia do *Null Constant Left Dislocated* (NCLD), sendo que aí o elemento deslocado pode ser qualquer XP (um DP ou um PP, por exemplo). Entretanto, o *Clitic Dislocation* presumidamente persiste no PE, assim como pode ser verificado também no PB escrito.

De todas as línguas neolatinas, é no italiano que as construções de *Clitic Dislocation* são mais bem descritas na literatura sobre o assunto. Nesta língua, o CLLD é usado como um recurso da variedade oral equivalente à forma passiva (mas sem as restrições desta última), para colocar ênfase sobre o objeto direto ou indireto da sentença, por exemplo. A retomada do clítico só é obrigatória nas construções de deslocamento à esquerda em italiano se o elemento topicalizado for um objeto direto ou um partitivo; do contrário, ela é facultativa (para objeto indireto, locativo ou genitivo topicalizados, por exemplo). Quando o elemento deslocado à esquerda em italiano é um DP que não leva em

consideração a função sintática deste no comentário (se tal função fosse observada, uma preposição ocorreria diante do DP, havendo assim um PP deslocado), ocorrem as chamadas “estruturas com tema suspenso”.

Nas estratégias de CLRD em italiano não se tem o termo deslocado à direita em primeiro plano (como acontece com o CLLD), mas é buscada somente uma maior clareza expositiva. O que se coloca em evidência é o predicado verbal, ou seja, a parte inicial da sentença. Ocorrem em italiano também estratégias de CD (sendo que neste caso o clítico pode ser eliminado da sentença, o que entretanto descaracteriza o CD).

Em espanhol, o *Clitic Dislocation* é uma estratégia com maior verificação de ocorrência do que nas demais línguas analisadas neste trabalho. Isso porque nesta língua as “duplicações” (a realização fonológica do clítico na sentença em conjunto com o DP/PP objeto correspondente) são muito frequentes, inclusive obrigatórias quando o objeto é um pronome preposicionado ou quando está anteposto ao verbo. A duplicação é ainda obrigatória para os objetos indiretos quando na sentença é verificado um verbo de sensação, como *gustar* (“gostar”/“agradar”), *doler* (“doer”), *parecer* (“parecer”) ou *encantar* (“adorar”). Em espanhol também se verifica frequentemente *Clitic Dislocation* com o clítico dativo, independentemente da posição ocupada pelo objeto indireto em relação ao verbo. Ainda, o *Clitic Doubling* é uma estratégia bastante recorrente.

Em francês pode ser constatada a “retomada por um pronome pessoal” de um constituinte sujeito ou objeto, sendo que quando tal constituinte é um objeto direto ou indireto se caracteriza o *Clitic Dislocation*. São possíveis também em francês as “estruturas com tema suspenso” que se verificam em italiano, omitindo-se a preposição do elemento deslocado à esquerda. Porém, se neste caso o clítico não for fonologicamente pronunciado, a preposição não poderá ser omitida. Casos de *Clitic Dislocation* ocorrem ainda com o uso de pronomes tônicos.

Tendo concluído, com este capítulo, a apresentação da categoria dos clíticos e a descrição dos fenômenos de *Clitic Dislocation*, a seguir são apresentadas as considerações finais a esse estudo, as quais englobam também os pontos a serem desenvolvidos em estudos futuros.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como mencionado na Introdução deste trabalho, a intenção da realização desta pesquisa foi fazer uma descrição sobre a categoria dos clíticos e das construções com *Clitic Dislocation* no PB, no italiano, no espanhol e no francês, descrição esta que poderá servir de base para estudos mais teóricos/explicativos sobre esses temas no programa de doutorado.

Ainda na Introdução, foram apresentadas sentenças contendo *Clitic Dislocation* nas diversas línguas, com a intenção de mostrar o que os dados fornecem, antes de partir para uma análise das construções. É possível dizer que o retorno àqueles dados, após a leitura de todo o trabalho, é um bom indicativo de que o conteúdo presente nesta dissertação pode lançar luz sobre a sintaxe das sentenças.

A inclusão de dados do PE, como mencionado, não se deu no sentido de incluí-lo como uma das línguas neolatinas analisadas, mas de comparar o que acontece na variedade europeia do português com os dados do PB. Se julgado oportuno, entretanto, o PE poderá ter um papel mais importante nos estudos que se poderão fazer futuramente.

Com relação ao fenômeno do *Clitic Dislocation*, a ênfase foi dada às estruturas que apresentavam deslocamento de constituintes topicalizados exercendo as funções de objetos direto e indireto nas sentenças (sem descartar, no entanto, os casos em que isso se dava com os constituintes que apresentavam função locativa ou partitiva/genitiva, por exemplo). Foi possível constatar que tais estruturas compõem uma estratégia de articulação tópico-comentário em línguas neolatinas (e não de foco-suposição, uma vez que o caráter quantificacional do foco impede que haja um clítico resumptivo na sentença).

Sendo uma proposta deste trabalho considerar que o clítico se comporta semelhantemente a um afixo verbal, com características de um núcleo que deve ser incorporado a uma base verbal, a proposta de Sportiche (1998), mencionada na Introdução, se revela a mais adequada e simples para os estudos futuros, pois considera justamente o que acaba de ser dito. No entanto, também a proposta de Cecchetto (1999) poderá ser analisada com maior atenção, assim como o texto de Cinque (1990), “Types of A-bar Dependencies”, para um estudo mais detalhado acerca das estruturas com *Clitic Dislocation*.

Na sua evolução a partir do latim, tida como sua língua-mãe, as línguas românicas não herdaram a característica de possuírem declinações. Entretanto, um resquício desse padrão foi mantido no

sistema de pronomes pessoais, como foi possível verificar no Capítulo 1 deste trabalho: há pronomes que desempenham as funções nominativa, acusativa, dativa, locativa, genitiva (funções essas que podem ser consideradas também casos).

Os pronomes pessoais compõem uma subclasse dentro da classe dos pronomes, a qual engloba também os pronomes possessivos, demonstrativos, relativos, indefinidos e interrogativos. Dado que, pela definição, pronomes são elementos que podem substituir um termo, em português (PB e PE) há uma classificação incorreta na subclasse dos pronomes possessivos e dos pronomes demonstrativos, conforme mostrado nas sentenças (9, 10): mesmo quando esses termos modificam substantivos, ainda são nomeados “pronomes”. Tal incorreção não se verifica nas demais línguas, que os classificam como adjetivos (possessivos ou demonstrativos) quando acompanham um substantivo.

Dentro da subclasse dos pronomes pessoais, há ainda uma outra divisão: entre os pronomes pessoais clíticos (ou somente “clíticos”) e os pronomes pessoais não-clíticos (que englobam os pronomes tônicos e os nominativos em função acusativa, dativa ou oblíqua). Os clíticos correspondem aos pronomes pessoais átonos da GT, ou seja, pronomes que precisam se apoiar fonologicamente em outros termos (daí a menção a “pronomes átonos”). Há autores que classificam como clíticos também os pronomes pessoais nominativos (pois devem sempre se apoiar no verbo), mas para fins desta pesquisa, foram considerados clíticos somente os pronomes que ocorrem em função acusativa, dativa, reflexiva, locativa e partitiva/genitiva (conforme especificado nas Tabelas 1, 3, 7 e 10; nestas há ainda os clíticos que servem à expressão dos casos impessoais), pois estas são as funções que os clíticos desempenham nas construções com *Clitic Dislocation* (entretanto, não foram encontrados dados que envolvessem clíticos reflexivos nestas construções).

Como foi possível perceber, os sistemas de pronomes pessoais nas quatro línguas abordadas neste trabalho possuem muitas características comuns entre si, dentre elas a organização em casos, em pessoas e as marcas de gênero (mais ou menos numerosas de acordo com a língua em questão). Foi dada maior atenção ao sistema do PB basicamente por dois motivos: em primeiro lugar, por ser esta a língua materna do autor deste trabalho; em segundo lugar, por ser o PB uma língua que se diferencia das demais línguas românicas em vários fatores, dentre eles a não-verificação dos clíticos de terceira pessoa (P3 e P6) na variedade falada coloquial, assim como na Gramática Nuclear do



indivíduo. Esses clíticos só são incorporados pelo falante através do processo de letramento, quando fica claro a ele (geralmente na sua infância) que o emprego dos clíticos em P3 e P6 fica restrito à língua escrita ou à fala monitorada. Justamente por isso, verifica-se cada vez mais a substituição desses clíticos pelas formas nominativas em função acusativa ou dativa/oblíqua na língua oral coloquial, o que aos poucos está sendo incorporado pela língua escrita, como já mencionado. Nas demais línguas, entretanto, os clíticos de terceira pessoa são amplamente utilizados (assim como no PE), compondo inclusive as suas Gramáticas Nucleares, fato este que garante a sua manutenção na língua falada. Um ponto interessante relacionado a isso é a dificuldade de estudantes brasileiros em adquirir os sistemas pronominais das três línguas estrangeiras (italiano, espanhol e francês), o que se deve não somente ao fato de não termos presentes no PB oral os clíticos de P3 e P6, mas também por adotarmos recorrentemente a estratégia do objeto nulo (o que não se constata naquelas línguas), reduzindo ainda mais o emprego dos clíticos no PB. Já foram constatados pelo autor deste trabalho vários casos empíricos nos quais os aprendizes, após um longo período de estudos de uma (ou mais) desta(s) língua(s) estrangeira(s), passaram a adotar estes clíticos no seu idioleto em PB.

Outro ponto de diferenciação do PB em relação às suas línguas-irmãs é a perda progressiva do parâmetro do sujeito nulo: isso é devido principalmente por alterações no paradigma de conjugação verbal (pois a língua oral coloquial, em algumas regiões, já aceita nominativos de P2 a P6 em conjunto com verbos conjugados em P3, por exemplo; desse modo, torna-se indispensável a realização fonológica do pronome sujeito para dirimir ambiguidades)<sup>107</sup>. Tal fato não se verifica com as demais línguas: o francês é uma língua de sujeito não-nulo (também pelo fato de o paradigma de conjugação verbal apresentar a mesma forma fonológica para várias pessoas), e o italiano e o espanhol são línguas prototípicas de sujeito nulo (nestas duas línguas, o emprego do pronome sujeito com o verbo implica necessariamente ênfase ou foco contrastivo). No PB, o emprego do sujeito nulo é outro ponto que se aprende a partir do letramento, assim como os clíticos de terceira pessoa.

---

<sup>107</sup> Duarte (1995) também sustenta que, no PB, a mudança que provoca a perda do parâmetro do sujeito nulo é devida à redução do paradigma flexional. Entretanto, para Negrão (2000), a razão para isso não estaria no empobrecimento da flexão verbal, mas no fato de o PB ser uma língua orientada ao discurso.

O PB apresenta ainda outras duas características particulares: a não-verificação de formas combinadas ou contraídas de clíticos (as quais são de amplo emprego nas demais línguas abordadas neste trabalho, inclusive nas suas variedades orais, o que corrobora o fato de estas línguas não utilizarem a estratégia do objeto nulo) e a não-existência de uma forma nominativa de pronome pessoal para o tratamento formal na interlocução (nas demais línguas são verificados, por exemplo, *Lei* em italiano, *usted* em espanhol e *vous* em francês), devendo-se empregar “o(s) senhor(es)”, “a(s) senhora(s)”. Este último ponto diferencia o PB até mesmo do PE, pois neste último “você” é usado “fora do campo da intimidade, como tratamento de igual para igual ou de superior para inferior [...] (em idade, em classe social, em hierarquia)” (CUNHA; CINTRA, 2011, p. 306).

A exploração das formas pronominais usadas no PB oral na Seção 1.2 deixa clara a influência da variedade oral na formação da gramática de uma língua, sendo que formas da oralidade já estão sendo incorporadas pelo PB escrito (dentre elas o uso de “a gente” com o sentido de “nós”). Entretanto, como mencionado no texto, não foi possível apresentar as formas da oralidade para as demais línguas por limitações de tempo. Esse pode ser mais um ponto a ser explorado em estudos futuros.

No sistema pronominal do italiano há também particularidades em relação às demais línguas: é a única em que os pronomes pessoais de cortesia (clíticos ou não-clíticos) podem ser escritos com iniciais maiúsculas (fato que se estende também aos pronomes e adjetivos possessivos) e que apresenta uma forma de clítico limitada ao uso enclítico: o dativo em P6 *loro* (como se pode ver na sentença (27b)). Além disso, não há obrigatoriedade para a elisão de clíticos diante de verbos iniciados com som vocálico (naturalmente, para os clíticos que possibilitam elisão), enquanto que a elisão não existe nem no PB nem no espanhol (no francês, ela é obrigatória diante de verbos iniciados por vogal ou por h mudo para os clíticos que a admitem).

O espanhol se distingue das outras línguas mencionadas por não apresentar marcas de gênero limitadas a P3 e a P6 no seu sistema de pronomes pessoais<sup>108</sup>. Nesse sentido, o que mais chama atenção são as formas *nosotros/nosotras* e *vosotros/vosotras*: não há nas demais línguas

---

<sup>108</sup> Embora, como é possível verificar na Tabela 1, haja formas acusativas em P2 e P5 no PB que apresentam marcas de gênero. Tais formas, entretanto, têm ocorrência restrita e se originam das formas em P3 e P6 (as quais são igualmente restritas).

formas nominativas femininas para P4 e P5, ao contrário do que ocorre com o espanhol. *Vosotros/vosotras*, entretanto, são formas limitadas à variedade peninsular (da Espanha).

O *leísmo*, ou emprego do clítico dativo para pessoas masculinas no lugar do clítico acusativo é uma outra particularidade do espanhol peninsular. Isso vai ao encontro do emprego do objeto direto preposicionado, mencionado na Nota 3 (porém limitado ao masculino). Outra restrição regional do espanhol é a presença de *vos*, nominativo em P2, em algumas regiões hispanófonas da América Latina. Esta é a única ocorrência, dentre as línguas estudadas aqui, na qual há também mudança no paradigma verbal: cria-se uma mudança na conjugação verbal em P2 (ainda que restrita ao presente do indicativo e ao imperativo afirmativo).

Essas características regionais do espanhol (emprego de *vosotros/vosotras* e do *leísmo* na Espanha, assim como *vos* em partes da América Latina) podem fazer pensar na variação inevitável que ocorre quando uma língua possui usuários em vários países. Um paralelo pode ser feito em relação ao PB e ao PE: por estarem Portugal e o Brasil distantes fisicamente, e pelo fato de o PB ter sofrido influência de várias culturas ao longo da sua história, é natural esperar-se que haja diferenças entre as duas variedades de português<sup>109</sup>. Já no italiano e no francês não se observam variações da amplitude das verificadas no português e no espanhol. Talvez porque o italiano tenha uma abrangência bem menor (praticamente limitando-se à Itália, a parte da Suíça e a colônias de imigração italiana em alguns países) e o francês seja uma língua altamente conservadora (o que é revelado pelo fato de resistir até mesmo aos termos em inglês da área da informática, enquanto que as outras línguas os assimilam).

Com relação ao francês, além de apresentar o sistema de pronomes pessoais mais conciso dentre as quatro línguas, o que mais chama a atenção é a única forma para o tratamento formal: *vous* (que não tem formas diferentes para os diferentes casos). Além disso, como já citado, a obrigatoriedade de elisão dos clíticos diante de verbos começando por som vocálico ou por h mudo (para os clíticos que a possibilitam) também é uma particularidade dessa língua.

---

<sup>109</sup> Lucchesi e Baxter (1997) admitem um processo de crioulização para a origem do PB. No entanto, Scherre e Naro (2001) apresentam a hipótese de deriva interna das línguas, segundo a qual a forma do PB não-padrão teria se acelerado e maximizado através do contato com outras línguas.

Tomando as quatro línguas, pode-se dizer que, sob vários aspectos, há a formação de dois grupos (coincidentemente relacionados com a proximidade geográfica dos seus locais de origem). O primeiro grupo seria composto pelo italiano e o francês: as duas são as únicas línguas que apresentam clíticos locativos e partitivos/genitivos. Também, nas formas combinadas ou contraídas de clíticos (clíticos duplos), nem sempre a forma acusativa se localiza à direita nessas línguas, havendo casos especiais segundo o tempo verbal e os clíticos envolvidos. Além disso, essas duas línguas apresentam outros pontos em comum, dentre elas semelhanças lexicais e o uso de dois auxiliares na formação de tempos compostos (que apresentam várias regras semelhantes tanto em uma língua como na outra para a escolha entre um ou outro auxiliar): *essere/être* (“ser”/“estar”) e *avere/avoir* (“ter”).

No outro grupo se localizariam o português (PB ou PE) e o espanhol: nelas não se verificam formas fonologicamente realizadas de clíticos locativos e partitivos/genitivos; as formas de clíticos duplos (quando admitidas) ocorrem sempre com o acusativo à direita, independentemente do tempo verbal em que o verbo se encontre ou dos clíticos envolvidos. E como se sabe, as semelhanças lexicais entre essas duas línguas são bastante grandes também.

Entretanto, essa divisão proposta em dois grupos não funciona quando um ponto é levantado: a forma de indicar graficamente a ênclise aos verbos. Em italiano e em espanhol, os clíticos enclíticos se amalgamam ao verbo, enquanto que em português (PB ou PE) e em francês os clíticos são separados dos verbos através de hífen quando em ênclise.

Na caracterização dos fenômenos de focalização e de topicalização, Rizzi (1997) aponta cinco diferenças entre eles (dadas na Seção 2.1.3). Entretanto, somente duas dessas diferenças são vistas como tendo relação direta com o escopo deste trabalho (ou seja, com as estruturas com *Clitic Dislocation*): a unicidade do foco na sentença (em oposição à possibilidade de topicalização de quantos constituintes se queira) e a possibilidade de retomada do tópico no comentário, através de um clítico resumptivo (em oposição à incompatibilidade do foco com esse clítico). Como visto, para esta última diferença, não se fala em obrigatoriedade de clítico resumptivo para a retomada do constituinte topicalizado no seu comentário. É claro que, em estruturas de topicalização, dependendo da função do constituinte topicalizado na sentença e da língua em questão, a presença deste clítico será obrigatória ou não. Mas o que se pode concluir neste ponto para as sentenças

consideradas gramaticais é: a presença do clítico resumptivo indicará topicalização; sua ausência, entretanto, poderá indicar focalização ou topicalização, dependendo do caso. Nesta última situação, será o contexto comunicativo a esclarecer de qual fenômeno se trata.

Com relação a esses fenômenos, um ponto que permanece para maiores esclarecimentos nos estudos futuros é o mapeamento mais detalhado da periferia esquerda da sentença (tomando como ponto inicial a proposta de Rizzi (1997), apresentada na Figura 4), assim como da periferia baixa de IP, proposta por Belletti (2004). A partir disso, será buscado estabelecer também com maior precisão as posições de outras projeções dentro de IP, dentre elas CliticP.

O principal efeito de transparência da reestruturação sentencial para este trabalho, como mencionado na Seção 2.2, é o alçamento do clítico (ou *Clitic Climbing*), o qual se mostrou importante para a melhor compreensão de alguns testes realizados no Capítulo 3. Entretanto, um outro efeito é a negação: quando é possível posicioná-la somente no verbo mais encaixado, isso constitui um indício de uma estrutura bifrasal na sentença, ou seja, o verbo matriz não é um verbo funcional; caso contrário, a estrutura será monofrasal. Essa última situação ocorre com sequências verbais com dois verbos em geral quando o verbo matriz é um modal (como *potere*, “poder” em italiano), um aspectual (como *finire*, “terminar” em italiano) ou um verbo de movimento (como *venire*, “vir” em italiano). Dessa forma, a reestruturação sentencial depende das características do verbo matriz da sequência verbal. Considerando-se as quatro línguas nesta pesquisa, nota-se que a aplicação da regra de reestruturação apresenta indícios dados pelo alçamento do clítico no italiano e no espanhol, indícios estes ausente no francês (de acordo com o exposto na Seção 3.1.2.2). O PB ainda apresenta resquícios destes indícios na variedade escrita, no sentido que o alçamento do clítico ainda se mostra possível. Porém, na língua falada isso não se verifica, sendo que o clítico se mantém geralmente em próclise ao verbo mais encaixado (o clítico em P3 e P6, entretanto, seria posicionado em ênclise, mas não ocorre no PB oral). Talvez uma causa para isto seja a perda do clítico de terceira pessoa na variedade oral. No PE, entretanto, o alçamento do clítico parece ser ainda bastante produtivo. Restam então mais estas questões para serem pesquisadas posteriormente, assim como um maior detalhamento sobre o fenômeno de reestruturação sentencial.

A realização dos testes para a caracterização da categoria dos clíticos, realizados no Capítulo 3, possibilitou uma série de conclusões.

A primeira foi a constatação, nas demais línguas além do PB, das conclusões a que Kanthack (2002) já havia chegado no seu trabalho sobre o PB: de que os clíticos não se comportam como DPs/PPs lexicais ou como pronomes não-clíticos (relativamente a os clíticos não poderem ocupar as posições que aqueles constituintes ocupam na sentença, não poderem ocorrer como item isolado, receber acento contrastivo ou serem modificados por advérbios), assim como os DPs/PPs e os pronomes não clíticos não poderem ocupar as mesmas posições sentenciais que os clíticos ocupam. Além disso, ficou comprovado nas quatro línguas o caráter nuclear do clítico, o qual se incorpora ao verbo assim como uma desinência verbal o faz: a não-possibilidade de ocorrência de elementos entre o clítico e o verbo, como advérbios ou até mesmo uma negação sentencial, foi esclarecedor neste sentido<sup>110</sup>.

Com relação ao teste de acento contrastivo (Seção 3.1.1.5), ficou clara a importância de uma análise interlinguística para a validação do teste: limitando-se ao PB (como realizado por Kanthack(2002)), houve dúvidas sobre a agramaticalidade das sentenças em (86a, b), pois para alguns falantes não haveria problema em aceitar que os clíticos possam receber acentuação contrastiva. Entretanto, na avaliação dos informantes para as demais línguas, sentenças com estruturas semelhantes a (86a, b) (as quais se localizam nos grupos (87-89)) foram todas consideradas agramaticais para a focalização contrastiva do clítico. Inclusive, considerando que o objetivo da Sintaxe Gerativa é levantar as características da GU, uma análise envolvendo várias línguas é sempre bem-vinda.

O momento de maior complexidade na execução dos testes nesta pesquisa foi a verificação das posições de ocorrência dos clíticos nas diversas línguas (Seção 3.1.2 e Tabela 13). Isso porque, como foi demonstrado, cada língua licencia clíticos em posições diferentes em relação ao verbo ou à sequência verbal, segundo o tempo verbal empregado ou a ocorrência ou não de alocamento do clítico (o que indica a aplicação da regra de reestruturação). Entretanto, uma conclusão interessante pode ser obtida a partir desse fato: as línguas neolatinas

---

<sup>110</sup> Embora não citado no corpo do trabalho, outro fato que pode corroborar a hipótese segundo a qual o clítico pode ser tratado da mesma forma que um afixo verbal é a mesóclise, em que o clítico se põe entre o radical e as desinências verbais no futuro do pretérito e no futuro do presente (BECHARA, 2011, p. 824). Como se sabe, entretanto, a mesóclise encontra-se em desuso no PB, sendo substituída pela próclise nos tempos verbais citados (CUNHA; CINTRA, 2011, p. 324).

analisadas apresentam preferência pela posição proclítica para o clítico, como a observação da Tabela 13 indica (ali se verificam 25 menções a próclise e 13 a ênclise). Isso vai ao encontro do que se verifica atualmente para o PB oral: a admissão da próclise sem restrições.

No teste de posição pós-verbal do clítico (Seção 3.1.2.3), não foi uma preocupação escolher sequências verbais com a presença ou não de verbos de reestruturação (embora eles estejam presentes nos dados considerados). Isso porque, nas sentenças em que havia sequências verbais, como a intenção era a análise da ênclise ao verbo mais encaixado, mostrou-se irrelevante a escolha do verbo matriz.

Um ponto bastante interessante com relação ao espanhol ficou claro na realização dos testes: a grande ocorrência de clíticos resumptivos nas sentenças utilizadas como dados (muitos destes clíticos foram incluídos após a avaliação das sentenças pelo informante Nestor Ricardo Tejada pois, para um lusófono, tais elementos parecem supérfluos). Esses elementos não têm um emprego tão recorrente nas demais línguas, como é possível ver pela comparação das sentenças (120b-c') em espanhol com as correspondentes em italiano (117b-c') e em francês (122b-c'): nos exemplos destas duas últimas línguas não se constata clíticos resumptivos. Tais sentenças são transcritas abaixo em (185-187):

- (185)<sub>E</sub> a. Escúcha[lo]<sub>i</sub> [a Pedro]<sub>i</sub> siempre!  
escuta(P2)-o(cl.acc.) a(pred.) P. sempre  
“Escuta-o sempre, o P.!”  
b. Escúcha[lo]<sub>i</sub> siempre [a Pedro]<sub>i</sub>!  
c. Escúcha[lo]<sub>i</sub> [a él]<sub>i</sub> siempre!  
d. Escúcha[lo]<sub>i</sub> siempre [a él]<sub>i</sub>!
- (186)<sub>I</sub> a. Ascolta Gianni, sempre! / Non ascoltare Gianni, mai!  
escuta(P2) G. sempre / não escutes(P2) G. nunca  
“Escuta sempre o G.!” / “Não escutes nunca o G.!”  
b. Ascolta sempre Gianni! / Non ascoltare mai Gianni!  
c. Ascolta lui, sempre! / Non ascoltare lui, mai!  
d. Ascolta sempre lui! / Non ascoltare mai lui!
- (187)<sub>F</sub> a. Écoute Pierre toujours!  
escuta(P2) P. sempre  
“Escuta sempre o P.!”  
b. Écoute toujours Pierre!

- c. Écoute LUI toujours (, pas ELLE)!  
escuta(P2) ele(pron.tôn.) sempre não ela(pron.tôn.)  
“Escuta sempre ELE, não ELA!”
- d. Écoute toujours LUI (, pas ELLE)!

Isso indica uma maior ocorrência de construções com *Clitic Dislocation* em espanhol do que nas demais línguas, como foi indicado no Capítulo 4 desta pesquisa (discutido abaixo). A coindexação entre os clíticos e os PPs correspondentes em (185) apontam esse fato.

Com relação aos informantes, um ponto importantíssimo para a validação dos testes realizados nesta pesquisa foi a submissão a falantes nativos das sentenças que compunham os dados a analisar. Isso porque, por mais que se estude uma língua como L2, a intuição do aprendiz muito dificilmente se igualará à intuição do falante nativo. Além disso, a troca proporcionada entre o autor deste trabalho e os informantes foi extremamente rica no sentido de possibilitar ao primeiro uma percepção mais precisa das nuances envolvidas em cada estratégia de comunicação, através da análise das construções sentenciais em questão. Pode-se dizer que uma boa parte do aprendizado obtido com a realização deste trabalho se deu nesses momentos de troca.

A expansão da projeção CliticP, dada na Figura 6, é mais um ponto para futuros estudos pois, como visto ainda no Capítulo 1, em caso de combinações ou contrações de clíticos suas ordens não são fixas, dependem da língua em questão, do tempo verbal envolvido e dos tipos de clíticos. Esta expansão deve então ser acompanhada de algum mecanismo que possa prever essas ordens.

Ainda que Rizzi (1993) e Belletti (1995) não admitam que o clítico seja originado na sua projeção CliticP (ao contrário do que Sportiche (1998) propõe), os movimentos apresentados na proposta destes autores poderão lançar luz sobre os estudos futuros acerca da categoria dos clíticos. Além disso, esses autores poderão ser diretamente consultados (neste trabalho, as informações sobre esses movimentos foram obtidas a partir das resenhas feitas por Kanthack (2002)).

Nas línguas neolatinas, como mencionado anteriormente, o *Clitic Dislocation* é visto como a estratégia a que se recorre para a expressão da articulação tópico-comentário (entretanto, como visto para o grego moderno, tal estratégia não se limita às línguas românicas). Por se tratar de uma construção que envolve clíticos resumptivos, somente a topicalização de constituintes é possível a partir dela, sendo a



focalização impossível (como visto no Capítulo 2, dado o caráter quantificacional do foco).

As construções com *Clitic Dislocation* se verificam sobretudo nas variedades orais das línguas, como uma alternativa ao emprego da forma passiva, a qual é sobretudo empregada na variedade escrita (mas o *Clitic Dislocation* não possui as restrições da passivização: não só o objeto direto pode ser topicalizado, mas qualquer constituinte que possa ser retomado por um clítico resumptivo).

Há na literatura da área, entretanto, certa confusão com relação à nomenclatura dos tipos de *Clitic Dislocation*: Agouraki (1992), por exemplo, usa o termo *Clitic Doubling* (CD) como sinônimo de CLRD. Neste trabalho, entretanto, segue-se o que Cecchetto (1999) propõe: o que diferencia o CD do CLRD é que, neste último, ao contrário do que acontece no CD, existe uma pausa diante do termo deslocado à direita.

O CLLD é mais referenciado na literatura da área porque a maioria dos autores assumem que o que vale para ele, vale também para o CLRD. Kayne (1994), por exemplo, assume que o CLRD nada mais é do que o CLLD com um movimento remanescente do IP que abriga o comentário para uma posição de foco acima daquela em que se posiciona o termo topicalizado, como ilustrado na Figura 14. Porém, como visto, esse não é o caso: no CLRD, não é o elemento deslocado à direita que é colocado em primeiro plano (como acontece com o elemento deslocado à esquerda no CLLD), mas sim o predicado verbal, ou seja, o comentário. O elemento deslocado no CLRD tem somente a função de fornecer uma maior clareza expositiva. Belletti (2005) defende que, no CLRD e no CD, o elemento deslocado não permanece *in situ*, mas se desloca para uma posição dentro da periferia baixa de IP. Porém, ainda resta esclarecer a diferença que se pode assumir entre o CLRD e o CD em termos sintáticos.

A falta dos clíticos de terceira pessoa (P3 e P6) no PB oral, como mencionado no texto, impede que nesta variedade se verifiquem estratégias de *Clitic Dislocation*. Porém, como toda língua pode ser comparada a um organismo vivo, sua capacidade de adaptação pode ser vista como uma das características que a faz um meio apropriado para a comunicação humana. Neste sentido, outras estratégias são empregadas no PB para a expressão da articulação tópico-comentário: o emprego de pronomes lembretes é uma delas, estratégia essa que pode ter dado origem ao *Left Dislocated*. No LD, o elemento topicalizado à esquerda é retomado no comentário por meio de um pronome tônico. Quando essa retomada é realizada por uma categoria vazia (o que se justifica pela

grande difusão do objeto nulo no PB), tem-se então o *Null Constant Left Dislocated*. No PE e no PB escrito, como são verificados clíticos de terceira pessoa, ainda podem ser verificadas construções com *Clitic Dislocation*.

Nas outras três línguas, particularidades se verificam em relação às construções com *Clitic Dislocation*. No italiano, nas construções com deslocamento à esquerda, o emprego do clítico resumptivo só é obrigatório quando este for um partitivo ou um objeto direto (compondo assim o CLLD). Nos demais casos (inclusive CLRD e CD), o emprego do clítico é facultativo e restrito a contextos coloquiais. Ou seja, como mencionado acima, as estratégias de *Clitic Dislocation* são típicas da comunicação oral.

Para o espanhol, sempre que há deslocamento à esquerda deve haver clítico resumptivo no comentário (desse modo, o CLLD é mais frequente que em italiano). O clítico deve ser realizado fonologicamente também quando se referir a um objeto indireto deslocado, independentemente da posição que ocupe na sentença (caracterizando assim o CLLD, o CLRD ou o CD). O mesmo acontece quando se verificam verbos de sensação (como *gustar* – “gostar”/“agradar” ou *doler* – “doer”).

Em relação ao francês, as construções com *Clitic Dislocation* são menos empregadas que em italiano ou em espanhol. Essas construções praticamente se limitam aos casos em que se tem pronomes tônicos deslocados (embora possa haver uma pequena ocorrência quando há DPs ou PPs deslocados).

No início desta pesquisa, tinha-se uma hipótese: a de que, dentre as línguas consideradas, as construções com *Clitic Dislocation* eram mais frequentes em espanhol. Tal fato se confirmou, pois nesta língua, além do CLLD e do CLRD, é ainda muito produtiva a estratégia do *Clitic Doubling*. O italiano, como previsto, é a segunda língua em frequência de ocorrência dessas construções. Em francês, o *Clitic Dislocation* não é uma estratégia de grande constatação, e no PB, como visto, praticamente inexistente, dada a não-ocorrência de clíticos de terceira pessoa na variedade oral e a utilização de estratégias alternativas de articulação tópico-comentário que não envolvem clíticos (dessa forma, em PB há ainda menos ocorrência de *Clitic Dislocation* que em francês, ao contrário do que foi hipotetizado na Introdução deste trabalho).

Para o futuro (em elaboração de tese de doutorado), é desejável que estes estudos progridam no sentido de conjugar de forma mais eficiente as teorias admitidas neste trabalho: partindo da proposta de

Sportiche (1998) sobre o caráter nuclear do clítico, e a partir da observação mais fina dos dados aqui apresentados (e de outros que certamente serão considerados, dentre eles as situações em que uma proposição inteira se encontra deslocada na sentença, como mencionado nas Notas 100 e 102), contribuir para os estudos cartográficos, especificando com mais detalhes as diversas projeções necessárias para a derivação das sentenças na periferia esquerda (tendo por base Rizzi (1997)) e na periferia baixa de IP (segundo a proposta de Belletti (2004)). Assim, serão realizados estudos mais teóricos/explicativos do que os realizados até aqui, dentro da Sintaxe Gerativa.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGOURAKI, Yoryia. *Clitic-Left-Dislocation and Clitic Doubling: a unification*. In: UCL Working Papers in Linguistics 4, Aikawa, Takako, 1992, p. 45-70
- BECHARA, Evanildo. *Dicionário da Língua Portuguesa Evanildo Bechara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.
- BELLETTI, Adriana. Aspects of The Low IP Area. In: RIZZI, Luigi (ed.). *The Structure of IP and CP: The Cartography of Syntactic Structures*, vol. 2. New York: Oxford University Press, 2004, p. 16-51.
- \_\_\_\_\_. *Extended Doubling and The VP Periphery*. In: Probus 17, 2005, p. 1-35.
- BILDHAUER, Felix. Clitic Left Dislocation and Focus Projection in Spanish. In: MÜLLER, Stefan (Ed.). *Proceedings of The 15th International Conference on Head-Driven Phrase Structure Grammar*. Stanford, CA: National Institute of Information and Communications Technology, Keihanna, CSLI Publications, 2008, p. 346-357.
- BOULARÈS, Michèle; FRÉROT, Jean-Louis. *Grammaire Progressive du Français: Niveau Avancé avec 400 exercices*. Tours: CLE International, 1997.
- CALLAMAND, Monique. *Grammaire Vivante du Français*. Paris: Larousse, 1987.
- CADINALETTI, Anna; SHLONSKY, Ur. *Clitic Positions and Restructuring in Italian*. In: Linguistic Inquiry, vol. 35, n. 4. Massachusetts Institute of Technology, 2004, p. 519-557.
- CASTRO, Francisca. *Uso de la Gramática Española: avanzado*. España: Edelsa Grupo Didascalía, 1997a.
- \_\_\_\_\_. *Uso de la Gramática Española: elemental*. España: Edelsa Grupo Didascalía, 1996.

- 
- \_\_\_\_\_. *Uso de la Gramática Española: intermedio*. España: Edelsa Grupo Didascalía, 1997b.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Grammaire du Sens et de l'Expression*. Paris: Hachette, 1992.
- CECCHETTO, Carlo. *A Comparative Analysis of Left and Right Dislocation in Romance*. In: *Studia Linguistica* 53(1), 1999, p. 40-67.
- CINQUE, Guglielmo. "Restructuring" and Functional Structure. In: \_\_\_\_\_, *Restructuring and Functional Heads: The Cartography of Syntactic Structures*, vol. 4. New York: Oxford University Press, 2006, p. 11-63.
- CRUSCHINA, Silvio; REMBERGER, Eva-Maria. *Focus Fronting in Sardinian and Sicilian*. In: *Studies in Linguistics*, vol. 3, Siena: Università degli Studi di Siena, 2009, p. 118-130.
- CUNHA, Celso Ferreira da; CINTRA, Luís Filipe Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 5. ed. de acordo com a nova ortografia. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.
- DARDANO, Maurizio; TRIFONE, Pietro. *La Nuova Grammatica della Lingua Italiana*. Bologna: Zanichelli, 1997.
- DINIZ, Carolina Ribeiro. *O Redobro de Clíticos no Dialeto Mineiro do Português Brasileiro e no Espanhol Rio-Platense*. In: *Revista Estudos Linguísticos* XXXVI(1). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007, p. 152-161.
- DUARTE, Maria Eugenia Lammoglia. *A perda do princípio "evite pronome" no português brasileiro*. (Tese) Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, SP, 1995.
- 
- \_\_\_\_\_. O Papel da Sociolinguística na Descrição da Gramática da Escrita Contemporânea. In: MARTINS, Marco Antônio; TAVARES, Maria Alice (Orgs.). *Contribuição da Sociolinguística e da Linguística Histórica para o Ensino de Língua Portuguesa (Coleção*

*Ciências da Linguagem Aplicadas ao Ensino*, v. 5). Natal, RN: EDUFRN, 2013, p. 115-142.

DUBOIS, Jean et al. *Dicionário de Linguística*. [direção e coordenação geral da tradução de Izidoro Blikstein] São Paulo: Cultrix, 2006 [1978].

FANJUL, Adrián (org.). *Gramática y Práctica de Español para Brasileños*. São Paulo: Moderna/Santillana, 2005.

FERREIRA, Núbia. *Auxiliares: Uma Subclasse dos Verbos de Reestruturação*. (Tese) Programa de Pós-Graduação em Linguística, UFSC, Florianópolis, SC, 2009, 193 p.

GALVES, Charlotte. *Ensaio sobre as Gramáticas do Português*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

GRÉGOIRE, Maïa; KOSTUCKI, Alina. *Grammaire Progressive du Français: Niveau perfectionnement avec 600 exercices*. France: CLE International, 2012.

GRÉGOIRE, Maïa; THIÉVENAZ, Odile. *Grammaire Progressive du Français: Niveau intermédiaire avec 600 exercices*. Nouvelle édition. Paris: CLE International, 2005.

KANTHACK, Gessilene Silveira. *Clíticos no Português Brasileiro*. (Tese) Programa de Pós-Graduação em Linguística, UFSC, Florianópolis, SC, 2002, 174 p.

KATO, Mary Aizawa. A Gramática Nuclear e a Língua-I do Brasileiro. In: MARTINS, Marco Antônio (Org.). *Gramática e Ensino (Coleção Ciências da Linguagem Aplicadas ao Ensino, v. 1)*. Natal, RN: EDUFRN, 2013, p. 147-164.

LE PETIT ROBERT. *Au Cœur des Langues d'Europe*. Paris: Dictionnaires Le Robert, 2002.

LOPES, Célia Regina. Pronomes Pessoais. In: VIEIRA, Silvia Rodrigues; BRANDÃO, Silvia Figueiredo (Orgs.). *Ensino de Gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2013, p. 103-119.

- LUCCHESI, D.; BAXTER, A. *A relevância dos processos de pidginização e crioulização na formação da língua portuguesa no Brasil*. Revista Estudos Linguísticos e Literários, v. 19, p. 65-84, 1997.
- MIOTO, Carlos. *Focalização e Quantificação*. In: Revista Letras, vol. 61. Curitiba: Editora UFPR, 2003, p. 169-189.
- \_\_\_\_\_. *Negação Sentencial no Português Brasileiro e Teoria da Gramática*. (Tese) Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Unicamp, Campinas, SP, 1992, 246 p.
- \_\_\_\_\_. *Sobre o Sistema CP no Português Brasileiro*. In: Revista Letras, n. 56. Curitiba: Editora UFPR, 2001, p. 97-139.
- MIOTO, Carlos; SILVA, Maria Cristina Figueiredo; LOPES, Ruth. *Novo Manual de Sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2013.
- NADDEO, Ciro Massimo. *I Pronomi Italiani: grammatica, esercizi, giochi*. Firenze: Alma Edizioni, 1999.
- NEGRÃO, Esmeralda Vailati. *O português brasileiro: uma língua voltada para o discurso*. Boletim da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN), Fortaleza, v. 25, p. 183-199, 2000.
- PEREIRA, Ana Luiza Dias. *Os Pronomes Clíticos do PB Contemporâneo na Perspectiva Teórica da Morfologia Distribuída*. (Tese) Florianópolis: Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, 2006, 215 p.
- PONTES, Eunice. *Verbos auxiliares em português*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1973.
- QUAREZEMIN, Sandra. Foco e Tópico nas Línguas Naturais. In: TAVEIRA, Ronald (org.) *As Interfaces da Gramática*. Curitiba, PR: CRV, 2012, p. 99-117.



RIZZI, Luigi. The Fine Structures of Left Periphery. In L. Haegeman (Ed.) *Elements of Grammar*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1997, p. 281-337.

\_\_\_\_\_. Some Notes on Romance Cliticization. In \_\_\_\_\_. *Comparative Syntax and Language Acquisition*. London: Routledge, 2000, p. 102-131.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. *Sobre as origens estruturais do português brasileiro: crioulização ou mudança natural?* Papia, n. 11, p. 40-50, 2001.

SILVESTRETTI, Marcello et al. *L'Italiano e l'Italia: Lingua e Civiltà Italiana per Stranieri – livello medio e superiore*. Perugia: Guerra, 1996.

SPORTICHE, Dominique. *Partitions and Atoms of Clause Structure: Subjects, Agreement, Case and Clitics*. New York: Routledge, 1998.

\_\_\_\_\_. *Structural Invariance and Symmetry in Syntax*. (Tese) Massachusetts Institut of Technology (MIT), 1983.

ZATARAIN, Irma Munguía; ZATARAIN, Martha Elena Munguía; ROMERO, Gilda Rocha. *Gramática de la Lengua Española: Reglas y Ejercicios*. México: Larousse, 1998.

ZIGLIO, Luciana; RIZZO, Giovanna. *Nuovo Espresso 1 (A1): Corso di italiano – Libro dello studente e esercizi*. Firenze: Alma, 2014.